

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento

Felipe Bigoto da Costa

**CONSTRUÇÃO E INVESTIGAÇÃO DAS QUALIDADES PSICOMÉTRICAS
INICIAIS DO INSTRUMENTO INDICADORES DE RESILIÊNCIA PARA
ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS**

Belo Horizonte

2023

Felipe Bigoto da Costa

**CONSTRUÇÃO E INVESTIGAÇÃO DAS QUALIDADES PSICOMÉTRICAS
INICIAIS DO INSTRUMENTO INDICADORES DE RESILIÊNCIA PARA
ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Mensuração e Intervenção em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Karina da Silva Oliveira

Belo Horizonte

2023

153.4 Costa, Felipe Bigoto da.
C837c Construção e investigação das qualidades psicométricas
2023 iniciais do instrumento indicadores de resiliência para
adolescentes e jovens adultos [manuscrito] / Felipe Bigoto da
Costa. - 2023.
134 f.
Orientadora: Karina da Silva Oliveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.Psicologia – Teses. 2. Psicometria - Teses. 3.Resiliência
(Traço da personalidade) - Teses. 4.Psicologia positiva -
Teses. I. Oliveira, Karina da Silva. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA: COGNIÇÃO E COMPORTAMENTO

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO FELIPE BIGOTO DA COSTA

Realizou-se, no dia 18 de dezembro de 2023, às 09:00 horas, por videoconferência, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *CONSTRUÇÃO E INVESTIGAÇÃO DAS QUALIDADES PSICOMÉTRICAS INICIAIS DO INSTRUMENTO INDICADORES DE RESILIÊNCIA PARA ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS*, apresentada por **FELIPE BIGOTO DA COSTA**, número de registro 2022659290, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA: COGNIÇÃO E COMPORTAMENTO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Karina da Silva Oliveira - Orientador (UFMG), Prof(a). Daniela Sacramento Zanini (PUC-Goiás), Prof(a). Marcia Calixto dos Santos (Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL).

A Comissão considerou a dissertação:

(x) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2023.

Prof(a). Karina da Silva Oliveira (Doutora)

Prof(a). Marcia Calixto dos Santos (Doutora)

Prof(a). Daniela Sacramento Zanini (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Karina da Silva Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 18/12/2023, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcia Calixto dos Santos, Usuário Externo**, em 27/12/2023, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Sacramento Zanini, Usuária Externa**, em 01/02/2024, às 15:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2861611** e o código CRC **64AEE132**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a minha mãe, Angela Maria Bigoto da Costa, e meu pai, Afonso Pedro da Costa, por terem me criado e me tornado a pessoa que sou hoje. Se hoje estou aqui, é graças a eles. Independente das desavenças que acontecem no decorrer da vida, sou muito grato a tudo que vocês me possibilitaram e me possibilitam. Agradeço por sempre me apoiar em minhas decisões, afinal, fui para outro Estado sozinho para seguir meus sonhos. Agradeço também a minha irmã, Sueny Bigoto da Costa, por ajudar a cuidar de mim desde pequeno e por sempre me apoiar em minhas escolhas. E não poderia deixar de agradecer por colocar a pessoinha que me ajudou a enxergar ainda mais o quanto a vida é uma maravilha, minha sobrinha Laura da Costa Gonçalves. Ao meu cunhado André, o bisô Aparecido e todos os parentes dessa família, obrigado por fazer a minha vida mais alegre. Agradeço também aos meus familiares distantes que, apesar de estarmos longe, ficam contentes com minhas conquistas. Amo vocês, obrigado por tudo!!!

Alexssandra Rodrigues Batista Silva, minha futura esposa, as coisas acontecem de um jeito misterioso né? Em uma hora você está vivendo sua vida tranquilamente e em outra você se encontra completamente apaixonado. Obrigado por ter entrado na minha vida. Agradeço a Deus todos os dias por ter te encontrado. Sem você me apoiando e me ajudando, não sei se teria conseguido dar conta de tudo que fiz nesse mestrado. Você chegou para iluminar minha vida!! Junto, chegou mais uma família, que agradeço muito por ter me acolhido e me fazer sentir-se bem. Graças a vocês conheci o Fredão, Hanna e todos os outros (a lista é grande), e isso me ajudou a enxergar a alegria que os cachorros trazem para nossas vidas. Amo vocês também!! Agradeço a todos os meus amigos, os antigos e aos que conheci quando iniciei essa nova etapa da minha vida (o mestrado), já que mudei para um lugar completamente diferente sem conhecer praticamente ninguém. Ana, Petrus, Dani, Elder, Rafa e todos os outros.

Um agradecimento mais que especial a melhor orientadora e mãe acadêmica que eu poderia ter, a Karina da Silva Oliveira. Muito obrigado por tudo. Lembro até hoje, que meu primeiro contato com você foi quando te vi como banca de um trabalho de conclusão de curso de outro aluno no curso de psicologia do UNISAL em Americana/SP. Tempos depois, surgiu o interesse em fazer iniciação científica e acabei entrando em contato com você e explicando minha ideia de projeto. A partir daí, e graças a Deus, demos super certo com nossos trabalhos em conjunto. Você me possibilitou enxergar o mundo acadêmico de uma forma ainda melhor. Graças a você eu tomei a decisão de vir para Belo Horizonte tentar fazer mestrado na UFMG,

e pasmem, foi uma das melhores escolhas que eu fiz. Então, muito obrigado mesmo por todo o carinho e paciência que você tem comigo. Sem você essa dissertação nunca teria sido construída! Você é um exemplo de pessoa, e ainda, consegue mostrar que trabalhar com o que você ama vale a pena.

Agradeço também a Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini por ter aceitado o convite para ser uma participante da minha banca de defesa de Mestrado. Um agradecimento especial por ter sido minha banca de qualificação de mestrado também. Suas contribuições foram incríveis e você me abriu os olhos para diversas oportunidades. É uma honra poder contar com suas contribuições novamente, muito obrigado! Meus sinceros agradecimentos para a Profa. Dra. Márcia Calixto dos Santos, que eu conheci há anos no curso de psicologia no qual me formei. Você fez eu me apaixonar ainda mais pela psicologia, e agora, contar com você para participar da minha banca de defesa é uma grande honra para mim, obrigado!! Já agradeço de antemão as contribuições, que tenho certeza de que serão incríveis. Também agradeço a Prof. Dra. Silvia Miranda Amorim por ter aceitado novamente o convite para minha banca, dessa vez como suplente. Obrigado pelas suas contribuições em minha qualificação, pois foram essenciais para o meu desenvolvimento e desenvolvimento desse projeto. Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela possibilidade de realização de todo percurso do mestrado como bolsista, o que me possibilitou dirigir maior foco ao projeto.

Mais uma etapa em minha vida está se concluindo, dessa vez, é o mestrado, contudo, não vou parar por aí. Se tudo ocorrer bem, no próximo ano iniciarei meu Doutorado, para continuar o projeto que iniciei nesse mestrado, para que futuramente eu alcance o meu objetivo com toda essa minha dedicação, conseguindo melhorar, ainda mais, a qualidade de vida das pessoas, afinal ser psicólogo é isso.

Olhar para trás e pensar em minha trajetória de vida me faz refletir sobre tudo o que já passei para estar onde estou hoje, e me mostra o quão a vida é maravilhosa e deve ser vivida da melhor forma possível. Apesar dos obstáculos e dificuldades (que muitas vezes parecem insolucionáveis) é possível passar por eles. Na área acadêmica, dizem que você pesquisa aquilo que você se identifica, e posso dizer, com total convicção, que tal afirmação não poderia ser mais verdadeira!

RESUMO

Costa, F. B. (2023). Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Federal de Minas Gerais.

A resiliência pode ser entendida como um construto psicológico que se refere a adaptação bem-sucedida frente a uma adversidade, percebida ou real, composta por diversos sistemas e que pode ser apresentada por qualquer pessoa em qualquer momento da vida. Indiferente a sua relevância, observa-se a escassez de instrumentos para mensurar a resiliência, notadamente materiais que sejam brasileiros. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi construir uma escala de resiliência para adolescentes e jovens adultos (12 a 30 anos), e investigar as propriedades psicométricas iniciais através de quatro estudos. No estudo 1, apresenta-se a teoria psicológica que fundamenta o instrumento, assim como os 133 itens iniciais, em formato *Likert* de autorrelato para o material intitulado como Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos (IRAJA). O segundo estudo buscou evidências de validade de conteúdo, através de análise de juízes e análise semântica com a população-alvo. Para a análise de juízes, foram convidados seis especialistas para avaliarem os itens quanto a sua clareza e relevância através de um formulário online. Os dados foram analisados quanto a concordância simples entre juízes, mantendo os itens $\geq 80\%$ e avaliados com Índice de Validade de Conteúdo (IVC), mantendo itens $\geq 0,83$. Para análise semântica, participaram dez pessoas com idades dos estratos extremos de avaliação. Os dados foram analisados qualitativamente em relações as sugestões para alterações dos itens. Ao fim, 66 itens se mostraram adequados. O estudo 3 tratou-se de um estudo piloto, em que uma versão-piloto da escala foi aplicada em 46 participantes, com idades entre 12 e 30 anos ($M = 19,5$ anos, $DP = 2,97$). Os dados foram analisados qualitativamente, buscando realizar alterações nos itens de acordo com sugestões. Também foi realizada a padronização de aplicação. Ao final, os 66 itens continuaram adequados. O quarto estudo buscou evidências de validade baseadas na estrutura interna e confiabilidade, através de análise fatorial exploratória (AFE) e consistência interna (ômega de McDonald, alfa de Cronbach e lambda 6 de Gutman). O instrumento foi aplicado em 362 participantes com idades entre 12 e 30 anos ($M = 17,2$ anos, $DP = 3,74$). Os itens que apresentaram carga fatorial $\geq 0,5$ foram mantidos, assim como consistência interna $\geq 0,70$. Dessa forma, o instrumento em sua versão final ficou com 34 itens, compostos por 7 fatores (estabilidade emocional, expectativa positiva de futuro, acolhimento social, suporte familiar, tolerância a frustração, equilíbrio e recuperação emocional, e enfrentamento a resposta emocional). Com isso, encontraram--se boas evidências psicométricas iniciais para o IRAJA, fundamentando estudos futuros que visem o refinamento do material e consequente disponibilização para uso profissional.

Palavras-chave: psicomетria; resiliência; psicologia positiva; avaliação psicológica; validade do teste.

ABSTRACT

Costa, F. B. (2023). Construction and investigation of the initial psychometric qualities of the instrument Indicators of Resilience for Adolescents and Young Adults [Unpublished master's thesis]. Federal University of Minas Gerais.

Resilience can be understood as a psychological construct that refers to the ability to succeed in the face of adversity, perceived or real, made up of various systems and which can be presented by anyone at any time in life. Regardless of its relevance, there is a shortage of instruments to measure resilience, particularly Brazilian materials. The aim of this study is to develop a resilience scale for adolescents and young adults (12 to 30 years old) and to investigate its initial psychometric properties through four studies. Study 1 presents the psychological theory on which the instrument is based, as well as the initial 133 items in a self-report Likert format for the material entitled Indicators of Resilience for Adolescents and Young Adults (IRAJA). The second study looked for evidence of content validity, through the analysis of judges and semantic analysis with the target population. For the judges' analysis, six experts were invited to evaluate the items for clarity and relevance using an online form. The data was analyzed for simple agreement between judges, keeping items $\geq 80\%$ and evaluated with the Content Validity Index (CVI), keeping items ≥ 0.83 . For the semantic analysis, 10 people with ages in the extreme evaluation strata took part. The data was analyzed qualitatively in relation to suggestions for changes to the items. In the end, 66 items proved to be adequate. Study 3 was a pilot study in which a pilot version of the scale was applied to 46 participants aged between 12 and 30 ($M = 19.5$ years, $SD = 2.97$). The data was analyzed qualitatively, seeking to make changes to the items according to suggestions. The application was also standardized. In the end, the 66 items remained adequate. The fourth study looked for evidence of validity based on internal structure and reliability, through exploratory factor analysis (EFA) and internal consistency (McDonald's omega, Cronbach's alpha and Gutman's lambda 6). The instrument was applied to 362 participants aged between 12 and 30 ($M = 17.2$ years, $SD = 3.74$). Items with a factor load ≥ 0.5 were retained, as well as internal consistency ≥ 0.70 . As a result, the final version of the instrument consisted of 34 items made up of 7 factors (emotional stability, positive expectations for the future, social acceptance, family support, frustration tolerance, emotional balance and recovery, and coping with emotional response). As a result, good initial psychometric evidence was found for the IRAJA, supporting future studies aimed at refining the material and making it available for professional use.

Keywords: psychometrics; resilience; positive psychology; psychological assessment; test validity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Classificação inicial dos modelos teóricos de resiliência.....	19
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Definições de resiliência	15
Tabela 2: Modelos teóricos de resiliência.....	20
Tabela 3: Revisões sobre instrumentos para avaliação da resiliência.....	31
Tabela 4: Formas de verificar a confiabilidade/precisão de um teste	36
Tabela 5: Fatores da resiliência segundo o modelo teórico de Prince-Embury.....	38
Tabela 6: Quantidade de itens criados para cada faceta	40
Tabela 7: Caracterização dos juízes	42
Tabela 8: Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada.....	45
Tabela 9: Quantidade de itens para cada faceta após primeira rodada de análise de juízes	55
Tabela 10: Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na segunda rodada de análise de juízes	57
Tabela 11: Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na terceira rodada de análise de juízes	59
Tabela 12: Quantidade de itens para cada faceta após terceira rodada de análise de juízes	62
Tabela 13: Kappa de Cohen e Correlação de Spearman para a concordância entre autor e juiz para análise de juízes	62
Tabela 14: Frequência e porcentagem da escolaridade dos participantes da análise semântica	64
Tabela 15: Frequência e porcentagem da cidade/UF dos participantes da análise semântica	64
Tabela 16: Sugestões acatadas para alterações dos itens da análise semântica	66
Tabela 17: Frequência e porcentagem da idade dos participantes no estudo 3	70
Tabela 18: Frequência e porcentagem da escolaridade dos participantes no estudo 3	70
Tabela 19: Frequência e porcentagem da cidade/UF dos participantes no estudo 3	71
Tabela 20: Sugestões acatadas para alterações dos itens no estudo 3.....	73
Tabela 21: Frequência e porcentagem da amostra por escolaridade no estudo 4	75
Tabela 22: Cargas fatoriais padronizadas da AFE do modelo final do instrumento IRAJA	80
Tabela 23: Confiabilidade do instrumento e fatores por consistência interna do IRAJA... ..	82
Tabela 24: Correlação entre os fatores do instrumento IRAJA	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AERA	<i>American Educational Research Association</i>
AFE	Análise Fatorial Exploratória
AP	Análise Paralela
BRS	<i>Brief Resilience Scale</i>
CD-RISC	<i>Connor-Davidson Resilience Scale</i>
CFP	Conselho Federal de Psicologia
DP	Desvio-padrão
IRAJA	Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos
IVC	Índice de Validade de Conteúdo
KMO	Kaiser-Meyer-Olkin
M	Média
MAR	<i>Missing At Random</i>
MCAR	<i>Missing Completely At Random</i>
MNAR	<i>Missing Not At Random</i>
MRI	Marcadores de Resiliência Infantil
OLS	<i>Ordinary Least Squared</i>
RS	<i>Resilience Scale</i>
RSA	<i>Resilience Scale for Adults</i>
SATEPSI	Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
WLS	<i>Weighted Least Squares</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. O que é resiliência?	14
1.2. Aspectos históricos sobre a resiliência	18
1.3 Avaliação da resiliência	28
1.4 Construção de instrumentos psicológicos	32
2 OBJETIVOS	37
2.1 Objetivo geral	37
2.2 Objetivos específicos	37
3 MÉTODO	37
3.1 Estudo 1: Desenvolvimento do instrumento	37
3.1.1 A seleção de um modelo teórico	37
3.1.2 O formato do instrumento	39
3.2 Estudo 2: Evidências de validade baseada no conteúdo	40
3.2.1 Objetivos.....	40
3.2.2 Etapa 1 – Análise de juízes.....	41
3.2.2.1 Participantes.....	41
3.2.2.2 Instrumentos	43
3.2.2.3 Procedimentos.....	44
3.2.2.4 Análise dos dados	44
3.2.2.5 Resultados.....	45
3.2.3 Etapa 2 – Segunda Rodada Análise de juízes.....	55
3.2.3.1 Participantes.....	55
3.2.3.2 Instrumentos	55
3.2.3.3 Procedimentos.....	56
3.2.3.4 Análise dos dados	56
3.2.3.5 Resultados.....	56
3.2.4 Etapa 3 – Terceira Rodada Análise de juízes	57
3.2.4.1 Participantes.....	57
3.2.4.2 Instrumentos	58
3.2.4.3 Procedimentos.....	58
3.2.4.4 Análise dos dados	58
3.2.4.5 Resultados.....	59

3.2.5 Etapa 4 – Análise semântica junto da população-alvo	63
3.2.5.1 Participantes.....	63
3.2.5.2 Instrumentos	65
3.2.5.3 Procedimentos.....	65
3.2.5.4 Análise dos dados	66
3.2.5.5 Resultados.....	66
3.2.6 Discussão.....	67
3.3. Estudo 3: Estudo piloto.....	69
3.3.1 Objetivos.....	69
3.3.2 Participantes	69
3.3.3 Instrumentos	71
3.3.4 Procedimentos	71
3.3.5 Análise dos dados	72
3.3.6 Resultados.....	72
3.3.7 Discussão.....	73
3.4 Estudo 4: Evidências de validade baseada na estrutura interna	74
3.4.1 Objetivos.....	74
3.4.2 Participantes	74
3.4.3 Instrumentos	75
3.4.4 Procedimentos	76
3.4.5 Análise dos dados	76
3.4.6 Resultados.....	78
3.4.7 Discussão.....	83
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS.....	101

1 INTRODUÇÃO

1.1 O que é resiliência?

A resiliência tem recebido maior atenção por parte dos pesquisadores nos últimos anos, sendo apontada como um fenômeno relevante para a adaptação dos indivíduos (Masten et al., 2021). Diante deste interesse, e considerando as imprecisões presentes quanto a definição do termo no senso comum, torna-se importante compreender a origem etimológica dessa palavra. A palavra “Resiliência” tem origem latina e é derivada da palavra *resilire*, sendo que *re* significa para trás, enquanto *salire* traz o sentido de pular, portanto, pode-se entender resiliência escrita em latim com o significado de pular para trás (Brandão et al., 2011; Oliveira, 2021). Adicionalmente, Oliveira (2021) destaca a importância de considerar o significado da palavra no idioma grego: *akkolai*, que se traduz em “saltar para trás” ou “para se recuperar”. A palavra grega também apresenta o sentido de “fazer um saque”. De acordo com essa tradução, pode-se entender a resiliência como um recurso que um indivíduo dispõe para lidar com as dificuldades. Com isso, observa-se que a definição grega complementa o sentido de resiliência atualmente difundido na ciência psicológica (Pizzo, 2015).

Ainda sobre os sentidos das palavras, destaca-se que na língua inglesa existem duas definições de resiliência. Uma é a palavra *resilience*, que trata da resiliência como um processo dinâmico (Prince-Embury, 2013). Entretanto, existe a palavra *resiliency*, que trata a resiliência como uma característica de personalidade. É importante ponderar que ainda não existe um consenso se a resiliência é um processo dinâmico – sendo um construto psicológico – ou se é uma característica dentro do espectro da personalidade (Alonso-Tapia et al., 2019), havendo evidências para ambas as condições (Carey et al., 2019; Elliott et al., 2019; Kessler & Staudinger, 2009; Lilienfeld et al., 2016; Livingston et al., 2015; Pole et al., 2006).

Também é importante refletir que a palavra resiliência é utilizada em outros campos de estudo além da psicologia, como na física, em que tal palavra, segundo Taboada et al. (2006, p. 105) significa a “capacidade de um material para receber uma energia de deformação sem sofrer de modo permanente”. Com isso, pode-se perceber certa semelhança com a definição utilizada na psicologia. Sabendo disso, o significado da palavra resiliência ainda é muito variado no campo da psicologia, não existindo um consenso entre as definições. Para exemplificar, pode-se observar na Tabela 1 alguns significados encontrados na literatura:

Tabela 1*Definições de resiliência*

Autor	Definição
Block e Kremen (1996)	Capacidade de equilibrar e reequilibrar respostas diante de um mundo em constante mudança. Uma adaptação bem-sucedida frente a desafios ou ameaças é considerada uma adaptação "resiliente".
Major et al. (1998)	Uma pessoa com uma personalidade resiliente tem uma visão positiva de si mesma, um senso de controle sobre sua vida e uma visão otimista do futuro.
Peres et al. (2005)	Capacidade de atravessar dificuldades e voltar a ter uma qualidade de vida satisfatória.
Ferraz et al. (2007)	Capacidade de o indivíduo enfrentar e vencer situações adversas, saindo fortalecido e transformado dessas experiências.
Masten (2007)	Capacidade dos sistemas dinâmicos de suportar ou recuperar de perturbações significativas.
Montpetit et al. (2010)	Capacidade de resistir, lidar, recuperar e ter sucesso diante de experiências de vida adversas.
Fernández-Lansac e Crespo (2011)	Processo dinâmico que inclui adaptação positiva dentro de um contexto significativamente adverso.

(Continua)

Tabela 1*Definições de resiliência (Continuação)*

Autor	Definição
Reppold et al. (2012, p. 248)	“...processo de adaptação positiva diante de um contexto tipicamente desfavorável, no qual o indivíduo demonstra uma notável capacidade de superação de condições adversas que representariam uma ameaça significativa ao seu bem-estar, desenvolvimento ou saúde mental”.
Cicchetti (2012)	Processo dinâmico de desenvolvimento que engloba a obtenção de uma adaptação positiva, apesar da exposição a ameaça significativa, adversidade severa, ou trauma.
Panter-Brick e Leckman (2013)	Processo de aproveitamento de recursos biológicos, psicossociais, estruturais e culturais para sustentar o bem-estar.
Luthar et al. (2015)	Processo dinâmico que reflete o ajustamento positivo da criança, apesar do risco ou adversidade significativos.
Folke (2016)	Persistência, adaptabilidade e transformabilidade de complexos sistemas adaptativos socioecológicos, tendo a capacidade de persistir face à mudança, de continuar a desenvolver-se com ambientes em constante mudança.
Solano et al. (2016)	Capacidade de adaptar-se diante de fatores de estresse ou adversidades.
Acosta et al. (2017)	Capacidade de um sistema dinâmico, como uma comunidade, de antecipar e adaptar-se com sucesso aos desafios.

(Continua)

Tabela 1*Definições de resiliência (Continuação)*

Autor	Definição
Freitas et al. (2017)	Resultado de um processo desenvolvimental dinâmico no qual se observa uma adaptação positiva na presença de adversidade significativa.
Ungar (2018)	Capacidade de um sistema de antecipar, adaptar e reorganizar-se sob condições de adversidade de maneira a promover e sustentar seu funcionamento bem-sucedido (em termos humanos, seu bem-estar).
van Breda (2018)	Processos multiníveis em que os sistemas se envolvem para obter resultados melhores do que o esperado frente a adversidade.
Alonso-Tapia et al. (2019)	Manutenção de uma trajetória relativamente estável de funcionamento saudável após a exposição ao trauma.
Feder et al. (2019)	Processo complexo e dinâmico, amplamente definido como a capacidade de se adaptar com sucesso a adversidade, eventos de vida estressantes, ameaça significativa ou trauma.
Grau-Valdés et al. (2020)	Capacidade de gerar experiência e emoções positivas mesmo frente a adversidade, sendo vista como uma adaptação positiva.
Masten et al. (2021)	Capacidade de um sistema dinâmico de se adaptar com sucesso por meio de processos multissistêmicos a desafios que ameaçam a função, a sobrevivência ou o desenvolvimento do sistema.

(Continua)

Tabela 1*Definições de resiliência (Continuação)*

Autor	Definição
Oliveira e Nakano (2022, p. 15)	“...o enfrentamento de situações adversas envolverá a utilização de recursos sociais e individuais, a fim de apresentar um desfecho positivo, ou ainda, uma adaptação positiva”.

Fonte: adaptado de Masten et al. (2021)

Pode-se observar que entre as diversas definições existem algumas características que todas parecem apresentar: a adaptação positiva frente a uma adversidade. Como definição atual, destaca-se a proposta apresentada por Masten et al. (2021), em que a resiliência é entendida como uma adaptação bem-sucedida diante de situações que ameassem o funcionamento, o desenvolvimento e a sobrevivência de um sistema dinâmico e complexo. A partir desta reflexão, Ungar (2018) sugere que a resiliência, portanto, não seja um traço de personalidade, mas sim o resultado da interação de diversos fatores.

Diante do exposto, o presente estudo adotou como definição de resiliência a adaptação bem-sucedida frente a uma adversidade (Rutter, 2012; Masten et al., 2021), percebida ou real (Castillo et al., 2016), sendo considerada um processo dinâmico realizado e conduzido por diversos sistemas, sendo que para o enfrentamento dos eventos adversos podem ser utilizados recursos sociais e individuais (Oliveira & Nakano, 2018). Ainda, a resiliência pode ser apresentada por qualquer pessoa e em qualquer momento da vida (Masten, 2001). Portanto, assume-se que a resiliência seja um processo resultante da interação entre fatores (Ungar, 2018; Masten, 2021).

1.2 Aspectos históricos sobre a resiliência

De acordo com Masten et al. (2021), o estudo da resiliência se iniciou na década de 1970, quando diferentes pesquisadores começaram a se interessar em entender como algumas crianças e adolescentes não desenvolviam psicopatologias, mesmo vivendo em um contexto que se supunha ser favorável ao desenvolvimento de enfermidades psicológicas. Inicialmente, esse fenômeno foi chamado de invulnerabilidade, pois entendia-se que o indivíduo fosse invulnerável à psicopatologia (Garmezy et al., 1984).

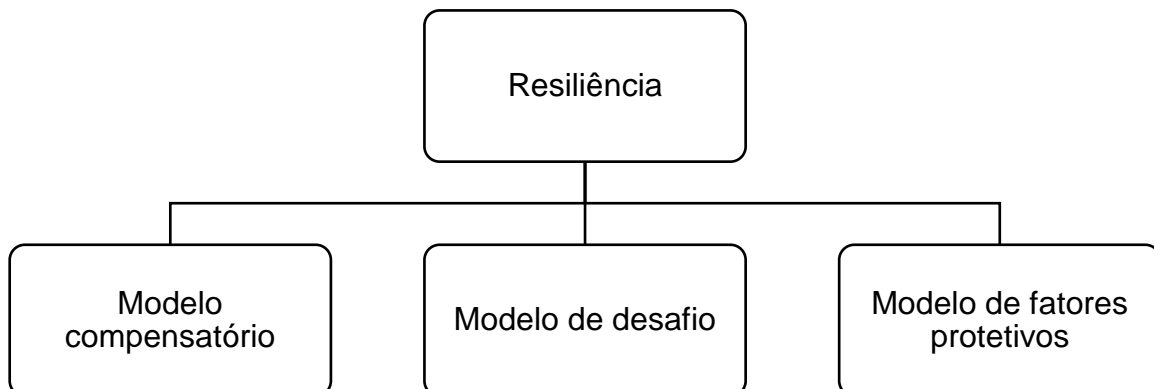
Yunes (2003) destaca que o termo foi selecionado pelo psiquiatra infantil, E. J. Anthony, que em 1974, empregou o termo invulnerabilidade para se referir as crianças que eram expostas

por longos períodos a adversidade, mas desenvolviam alta competência e saúde psicológica. Porém, com o refinamento das investigações, notou-se que tal termo era inadequado para representar o fenômeno, pois os pesquisadores perceberam que a pessoa não era invulnerável a psicopatologia, mas sim que em alguns aspectos da vida ela conseguia apresentar bons desfechos enquanto em outros aspectos ela poderia ter comportamentos desadaptados (Masten & Barnes, 2018). Por essa razão, os cientistas passaram a utilizar o termo resiliência.

O processo de refinamento histórico pode ser melhor visualizado, a partir dos diferentes modelos teóricos. Assim, foi apresentada uma breve revisão deste processo. Inicialmente, na literatura internacional, os modelos foram classificados em três categorias, conforme a Figura 1. Destaca-se que estas classificações foram feitas por Garmezy et al. (1984), em que pontuam que tais categorias servem para descrever o impacto do estresse e atributos pessoais na qualidade de adaptação positiva frente a adversidade.

Figura 1

Classificação inicial dos modelos teóricos de resiliência



Fonte: Garmezy et al. (1984)

O primeiro é o modelo compensatório. Nesse modelo, o estresse e os atributos pessoais são vistos como combinados, dessa forma, quanto maior o estresse, maior a utilização de ferramentas de adaptação pelo indivíduo (Garmezy et al., 1984). O’Leary (1998) destaca que o modelo compensatório é utilizado para neutralizar a exposição ao risco. Em outras palavras, nesse modelo, apesar da dor e do sofrimento (estresse), as pessoas resilientes têm a tendência de perceber ou construir suas experiências de forma positiva. O segundo modelo sugerido é o de desafio. Nesse modelo, o estresse (fator de risco) é considerado um fator que pode favorecer a adaptação, desde que não seja excessivo, ou seja, a depender da dosagem do sofrimento é possível ocorrer a resposta adaptativa ou o adoecimento (Garmezy et al., 1984, Rutter, 1987).

Já o terceiro modelo trata de um relacionamento entre atributos pessoais e estresse. Entende-se que o estresse (fator de risco) é uma variável que pode ser amplificada ou diminuída, de acordo com as características pessoais. Em outras palavras, atributos pessoais positivos (ou fatores protetivos) tendem a refletir na qualidade do processo de adaptação, facilitando-o ou dificultando-o (Zimmerman, 2013; Garmezy et al., 1984). Estes mesmos autores também afirmam que as características positivas podem ser entendidas como uma possível “invulnerabilidade” ao estresse.

A partir desta proposta de agrupamento dos modelos teóricos, e a partir dos modelos teóricos já apresentados na literatura, construiu-se a Tabela 2, a fim de descrever os modelos e classificá-los conforme a proposta de Garmezy et al. (1984). A tabela está organizada cronologicamente, de modo que buscou-se explicitar o refinamento das compreensões.

Tabela 2

Modelos teóricos de resiliência

Autor	Concepção	Elementos
Wagnild e Young (1993)	A resiliência é considerada uma característica positiva de personalidade que melhora a adaptação individual. ¹	<ol style="list-style-type: none"> 1. Serenidade: ter uma visão balanceada das experiências, não utilizando respostas extremas frente a adversidade. 2. Perseverança: ato de persistir, mesmo que haja adversidade ou situações que deram errado, lutando por mudança. 3. Autoconfiança: acreditar nas próprias habilidades e capacidade de lidar com os problemas, usando, principalmente, ferramentas já utilizadas no passado e que funcionaram. 4. Sentido de vida: entender que a vida tem valor e propósito, existindo algo pelo qual vale a pena viver. 5. Autossuficiência: entendimento de que a vida é algo único, ou seja, apesar de existir experiências que são compartilhadas, entende-se que há outras que são individuais.

(Continua)

Tabela 2*Modelos teóricos de resiliência (Continuação)*

Autor	Concepção	Elementos
Conner (1995)	Resiliência como capacidade de absorver altos níveis de adversidade enquanto exibe um comportamento disfuncional mínimo. ²	<ol style="list-style-type: none"> 1. Positividade: visão de que a vida é um desafio, entretanto, é cheia de oportunidades. Tal características é bem ilustrada pelas pessoas que conseguem encontrar algum aspecto positivo, mesmo em situações negativas. 2. Foco: ter uma clara visão sobre o que se quer alcançar (senso de objetivo), definindo prioridades para alcançá-lo. 3. Flexibilidade: adaptabilidade frente as incertezas. Envolve o processo de ressignificação de experiências e tolerância as ambiguidades. 4. Organização: indivíduos que se organizam e planejam pensar antes de agir, tornando possível o desenvolvimento de estratégias mais eficazes. 5. Proatividade: comprometimento com a mudança, ao invés de evitá-la.

Tabela 2*Modelos teóricos de resiliência (Continuação)*

Autor	Concepção	Elementos
Junqueira e Deslandes (2003)	Atributo multifatorial que envolve uma relação dialética entre três eixos principais. ²	<p>1. Adaptação/superação: refere-se à capacidade adquirida de adaptação diante de traumas ou à habilidade de ressignificação simbólica ou ainda de superação de um evento adverso.</p> <p>2. Inato/adquirido: refere-se à possibilidade de a resiliência possuir elementos inatos e individuais, assim como ser uma habilidade desenvolvida ao longo da história de vida, por meio de relações afetivas de confiança, apoio e atenção à saúde.</p> <p>3. Permanente/circunstancial: envolve o reconhecimento de que a resiliência pode mostrar-se ambivalente no que se refere ao caráter transitório ou permanente dessa habilidade, de modo que um indivíduo pode apresentar condutas resilientes perante algumas situações adversas, enquanto, para outras, pode apresentar respostas consideradas menos saudáveis.</p>

(Continua)

Tabela 2*Modelos teóricos de resiliência (Continuação)*

Autor	Concepção	Elementos
Infante (2007)	Multidimensionalidade do conceito, compreendido a partir de três componentes essenciais. ²	<ol style="list-style-type: none"> <li data-bbox="850 396 1471 595">1. Noção de adversidade: pressupõe que o indivíduo esteja exposto a algum tipo de condição adversa, seja a pobreza, a morte de uma figura familiar relevante ou demais riscos. <li data-bbox="850 609 1471 1032">2. Adaptação positiva/superação da adversidade: compreende a união de três aspectos fundamentais, sendo eles: a conotação ideológica, o referencial de saúde do desenvolvimento humano, a heterogeneidade, isto é, as especificidades de cada área do desenvolvimento, e, por fim, a variabilidade ontogenética de cada indivíduo. <li data-bbox="850 1046 1471 1368">3. Processo de resposta: inclui aspectos voltados à interação entre os variados fatores envolvidos em uma resposta resiliente, sejam eles familiares, bioquímicos, fisiológicos, cognitivos, afetivos, socioeconômicos ou culturais.

(Continua)

Tabela 2*Modelos teóricos de resiliência (Continuação)*

Autor	Concepção	Elementos
Prince-Embury (2010)	Multidimensionalidade da resiliência. ³	1. Domínio (<i>mastery</i>): relaciona-se às competências pessoais, tais como autoeficácia, otimismo e adaptabilidade. 2. Parentesco/pertencimento (<i>relatedness/attachment</i>): envolve aspectos como confiança, acesso a suporte, sentimento de ser confortado por outros e tolerância. 3. Reatividade emocional (<i>emotional reactivity</i>): refere-se ao potencial de um indivíduo em perceber uma resposta negativa externa e sua consequente velocidade em modular sua própria resposta emocional de forma positiva.
Yunes (2011)	Modelo teórico baseado em processos-chave, os quais envolvem não apenas habilidades individuais, mas também se estendem aos demais contextos nos quais está inserido, dando-se atenção especial para suas relações familiares. ³	1. Sistema de crenças: composto de habilidades de atribuir sentido à adversidade, ao olhar positivo e à transcendência e espiritualidade. 2. Padrões de organização: compostos de habilidades de flexibilidade, coesão e recursos sociais e econômicos. 3. Processos de comunicação: compostos de clareza, expressões emocionais e colaboração na solução de problemas.

(Continua)

Tabela 2*Modelos teóricos de resiliência (Continuação)*

Autor	Concepção	Elementos
Deep e Pereira (2012)	Atributo multifatorial. ³	Envolve a relação intrínseca entre (1) características de personalidade, (2) autoestima, (3) flexibilidade, (4) habilidade para resolver conflitos, (5) senso de coesão, (6) relacionamentos familiares positivos e (7) disponibilidade de acesso às estratégias de enfrentamento.
Castillo et al. (2016)	A resiliência deve ser compreendida sempre a partir de um processo dinâmico, ao qual, por meio dos resultados obtidos, dá-se o nome de resiliente. Segundo os autores, o processo dinâmico ocorre por meio da interação do sujeito e dos fatores de proteção. Consequentemente, essa interação oferece ao sujeito uma noção da adversidade que pode ser real ou percebida. Em seguida, serão emitidas respostas comportamentais que poderão ser julgadas como respostas de alta resiliência ou ainda de baixa resiliência. (...)	<p>1. Vulnerabilidade/invulnerabilidade: relaciona-se a aspectos pessoais e sociais que podem potencializar a consequência negativa advinda da exposição a uma situação de risco. Portanto, essa dimensão seria compreendida como o potencial de diminuir tais consequências negativas oriundas de um evento adverso.</p> <p>2. <i>Coping</i>: é a habilidade cognitiva que favorece o reconhecimento de riscos e o manejo dos problemas, a fim de alcançar o alívio ou ainda a solução do problema experimentado. O enfrentamento pode assumir características que favoreçam a resposta resiliente ou características negativas que denotarão baixo potencial resiliente.</p> <p>3. Inteligência emocional: trata-se da capacidade de os indivíduos observarem, compreenderem e regularem as próprias emoções. Os autores destacam a (...)</p>

(Continua)

Tabela 2*Modelos teóricos de resiliência (Continuação)*

Autor	Concepção	Elementos
Castillo et al. (2016)	<p>(...) O cerne desse modelo teórico refere-se à amplitude da noção de adversidade que, para os autores, está relacionada a qualquer risco ao desenvolvimento humano. É importante destacar que esse risco pode ter caráter real ou mesmo subjetivo. Desse modo, a noção de adversidade experimentada também perpassa questões emocionais, crenças individuais e percepções que o sujeito tem de sua história e do contexto no qual está inserido. A partir disso, há seis elementos fundamentais.³</p>	<p>(...) importância das emoções positivas para o processo de resposta adaptativa.</p> <p>4. Bem-estar subjetivo: relaciona-se à noção de felicidade, pois trata-se da capacidade de um indivíduo avaliar suas experiências e afirmar o quanto encontra-se satisfeito com sua história de vida. Há evidências de relação entre bem-estar subjetivo e altos níveis de resiliência.</p> <p>5. <i>Locus</i> de controle: pode ser de caráter interno (quando o indivíduo é capaz de avaliar as contingências de seus comportamentos e atuar diante de situações com intencionalidade) ou externo (quando a avaliação é realizada como consequência externa aos seus comportamentos). Quanto mais o sujeito é capaz de apresentar um <i>locus</i> de controle interno, mais resilientes serão suas respostas a adversidades.</p> <p>6. Habilidade: compreende a utilização de recursos cognitivos para o enfrentamento de problemas, associando o comprometimento a resultados positivos e de excelência.</p>

(Continua)

Tabela 2*Modelos teóricos de resiliência (Continuação)*

Autor	Concepção	Elementos
Masten et al. (2021)	<p>A resiliência é entendida como um sistema dinâmico, resultado de múltiplos processos. A capacidade de ser resiliente vai além do nível individual, englobando recursos externos de enfrentamento. Ou seja, a resiliência perpassa por diversos sistemas, tanto internos quanto externos, podendo se manifestar em múltiplos contextos. Para os autores, a resiliência vai além do nível individual, incluindo famílias, escolas, comunidades e sistemas culturais. Nesse modelo, os fatores protetivos podem ser ativados por um estressor e podem ser dinâmicos, entretanto, esse mesmo estressor tem a capacidade de influenciar a rede de sintomas ou os efeitos de outros estressores. ³</p>	<p>Para que o processo resiliente ocorra se faz necessário estar presente alguns dos fatores de proteção abaixo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Cuidados sensíveis, relacionamentos próximos e apoio social. 2. Sentido de pertencimento. 3. Autorregulação, gestão familiar, liderança de grupo ou organização. 4. Crenças na eficácia do sistema e elaboração de estratégias de enfrentamento. 5. Solução de problemas e planejamento. 6. Esperança, otimismo e confiança em um futuro melhor. 7. Motivação de domínio, motivação para adaptação. 8. Objetivo e senso de significado. 9. Vistas positivas de si mesmo, da família ou do grupo. 10. Hábitos positivos, rotinas, rituais, tradições e celebrações.

Fonte: adaptado de Oliveira (2021)

Nota. ¹ = modelo compensatório. ² = modelo de desafio. ³ = modelo de fatores protetivos.

Com isso, observa-se que os modelos de compreensão da resiliência, inicialmente, centravam-se em propostas voltadas ao modelo compensatório, isto é, no início, os modelos eram constituídos em maior parte por fatores internos ao indivíduo (autoconfiança, otimismo...), em que a adaptação resiliente partia de quase exclusivamente características individuais (Wagnild & Young, 1993). Atualmente, há predominância de modelos de fatores protéticos, como o de Masten et al. (2021), que consideram não apenas fatores internos, mas, também, fatores externos ao indivíduo (família, comunidade...)

1.3 Avaliação da resiliência

Nesta seção, serão tratadas questões relacionadas à avaliação da resiliência, entretanto, entende-se que é necessário definir o conceito de avaliação. Segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio da Resolução nº 09/2018, a avaliação psicológica pode ser definida com um processo estruturado, que envolve métodos, técnicas e estratégias, que busca ter uma compreensão ampliada sobre o funcionamento psicológico de uma pessoa ou de um grupo. Para tal, os métodos são agrupados em: a) fontes fundamentais e b) fontes complementares. O primeiro agrupamento é compreendido pelas técnicas essenciais para compreender o funcionamento psicológico do indivíduo, sendo estas técnicas: as entrevistas, as técnicas de observação e os testes psicológicos (Oliveira et al., 2021; Rueda & Zanini, 2018). Por sua vez, as fontes complementares falam sobre documentos técnicos e multiprofissionais e testes não privativos ao psicólogo (CFP, 2022). Assim, embora entenda-se que o termo “avaliação psicológica” seja mais amplo que uma única técnica, fazendo um recorte para o foco deste trabalho, foi tratada apenas a estratégia de teste psicológico, ou comumente chamada de testagem psicológica (Pasquali, 2011), em especial, enfatizando o processo de construção de instrumentos psicológicos.

Segundo Pereira et al. (2016), a criação de medidas para a avaliação da resiliência tem se demonstrado uma tarefa complexa, principalmente pela multidimensionalidade do fenômeno psicológico e pela falta de consenso na definição deste construto, pois é preciso ter uma definição sólida e bem fundamentada para que seja possível a sua operacionalização, ou seja, observar a resiliência por meio de comportamentos na vida do indivíduo. Por esta razão, existem diversas estratégias de medida que buscam avaliar a resiliência, sendo algumas: as pontuações de testes (Connor & Davidson, 2003), os perfis de personalidade (Reppold et al., 2012), a análise do discurso de pessoas que convivem com o sujeito ou de história de vida do indivíduo (Gurgel et al., 2013). Rutter (2006) enfatiza que a avaliação da resiliência deve ser sistemática e precisa considerar a adversidade ocorrida sobre o contexto em que o sujeito vive.

Na literatura, observa-se a preferência de pesquisadores e profissionais em empregar estratégias qualitativas para avaliação da resiliência (Oliveira & Nakano, 2018, 2019). Porém, é preciso ponderar sobre a importância das estratégias quantitativas para esse fim, tais como os testes de autorrelato. Segundo a Enciclopédia de Métodos de Pesquisa de Levantamento (Holbrook, 2008), os testes de autorrelato são medidas nas quais os participantes são solicitados a responder diretamente seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. Para tal método, é preciso que o desenvolvedor estabeleça uma escala em que o teste deverá ser respondido (Carvalho & Ambiel, 2017). Grande parte dos testes utilizam escalas de graduação para indicar as respostas, também chamadas de escalas tipo *Likert*, que podem variar de três pontos (por exemplo, “nunca”, “às vezes” e “sempre”) a até dez pontos. Destaca-se que as escalas *Likert* são aquelas que, necessariamente, apresentam cinco pontos. Existem vantagens e desvantagens na utilização desse método. De acordo com Paulhus e Vazire (2007), as vantagens são:

- *Fácil interpretabilidade* – esse tipo de medida busca ter linguagem simples para que os respondentes consigam entender a questão, com isso, a interpretação é facilitada.
- *Riqueza de informações* – noção de que as pessoas são as mais qualificadas para falar sobre seus próprios comportamentos, apoiando-se no fato de que ninguém tem tanto acesso a seu funcionamento quanto elas mesmas.
- *Motivação para responder* – o fato de alguém querer entender o funcionamento do respondente, pode, de certo modo, deixar as pessoas mais propensas a serem sinceras. A auto preocupação também pode levar as pessoas a responderem mais fielmente. Considerando que as classificações de outros podem ser feitas de forma descuidada ou superficialmente, as pessoas tendem a colocar mais tempo e esforço ao relatar seus comportamentos. Além disso, o fato de estarem respondendo sozinhos pode trazer um *feedback* importante para os indivíduos.
- *Força causal* – a pessoa responde como ela mesmo se identifica. Certo ou não, autopercepções têm forte influência nas interações com o mundo.
- *Praticidade* – as medidas de autorrelato são eficientes, pois podem ser aplicadas em grande escala com mais facilidade, além de torná-las mais baratas.

Por outro lado, também existem desvantagens, sendo elas:

- *Respostas enviesadas* – as respostas podem seguir de forma sistemática e padronizada pela pessoa (por algum motivo pessoal). Além disso, o respondente pode responder

aleatoriamente por algum motivo, o que são vieses difíceis de prever nesse tipo de medida.

- *Restrições ao autoconhecimento* – nem todo indivíduo pode se conhecer ao ponto de conseguir responder todas as questões de maneira fiel.
- *Limitações culturais* – diferenças de localidade podem influenciar em como a pessoa responde à questão, ou até mesmo, os ensinamentos culturais passados a ela podem fazê-la interpretar as questões de maneira diferente do esperado.

Pensando nas desvantagens, Reppold et al. (2012) alertam para o cuidado com a utilização de medidas de autorrelato, postulando que os pesquisadores têm demonstrado uma crença de que os sujeitos são capazes de se autoavaliar com precisão em diferentes dimensões psicológicas, sendo que tais dimensões são suscetíveis a mudanças com o passar do tempo. Para diminuir tais erros, é necessário que o pesquisador leve em consideração todas as características implicadoras e faça o possível para minimizá-las. Para elucidar os principais instrumentos de medida que objetivam avaliar a resiliência, destacam-se diversas revisões de literatura realizadas tanto no contexto internacional quanto no contexto nacional. Dessa forma, pode-se visualizar na Tabela 3, os instrumentos – todos de autorrelato – mais utilizados entre os pesquisadores.

Tabela 3*Revisões sobre instrumentos para avaliação da resiliência*

Autor	Idioma / Abrangência	Três principais instrumentos identificados na revisão:
Windle et al. (2011)	Inglês; Internacional	1) Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC); 2) Brief Resilience Scale (BRS); 3) Resilience Scale for Adults (RSA).
Oliveira e Nakano (2018)	Português; Nacional	1) Resilience Scale (RS); 2) Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC); 3) Resilience Scale for Adults (RSA).
Oliveira e Nakano (2019)	Português; Internacional	1) Resilience Scale (RS); 2) Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC); 3) Resilience Scale for Children and Adolescents.
Zlatkina (2021)	Inglês; Internacional	1) Resilience Scale (RS); 2) Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC); 3) Resilience Scale for Adults (RSA).
Hoinski et al. (2022)	Português; Nacional	1) Resilience Scale (RS); 2) Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC); 3) Resilience Scale for Adults (RSA).

Destaca-se que foram encontradas outras três revisões de literatura: a de Gurgel et al. (2013), a de Junior e Medeiros (2017), e a de Carvalho et al. (2021), porém estas revisões não apresentam reflexões ou detalhamentos sobre as características psicométricas dos instrumentos. Em comparação aos trabalhos apresentados na Tabela 3, tem-se que o trabalho de Windle et al. (2011) e de Zlatkina (2021) foram revisões que analisaram a qualidade dos instrumentos que avaliam resiliência. Já as pesquisas de Oliveira e Nakano (2018, 2019) e Hoinski et al. (2022) demonstraram quais instrumentos eram mais utilizados entre os pesquisadores, de acordo com sua frequência.

Deve-se ressaltar que para as revisões nacionais os resultados para as três medidas mais frequentes são iguais, contudo, tais instrumentos são frutos de uma adaptação transcultural de escalas internacionais, ou seja, nenhum foi feito no Brasil. Tal ponto fica ainda mais evidente com a revisão de Carvalho et al. (2021), que mostrou que o Brasil não tem nenhuma escala desenvolvida especificamente para avaliação da resiliência em adolescentes e jovens adultos. Cabe destacar que em 2022, foi lançado o instrumento Marcadores de Resiliência Infantil- MRI (Oliveira & Nakano, 2022). Entretanto, tal instrumento avalia a resiliência em crianças de oito a 12 anos de idade, ou seja, o material não preenche a lacuna de testes psicológicos destinados a aplicação em adolescentes ou jovens adultos. Ainda, Oliveira e Nakano (2018) pontuam que mesmo para as escalas já existentes que foram adaptadas, existem poucos estudos demonstrando sua validade psicométrica.

1.4 Construção de instrumentos psicológicos

Quando se trata de instrumentos psicológicos, há dois caminhos possíveis que um profissional pode escolher, o de construir ou adaptar um instrumento. No geral, Borsa e Seize (2017) destacam quatro pontos principais para se decidir pela construção de um teste, que são: a) ausência de testes adequados para um contexto ou objetivo específico; b) falta de propriedades psicométricas adequadas para os instrumentos existentes; c) dificuldade em obter instrumentos de livre acesso e; d) inexistência de testes para avaliar um construto específico. Já para a adaptação, é necessária a escolha de um instrumento de qualidade, que atenda o público e o contexto-alvo a que o teste se destinará. Considerando a construção de um instrumento de medida psicológica, é necessário pensar em algumas etapas. Nesse sentido, Pasquali (2010) enfatiza os procedimentos necessários para tal construção, definindo que a principal divisão é: (1) procedimentos teóricos; (2) procedimentos experimentais e (3) procedimentos analíticos:

1. *Procedimentos teóricos*: englobam as fases de definição da teoria e da construção do instrumento (operacionalização e construção dos itens).

2. *Procedimentos experimentais*: envolve a fase inicial de validação do instrumento (planejamento, aplicação e coleta de respostas da medida).

3. *Procedimentos analíticos*: correspondem a fase de validação do instrumento também, porém com focos mais complexos, considerando principalmente para as análises estatísticas. Como última fase, existe a normatização do instrumento, que é o estabelecimento de normas e regras para interpretação dos escores obtidos (Muniz & Freitas, 2017). Tal fase é necessária

principalmente para tornar o teste aprovado para uso profissional pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI, CFP, 2022).

Ainda sobre os procedimentos teóricos, Carvalho e Ambiel (2017) destacam as principais etapas de tal processo. O primeiro passo, após escolher construir um teste, é definir qual construto será avaliado. É essencial que o fenômeno escolhido tenha uma base bem definida, além de estabelecer se há construtos subjacentes ao construto-alvo, ou seja, se existe construtos específicos que juntos formam o fenômeno psicológico que o teste se propõe a medir. Após isso, é preciso escolher a natureza da ferramenta, que é qual o método será utilizado para medição (autorrelato, análise do discurso etc.). Em seguida, é escolhido o público-alvo e o contexto da aplicação.

Definidos os processos anteriores, pode-se avançar para a operacionalização do construto, que é transformar o fenômeno psicológico (chamado também de traço latente) em estímulos (comportamentos, tarefas ou afirmações). Com isso, desenvolve-se os itens com os quais o teste será composto. Para finalizar a construção do instrumento, determina-se as instruções para responder o teste e o *layout* da ferramenta. Com o teste pronto teoricamente, é necessário verificar se possui validade de conteúdo, ou seja, “o grau em que o conteúdo de um instrumento reflete adequadamente o construto que está sendo medido” (Souza et al., 2017, p. 652).

Após tal validação, a medida está pronta para a aplicação do piloto do teste, em que será verificado se o instrumento também está adequado empiricamente, não somente no campo teórico. Pacico (2015) recomenda que o instrumento seja aplicado inicialmente em uma amostra-piloto, a qual é composta por participantes representativos da amostra-alvo, porém com número menor. Após a aplicação em tal amostra, o pesquisador pode verificar se o instrumento necessita de algum ajuste, e se necessário, fazê-lo.

Posteriormente, o instrumento é aplicado na amostra-alvo, a qual recomenda-se que seja composta de cinco a dez participantes por itens do instrumento, objetivando a realização de análises fatoriais em etapas posteriores (Pasquali, 2010). Após realizada toda a coleta com os participantes, inicia-se a etapa de análise dos dados, que corresponde a uma das fases dos procedimentos analíticos, na qual, através de testes estatísticos, busca-se validar o instrumento empiricamente e verificar o quão confiável é. Para isso, existem diversas análises possíveis, porém, para fins didáticos, deve-se antes definir validade e confiabilidade.

Validade trata-se de verificar se o teste realmente mede o que se propõe a medir. Tal palavra – validade – traz a sensação de dicotomia, ou o teste é válido ou não, entretanto, um teste pode ser válido para um contexto e não para outro. Por isso, atualmente, considera-se que

um teste possui “evidências de validade” para uma condição de aplicação (Alves et al., 2011). Ainda, a classificação inicial ou clássica da validade, a subdivide em três tipos: a) validade de conteúdo; b) validade de critério e; c) validade de construto. O primeiro trata da validade inicial de um teste, na qual se busca verificar se os itens representam adequadamente o que se pretende medir. Já o segundo diz respeito a verificar se os itens do teste possuem relação com uma variável externa definida. Por último, a validade de construto tenta investigar se os itens do teste realmente medem uma determinada característica (Souza et al., 2017; Anastasi & Urbina, 2000).

Entretanto, na ciência contemporânea, são utilizadas outras nomenclaturas para classificar os tipos de validade, conforme proposto pela *American Educational Research Association*, *American Psychological Association* e *National Council of Measurement in Education* (AERA et al., 2014), sendo cinco categorias:

1) *Evidências de validade baseada no conteúdo*: busca-se analisar a relação entre o conteúdo do teste e a característica que se pretende avaliar. Para isso, são utilizadas duas ferramentas principais, sendo a primeira a avaliação por juízes, ou seja, o teste passa pela avaliação de especialistas na área do fenômeno investigado. Após isso, é verificada a concordância entre os juízes e elaborada uma nova versão do teste. Recomenda-se de 5 a 10 juízes para uma validação de conteúdo satisfatória. A segunda etapa é a análise semântica dos itens do instrumento, na qual o pesquisador aplica a versão do teste nos estratos extremos da população-alvo, sendo recomendado que seja aplicado primeiro no estrato mais baixo. Tal análise tem o intuito de verificar se a escrita dos itens está adequada para a população-alvo, e caso necessário, o pesquisador fará uma nova versão do teste (Pasquali, 2010).

2) *Evidências de validade baseada no processo de resposta*: trata dos aspectos cognitivos envolvidos no processo de resposta do avaliando, ou seja, como ele responde o item. Com isso, atribui-se significado psicológico para a realização correta da questão. Por fim, objetiva-se fazer uma comparação com o modelo teórico, sendo que quanto mais próximo a teoria estiver do processo empírico, melhor.

3) *Evidências de validade baseada na estrutura interna*: relação entre a variável latente e os itens do instrumento para tal validade. Tem sido comumente empregada as análises fatoriais, tanto a exploratória quanto a confirmatória. Também é utilizada a correlação entre os itens e o escore total, esperando que tal valor seja alto para ser válido.

4) *Evidências de validade baseada na relação com outras variáveis*: verificar relações entre os escores do teste e variáveis externas que medem a mesma característica, relacionadas

ou diferentes. Para instrumentos que medem a mesma característica espera-se encontrar convergência entre os resultados (validade convergente), ou seja, que após feita uma correlação o valor seja elevado, indicando relação. Em contraponto, para testes que medem construtos diferentes e opostos, espera-se que tal correlação seja baixa, por medir coisas diferentes (validade discriminante). Ambas são importantes.

5) *Evidências de validade baseada nas consequências da testagem*: avalia as consequências sociais do uso do teste, analisando se tem impacto desejado ou indesejado, de acordo com a finalidade da criação do instrumento. Destaca-se que as interpretações devem favorecer o indivíduo ou a sociedade.

Adicionalmente, há também o termo confiabilidade, fidedignidade ou precisão, que se refere a capacidade que um teste tem de reproduzir resultados semelhantes em diversos tempos e espaços, assim como quando for aplicado por pessoas diferentes (Alves et al., 2011; Souza et al., 2017). Em outras palavras, quanto maior a confiabilidade, menores são os erros da medida. Para exemplificar as metodologias utilizadas para verificar a precisão de um teste, Alves et al. (2011) classificaram:

1) *Método das formas alternadas*: a avaliação do indivíduo é feita com duas ou mais formas do teste, sendo realizada no mesmo dia ou em dias diferentes. Tal metodologia visa identificar principalmente erros relacionados ao conteúdo quando aplicado no mesmo dia, e erros relacionados ao tempo quando aplicados em dias diferentes.

2) *Método de teste-reteste*: é feita a aplicação do teste e a reaplicação em tempos diferentes, sendo que o tipo de erro verificado é o de tempo.

3) *Método das metades (split-half)*: divisão do teste em duas partes iguais ou equivalentes, sendo que é aplicado apenas uma vez no tempo.

4) *Método de coeficientes alfa*: verifica a relação entre os itens e o escore total, sendo que quanto mais homogêneo, melhor a precisão do teste.

5) *Método de precisão entre avaliadores*: dois ou mais avaliadores aplicam o teste com o mesmo método em um mesmo indivíduo, a fim de obter correlação entre os resultados destes, diminuindo o aspecto subjetivo da aplicação do avaliador.

Para melhor entendimento, foi feita a Tabela 4, encaixando o método com o tipo de fonte de erro e ao critério que se tenta satisfazer. Elucida-se que em alguns trabalhos os itens são encontrados por critérios (Souza et al., 2017), estabilidade (o quão estável o resultado é no decorrer do tempo), consistência interna (se os itens do instrumento medem a mesma característica psicológica) e equivalência (concordância entre observadores sobre o mesmo instrumento).

Tabela 4*Formas de verificar a confiabilidade/precisão de um teste*

Método	Fonte de erro		Subjetividade avaliador	Critério
	Tempo	Conteúdo dos itens		
Formas alternadas	X	X		Estabilidade e Consistência Interna
Teste-reteste	X			Estabilidade
Metades (<i>split-half</i>)		X		Consistência Interna
Coefficientes alfa		X		
Precisão entre avaliadores			X	Equivalência

Após a verificação de evidências de validade e confiabilidade, com a confirmação de resultados satisfatórios, o teste está apto para ser utilizado no âmbito de pesquisa. Como citado anteriormente, o teste só pode ser utilizado por todos os profissionais de psicologia quando é aprovado pelo SATEPSI (CFP, 2022). As etapas adicionais para que ocorra essa aprovação refere-se à padronização e normatização do teste (Andrade & Valentini, 2018). A padronização trata da homogeneidade dos procedimentos estabelecidos para a aplicação e a correção do teste, em outras palavras, são as regras que o avaliador tem que seguir para a aplicação correta do instrumento. Assim, corresponde a como deve-se se comportar (AERA et al., 2014; Muniz & Freitas, 2017). Já a normatização, diz respeito às regras para interpretação do escore obtido pelo participante.

Diante do exposto, considerando a relevância do construto da resiliência para a sociedade atual e para os indivíduos, além das lacunas presentes na literatura quanto à propostas avaliativas objetivas para adolescentes e jovens adultos, e, também, as orientações presentes na literatura especializada para construção de instrumentos psicológicos, o presente estudo teve como objetivo desenvolver uma escala para avaliação da resiliência em adolescentes e jovens adultos, com idades entre 12 e 30 anos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Construir uma escala de resiliência para adolescentes e jovens adultos, e investigar as propriedades psicométricas iniciais.

2.2 Objetivos específicos

- Operacionalizar o comportamento resiliente;
- Investigar as evidências de validade baseada no conteúdo;
- Adequar instrumento junto à população-alvo por meio de estudo piloto;
- Investigar evidências de validade baseada na estrutura interna com análise fatorial exploratória;
- Verificar a confiabilidade do instrumento, analisando a consistência interna.

3 MÉTODO

3.1 Estudo 1: Desenvolvimento do instrumento

Este estudo consistiu na fase inicial da construção do instrumento de avaliação da resiliência, seguindo as orientações de Pasquali (2010) de que é essencial estabelecer fundamentos teóricos para o instrumento. Seguindo esse caminho, esse estudo apresenta a teoria psicológica que fundamentou a construção dos itens do instrumento.

3.1.1 A seleção de um modelo teórico

Para a elaboração do instrumento optou-se por definir a resiliência como um construto psicológico, que se refere a capacidade de adaptação positiva frente a uma adversidade (Rutter, 2012; Prince-Embury et al., 2017; Masten et al., 2021), percebida ou real (Castillo et al., 2016), composta por diversos sistemas e que pode ser apresentada por qualquer pessoa em qualquer momento da vida (Masten, 2001). A resiliência é entendida como um processo resultante da interação entre fatores (Ungar, 2018; Masten, 2021).

Definido o fenômeno psicológico que é alvo do instrumento, a próxima etapa orientada na literatura é escolher um modelo teórico. Assim, após análise dos diversos modelos existentes, considerando a intenção de que o instrumento seja capaz de identificar características resilientes de natureza psicológica, selecionou-se o modelo teórico de Prince-Embury (2010), que compreende a resiliência em três grandes fatores, sendo dois fatores protetivos (maestria e pertencimento) e um fator de vulnerabilidade (reatividade emocional). Para melhor

entendimento, a Tabela 5 contém os fatores e suas respectivas facetas, junto com seu significado:

Tabela 5

Fatores da resiliência segundo o modelo teórico de Prince-Embury

Fatores e facetas	Significado
Senso de Maestria (<i>Mastery</i>)	Interações e relações com o ambiente.
Otimismo (<i>Optimism</i>)	Atitude positiva frente ao mundo e/ou a vida, no presente e no futuro.
Autoeficácia (<i>Self-efficacy</i>)	Crença de que se pode dominar o ambiente.
Adaptabilidade (<i>Adaptability</i>)	Capacidade de ser pessoalmente receptivo ao <i>feedback</i> , aprender com os próprios erros, pedir ajuda aos outros e ajustar-se a mudança de planos.
Senso de Pertencimento (<i>Relatedness</i>)	Trata-se dos relacionamentos sociais.
Confiança (<i>Trust</i>)	Capacidade de receber e aceitar o que é dado.
Acesso a suporte (<i>Acess to support</i>)	Percepção de apoio, real ou não.
Conforto social (<i>Social comfort</i>)	Refere-se a sensação de conforto com os outros.
Tolerância as diferenças (<i>Tolerance of differences</i>)	Capacidade de ter os próprios pensamentos e expressá-los, mesmo que possam diferir dos pensamentos dos outros.
Reatividade emocional (<i>Emotional Reactivity</i>)	Capacidade de regulação da reação emocional.
Sensibilidade (<i>Sensitivity</i>)	Velocidade, frequência e intensidade da resposta emocional negativa.
Recuperação (<i>Recovery</i>)	Quão rápido e quão bem um indivíduo retorna ao funcionamento normal após uma forte reação emocional.
Prejuízo (<i>Impairment</i>)	Prejuízo do funcionamento devido à excitação emocional.

Nota. Síntese das definições, considerando os artigos: Prince-Embury e Courville (2008), Prince-Embury (2010) e Prince-Embury et al. (2017).

Destaca-se que tal modelo foi inicialmente pensando para crianças e adolescentes canadenses, servindo como base para a construção de uma escala para esta faixa etária (Prince-Embury, 2010). Ainda, a autora conduziu estudos de ampliação da faixa etária, utilizando o mesmo modelo para avaliar jovens adultos (Prince-Embury et al., 2017). Diante do potencial deste modelo, buscou-se construir um instrumento baseado nesta teoria, considerando os dados promissores já apresentados. A escolha pela faixa etária justificou-se, principalmente, em estudos que mostram que a adolescência é uma idade que apresenta vulnerabilidades significativas (Campos e Zanini (2020), Faria et al. (2020), Herênio e Zanini (2020), Gonçalves et al. (2021) e Zanini et al. (2021)).

3.1.2 O formato do instrumento

Considerando a faixa etária selecionada, entendeu-se que o formato de autorrelato seria adequado, notadamente, pelas vantagens associadas a este tipo de estratégia de testagem. Quanto a métrica proposta, optou-se pela resposta em escala *Likert*, variando entre 0 (nunca) e 4 (sempre). Para a construção dos itens do instrumento foi considerado o modelo de três fatores preconizado por Prince-Embury (2010). Além disso, foi consultada a literatura científica sobre resiliência, inclusive, houve consulta de outras escalas, verificando os itens do respectivo instrumento, para que, dessa forma, fosse fundamentada a criação da versão preliminar do teste. Inicialmente, foram desenvolvidos 133 itens, considerando a orientação presente na literatura de que devem ser construídos em torno de três vezes mais itens do que o esperado, em sua versão final, no processo de organização do material. Para melhor visualização da quantidade de itens criados por faceta, foram sintetizados na Tabela 6.

Tabela 6*Quantidade de itens criados para cada faceta*

Fator	Faceta	Itens
Maestria	Otimismo	10
	Autoeficácia	12
	Adaptabilidade	12
	Confiança	12
Pertencimento	Acesso a suporte	15
	Conforto social	11
Pertencimento	Tolerância as diferenças	11
	Sensibilidade	26
Reatividade Emocional	Recuperação	12
	Prejuízo	12
Total		133

Observa-se, de acordo com a Tabela 6, que para cada faceta o mínimo de itens criados foi 10 e o máximo 26 itens. Com isso, esperava-se que os estudos seguintes colaborariam para a seleção de itens mais adequados, tanto do ponto de vista qualitativo, quanto do ponto de vista psicométrico. Os itens desenvolvidos estão apresentados no Anexo 1. Ainda, o presente instrumento foi intitulado como Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos (IRAJA).

3.2 Estudo 2: Evidências de validade baseada no conteúdo

A evidência de validade de conteúdo é essencial na construção de um instrumento psicológico, sendo indicada como o primeiro estudo de validade conduzido em um processo de construção (AERA et al., 2014; Borsa & Seize, 2017). Este tipo de evidência se dá através de duas análises: a de juízes e a semântica, as quais foram conduzidas neste estudo.

3.2.1 Objetivos

- Avaliar a representatividade dos conteúdos dos itens diante da literatura científica;
- Avaliar a representatividade dos itens para a população-alvo.

Para alcançar estes objetivos, o Estudo 2 foi organizado em quatro etapas, sendo a primeira, a segunda e a terceira referentes a análise dos juízes e a quarta correspondente a análise semântica.

3.2.2 Etapa 1 – Primeira rodada da análise de juízes

3.2.2.1 Participantes

O número de participantes foi definido seguindo a orientação de Borsa e Seize (2017), de um mínimo de dois a um máximo de dez pessoas. Sendo assim, foram convidados seis juízes especialistas. Nesse sentido, foram estabelecidos os critérios de inclusão dos participantes: 1) ser psicólogo; 2) estar cursando mestrado, doutorado ou já ter completado tais cursos e; 3) ter experiência na área de avaliação psicológica. Profissionais que não tinham a experiência necessária ou que retiraram seu consentimento em participar da pesquisa, mesmo que inicialmente tenha concordado, foram excluídos como participantes.

Sendo assim, foram sintetizadas as características sociodemográficas dos juízes, conforme a Tabela 7.

Tabela 7*Caracterização dos juízes*

Variável	Juiz 1	Juiz 2	Juiz 3	Juiz 4	Juiz 5	Juiz 6
Gênero	Mulher	Mulher	Mulher	Mulher	Mulher	Mulher
Idade	32 anos	24 anos	46 anos	24 anos	26 anos	28 anos
Há quantos anos é psicólogo?	7 anos	1 ano	20 anos	1 ano	3 anos	7 anos
Quantos anos de experiência na área de avaliação psicológica?	3 anos	1 ano	10 anos	5 anos	4 anos	7 anos
Qual nível de curso superior após a graduação?	Cursando mestrado	Cursando mestrado	Doutorado completo	Cursando mestrado	Cursando mestrado	Cursando doutorado
Participa de grupos de pesquisa em Psicologia?	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Há quantos anos participa de grupos de pesquisa em Psicologia?	1 ano	1 ano	-	6 anos	2 anos	7 anos
Tem experiência na área de construção de instrumentos?	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim

(Continua)

Tabela 7*Caracterização dos juízes*

Variável	Juiz 1	Juiz 2	Juiz 3	Juiz 4	Juiz 5	Juiz 6
Quantos anos de experiência na área de construção de instrumentos?	-	-	10 anos	6 anos	4 anos	4 anos
Tem experiência no estudo de fenômenos de saúde, como por exemplo, construtos associados a psicologia positiva?	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Quantos anos tem de experiência em tal área de estudo?	1 ano	1 ano	10 anos	2 anos	-	7 anos

Dessa forma, verificou-se que todos os juízes foram mulheres, com média de idade de 30 anos ($DP = 7,66$), atuando como psicólogas em uma média de 6,5 anos ($DP = 6,53$) e cinco anos ($DP = 2,89$) de experiência em avaliação psicológica. Ainda, observou-se que todos os juízes estavam realizando mestrado, doutorado ou apresentavam doutorado finalizado. Também foi possível verificar que a maioria dos participantes participa de grupos de pesquisa em psicologia, assim como, possui experiência com construção de instrumentos e estuda fenômenos de saúde.

3.2.2.2 Instrumentos

Os juízes receberam um formulário contendo os itens do instrumento (Anexo 1) e questões para a avaliação dos itens. Para tal avaliação, foi considerada a relevância e clareza do item, além da avaliação da faceta a que o juiz acreditava que o item pertencia. Também foi aplicado um questionário sociodemográfico, que visou obter informações como: idade, sexo, tempo de atuação como psicólogo, tempo de experiência na área de avaliação psicológica, nível

educacional, se há participação em grupos de pesquisa na área de psicologia, se tem experiência na área de construção de instrumentos e/ou no estudo de fenômenos de saúde.

3.2.2.3 Procedimentos

Inicialmente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG, e somente após a sua aprovação, foi dada continuidade nas próximas etapas do presente estudo. A aprovação se deu por meio do parecer nº CAAE 67494423.4.0000.5149 (Anexo 7). A amostra de juízes foi composta por conveniência e buscou-se por especialistas com a experiência necessária, de acordo com os critérios pré-estabelecidos para participar da análise dos itens. Os juízes foram, inicialmente, selecionados por suas experiências declaradas em seus currículos lattes. O objetivo desta ação foi selecionar juízes que tivessem formação na área de psicologia, experiência profissional e conhecimento teórico adequado para contribuir com a avaliação dos itens do instrumento de medida.

Em seguida, contatou-se os juízes via e-mail, por meio do qual foi enviado um convite para participação na análise de itens, verificando o interesse e a disponibilidade dos profissionais em colaborar com o estudo. No mesmo e-mail foi incluído um *link* da plataforma *Formr*®, em que os juízes encontraram um formulário online para a realização da avaliação. O formulário ficou disponível durante 20 dias. Neste formulário, estava presente o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE, Anexo 8) e os itens do instrumento (Anexo 1), junto com perguntas relativas as qualidades avaliadas para cada item do instrumento: relevância e clareza do item, além de a qual faceta (dentre as dez utilizadas para criação do instrumento) o juiz julgava que o item pertencia.

Buscando a ordenação aleatória dos itens, utilizou-se o programa *Microsoft Excel*® 2016 com a função =ALEATORIOENTRE (1, 133).

3.2.2.4 Análise dos dados

Para analisar as respostas dos juízes e verificar a concordância entre eles foram realizadas três análises estatísticas. Primeiramente, foi calculada a concordância simples entre os juízes para a relação item-faceta, sendo que para ser considerada uma concordância boa, somente foram incluídos itens a partir de 80% de concordância (Pasquali, 2010). Após tal análise, foi calculado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) para os itens que tiveram uma boa concordância no quesito item-faceta ($\geq 80\%$), considerando as qualidades relevância e clareza do item. Para isso, pensando em seis juízes, o valor encontrado para o IVC deveria ser igual ou superior a 0,83 para que fosse considerado bom (Polit et al., 2007; Yusoff, 2019). Após

isso, foi realizada uma análise qualitativa, verificando se houve sugestões dos juízes para alterações nos itens (Borsa & Seize, 2017). Tais análises foram realizadas através do software *Microsoft Excel® 2016*.

3.2.2.5 Resultados

Inicialmente, foi calculada a porcentagem de concordância entre os juízes para a relação item-faceta (a qual faceta o juiz acreditava que o respectivo item pertencia). Além disso, foi calculado o IVC para cada item que apresentou boa concordância ($\geq 80\%$). Destaca-se que o IVC foi calculado para as seguintes qualidades: 1) relevância; 2) clareza e; 3) total (soma das duas qualidades e divisão pela quantidade de categorias, nesse caso duas). Os resultados estão descritos na Tabela 8.

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
1	Eu posso pedir ajuda para alguém se eu precisar.	67%	1,00	1,00	1,00
2	Fico confortável quando estou entre conhecidos.	50%	1,00	1,00	1,00
3	Se eu não consigo fazer algo, peço ajuda.	67%	1,00	1,00	1,00
4	Eu tenho amigos que pensam diferente de mim.	100%	1,00	0,83	0,92
5	Eu sou uma pessoa com quem os outros podem contar.	33%	1,00	0,83	0,92
6	Eu tenho dificuldades em estudar/trabalhar quando estou triste.	50%	1,00	1,00	1,00
7	Eu acho difícil ouvir que errei.	83%	1,00	1,00	1,00

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
8	Eu gosto quando outras pessoas me ajudam em algo que não sei fazer.	33%	1,00	1,00	1,00
9	Eu consigo olhar uma mesma situação de várias maneiras.	50%	1,00	0,83	0,92
10	Eu sei que consigo controlar minhas emoções.	0%	1,00	1,00	1,00
11	Eu tenho familiares que posso conversar se eu precisar.	83%	1,00	1,00	1,00
12	Eu penso que no fim ficará tudo certo, mesmo quando estou com problemas.	100%	1,00	0,83	0,92
13	Eu gosto de estar perto de pessoas.	83%	0,67	0,67	0,67
14	Eu fico com raiva por muito tempo quando algo acontece.	50%	1,00	1,00	1,00
15	Eu me sinto sozinho quando tenho um problema.	67%	1,00	1,00	1,00
16	Eu fico triste por pouco tempo após uma coisa ruim acontecer.	33%	1,00	1,00	1,00
17	Eu acredito que o mundo pode ser um lugar melhor.	83%	1,00	1,00	1,00
18	Eu entendo facilmente as coisas.	83%	0,83	0,83	0,83
19	Eu sinto raiva na maior parte do dia.	50%	1,00	1,00	1,00
20	Eu me sinto confortável em conversar sobre minha intimidade com amigos.	0%	0,83	0,83	0,83
21	Eu entendo que tem pessoas que não pensam igual a mim.	83%	1,00	1,00	1,00
22	Eu penso no meu futuro com felicidade.	100%	1,00	1,00	1,00

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
23	Eu acredito que posso contar com meus amigos se algo der errado.	83%	1,00	1,00	1,00
24	Eu sinto o apoio da minha família quando tenho um problema.	83%	1,00	1,00	1,00
25	Eu sinto que a tristeza me impede de fazer minhas atividades diárias.	67%	1,00	0,83	0,92
26	Eu posso falar sobre assuntos íntimos com amigos.	17%	0,83	0,67	0,75
27	Eu posso falar sobre assuntos íntimos com familiares.	17%	0,83	0,67	0,75
28	Eu me sinto confortável quando estou com pessoas que têm os mesmos interesses que eu.	33%	1,00	1,00	1,00
29	Eu tenho dificuldade em parar de se sentir triste.	67%	1,00	0,67	0,83
30	Se eu erro em alguma coisa, aprendo com o erro para não repeti-lo.	100%	1,00	0,83	0,92
31	Eu fico magoado com coisas pequenas.	83%	1,00	0,83	0,92
32	Eu tenho pessoas no qual posso confiar.	33%	1,00	1,00	1,00
33	Eu consigo expressar meus pensamentos quando não concordo com algo.	83%	1,00	1,00	1,00
34	Eu acredito que sinto mais tristeza à alegria.	50%	1,00	1,00	1,00
35	Eu me sinto desconfortável quando estou com pessoas que não têm os mesmos interesses que eu.	67%	1,00	1,00	1,00

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
36	Eu me sinto confortável em conversar sobre minha intimidade com familiares.	0%	1,00	1,00	1,00
37	Eu sei dizer que alguém errou sem ferir seus sentimentos.	33%	0,67	0,83	0,75
38	Eu gosto de ficar junto dos meus amigos.	83%	1,00	1,00	1,00
39	Eu sinto raiva a ponto de não conseguir estudar/trabalhar.	100%	1,00	1,00	1,00
40	Eu consigo resolver os problemas.	50%	1,00	1,00	1,00
41	Eu percebo o apoio dos meus amigos quando tenho um problema.	100%	1,00	1,00	1,00
42	Eu não consigo controlar meu comportamento quando fico triste.	33%	0,83	0,67	0,75
43	Eu acredito facilmente nas pessoas.	83%	0,83	1,00	0,92
44	Eu sei que mesmo diante de desafios, as coisas ficarão bem.	100%	0,83	0,83	0,83
45	Eu fico facilmente com raiva quando sou frustrado.	83%	0,67	0,50	0,58
46	Eu demoro a ficar bravo.	100%	1,00	1,00	1,00
47	Eu levo em consideração os sentimentos dos outros quando dou minha opinião.	67%	0,83	1,00	0,92
48	Eu sinto que preciso de ajuda para resolver meus problemas.	50%	0,83	0,67	0,75
49	Eu posso perdoar uma pessoa mesmo se ela me chatear.	0%	1,00	1,00	1,00

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
50	Eu tenho dificuldade em aceitar sugestões de outras pessoas.	0%	1,00	1,00	1,00
51	Eu tenho amigos com quem conversar se eu precisar.	100%	0,83	0,83	0,83
52	Eu consigo lidar com os problemas sozinho, se precisar.	83%	1,00	1,00	1,00
53	Eu penso que o futuro será melhor.	100%	0,83	0,83	0,83
54	Eu só fico bravo com coisas muito graves.	100%	1,00	0,83	0,92
55	Eu sinto que preciso que outras pessoas assumam meus desafios.	83%	0,83	1,00	0,92
56	Eu me sinto ansioso quando estou com pessoas que não conheço.	67%	1,00	1,00	1,00
57	Eu desconfio das intenções das pessoas que se aproximam de mim.	50%	0,83	1,00	0,92
58	Eu consigo dizer o que sinto quando alguém me magoa.	50%	1,00	1,00	1,00
59	Eu sinto que as pessoas me acolhem quando preciso.	100%	1,00	1,00	1,00
60	Eu fico magoado facilmente.	100%	1,00	1,00	1,00
61	Eu acredito que todo feedback (positivo ou negativo) é importante para o meu crescimento.	100%	0,83	0,83	0,83
62	Eu confio facilmente nas pessoas.	83%	0,83	0,83	0,83
63	Eu gosto de ajudar as pessoas.	0%	0,83	1,00	0,92
64	Se eu estou triste, costumo ficar ainda mais triste com facilidade.	17%	0,83	0,83	0,83

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
65	Eu demoro muito para ficar bem após ter ficado chateado com algo.	100%	1,00	1,00	1,00
66	Eu gosto de sentir-me desafiado.	67%	1,00	1,00	1,00
67	Eu me frustro facilmente.	100%	1,00	1,00	1,00
68	Eu me sinto frustrado a maior parte do tempo.	50%	1,00	1,00	1,00
69	Eu acredito que posso superar os desafios da vida.	67%	1,00	0,83	0,92
70	Eu sou capaz de compartilhar minhas opiniões sem causar problemas.	67%	1,00	1,00	1,00
71	Eu acho difícil parar de me sentir triste após alguém fazer algo que não gostei.	67%	1,00	0,83	0,92
72	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram magoado.	83%	1,00	1,00	1,00
73	Eu demoro a ficar magoado.	83%	0,83	1,00	0,92
74	Eu sou capaz de resolver meus problemas.	83%	1,00	1,00	1,00
75	Eu não consigo controlar meu comportamento quando fico bravo.	0%	1,00	1,00	1,00
76	Eu tenho boas expectativas sobre o meu futuro.	100%	1,00	1,00	1,00
77	Eu consigo perdoar alguém depois de uma discussão.	17%	0,83	0,83	0,83
78	Eu demoro a ficar chateado.	67%	0,83	1,00	0,92
79	Eu desconfio facilmente das pessoas.	67%	1,00	1,00	1,00
80	Eu demoro a ficar triste.	83%	1,00	1,00	1,00

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
81	Eu consigo aprender com os meus erros.	83%	1,00	1,00	1,00
82	Eu fico triste por muito tempo após uma coisa ruim acontecer.	67%	1,00	1,00	1,00
83	Eu fico bravo facilmente.	100%	1,00	1,00	1,00
84	Eu acredito que posso contar com minha família se algo der errado.	100%	1,00	1,00	1,00
85	Eu já fiz coisas que me arrependi quando estava com raiva.	67%	1,00	1,00	1,00
86	Eu acredito que coisas boas irão acontecer comigo.	100%	1,00	1,00	1,00
87	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas que não conheço.	100%	1,00	1,00	1,00
88	Se eu fico chateado não consigo fazer nada direito.	0%	1,00	1,00	1,00
89	Eu entendo que tem pessoas que não concordam comigo.	83%	1,00	1,00	1,00
90	Eu sei que quando alguém aponta um erro meu é porque quer o meu bem.	67%	1,00	0,83	0,92
91	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas conhecidas.	100%	1,00	1,00	1,00
92	Eu sinto que as pessoas não entendem as minhas angústias.	50%	1,00	1,00	1,00
93	Eu acredito que as pessoas gostam de mim.	17%	1,00	1,00	1,00
94	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou triste.	83%	1,00	1,00	1,00

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
95	Eu acredito que sinto mais raiva à calma.	83%	0,83	0,67	0,75
96	Eu acho difícil acreditar nas pessoas.	67%	1,00	1,00	1,00
97	Eu não tenho controle das minhas emoções.	33%	1,00	1,00	1,00
98	Eu fico triste com coisas pequenas.	100%	0,83	0,83	0,83
99	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou chateado com algo.	83%	1,00	1,00	1,00
100	Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo.	50%	1,00	1,00	1,00
101	Eu rapidamente esqueço os motivos que deixaram com raiva.	83%	1,00	1,00	1,00
102	Eu procuro o lado positivo dos problemas.	100%	0,83	0,83	0,83
103	Eu costumo ficar triste facilmente.	100%	1,00	1,00	1,00
104	Eu perco o controle quando sinto raiva.	83%	1,00	1,00	1,00
105	Eu sou capaz de lidar com situações desafiadoras.	50%	1,00	1,00	1,00
106	Eu sinto que demoro a perdoar alguém que me fez mal.	67%	1,00	1,00	1,00
107	Eu sinto que fico tão magoado que não consigo pensar em outras coisas.	67%	1,00	1,00	1,00
108	Quando eu fico triste, fico muito triste.	100%	0,83	0,83	0,83
109	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram triste.	83%	1,00	1,00	1,00
110	Eu faço bem as atividades que me preciso fazer.	83%	0,83	0,83	0,83

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
111	Eu gosto de ficar junto da minha família.	100%	0,83	1,00	0,92
112	Eu tenho facilidade em lidar com problemas.	67%	1,00	1,00	1,00
113	Eu acho fácil ouvir que errei.	100%	1,00	1,00	1,00
114	Eu tenho dificuldade de fazer as minhas atividades quando estou frustrado.	83%	0,83	1,00	0,92
115	Eu fico com raiva por pouco tempo quando algo acontece.	83%	1,00	1,00	1,00
116	Eu sei que quando estou com raiva não consigo estudar/trabalhar.	67%	1,00	1,00	1,00
117	Eu consigo expressar minha opinião com facilidade.	67%	1,00	1,00	1,00
118	Eu não consigo controlar meu comportamento quando estou magoado.	33%	1,00	1,00	1,00
119	Eu gosto de ouvir dos outros o que posso melhorar em uma situação.	67%	1,00	1,00	1,00
120	Eu demoro a ficar com raiva.	83%	0,83	1,00	0,92
121	Eu acho difícil confiar em alguém.	67%	1,00	1,00	1,00
122	Eu gosto de ouvir a opinião de outras pessoas quando tomo decisões.	50%	0,83	1,00	0,92
123	Eu tenho facilidade em pedir ajuda quando preciso.	50%	1,00	1,00	1,00
124	Eu sinto que tenho pessoas para me ajudar no que eu precisar.	100%	1,00	1,00	1,00
125	Eu fico com raiva com coisas pequenas.	100%	1,00	1,00	1,00
126	Eu sinto tristeza na maior parte do dia.	67%	1,00	1,00	1,00

(Continua)

Tabela 8

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na primeira rodada (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
127	Eu vejo o lado engraçado dos problemas.	67%	0,83	0,67	0,75
128	Eu me sinto triste quando uma pessoa não concorda comigo.	0%	1,00	1,00	1,00
129	Eu sou uma pessoa que os outros podem confiar.	33%	0,83	1,00	0,92
130	Eu acredito que me sinto mais frustrado à realizado.	67%	1,00	1,00	1,00
131	Eu prefiro resolver meus problemas com o apoio de alguém.	67%	1,00	1,00	1,00
132	Eu acredito que as pessoas têm boas intenções ao se aproximar de mim.	67%	1,00	1,00	1,00
133	Eu me sinto calmo perto de outras pessoas.	100%	1,00	1,00	1,00

Nota. IVC = Índice de Validade de Conteúdo

Pode-se observar que após verificar a concordância dos 133 itens construídos inicialmente, apenas 63 apresentaram valores $\geq 80\%$. Logo, estes foram os itens considerados para verificação do IVC. Após calculado o IVC, foram excluídos mais três itens, que apresentaram valores abaixo de 0,83 para o IVC Total. Sendo assim, ao final, ficaram 60 itens para compor o instrumento. Ainda, destaca-se que não houve sugestões pertinentes para a alteração do item em sua escrita. Após isso, foram verificadas a quais facetas todos os itens pertenciam, para que fosse visualizado se existia ao menos cinco itens para cada faceta, que é o recomendado (Borsa & Seize, 2017). Na Tabela 9, pode ser visualizada a quantidade de itens para cada faceta.

Tabela 9*Quantidade de itens para cada faceta após primeira rodada de análise de juízes*

Fator	Faceta	Itens
Maestria	Otimismo	8
	Autoeficácia	5
	Adaptabilidade	5
	Confiança	2
Pertencimento	Acesso a suporte	8
	Conforto social	5
	Tolerância as diferenças	4
Reatividade Emocional	Sensibilidade	13
	Recuperação	5
	Prejuízo	5
Total		60

Desa maneira, observa-se que tanto na faceta Confiança quanto na Tolerância as diferenças não alcançaram a quantidade de itens adequada (Borsa & Seize, 2017). Para a primeira faceta apenas dois itens se mostraram adequados, e para a segunda, apenas quatro. Pensando nisso, foram criados mais itens para essas facetas, objetivando alcançar a quantidade sugerida. Com isso, tais itens foram submetidos a uma segunda rodada de avaliação dos juízes.

3.2.3 Etapa 2 – Segunda rodada de análise de juízes

3.2.3.1 Participantes

Participaram da segunda rodada de análise os seis juízes participantes da etapa 1 do presente estudo. Destaca-se que no final do formulário aplicado na etapa anterior foi perguntado se o especialista teria disponibilidade de participar de uma segunda rodada, caso necessário, e todos os participantes afirmaram possuir tal disponibilidade.

3.2.3.2 Instrumentos

Foi enviado um formulário para avaliação com dez novos itens (elaborados a partir das facetas Confiança e Tolerância as diferenças), no qual a avaliação consistiu nas mesmas qualidades avaliadas na etapa anterior (relevância, clareza e relação item-faceta). Os novos itens se encontram no Anexo 2.

3.2.3.3 Procedimentos

Foi realizado contato com os juízes via e-mail, por meio do qual enviou-se um novo formulário com os dez novos itens. Tal formulário foi elaborado através da plataforma *Formr*®, onde ficou disponível para avaliação durante 15 dias. Para deixar a ordem dos itens aleatória foi utilizado o programa *Microsoft Excel*® 2016, utilizando-se da função =ALEATORIOENTRE (1, 10).

3.2.3.4 Análise dos dados

Para análise das respostas dos juízes foram executadas as mesmas análises estatísticas da primeira rodada. Inicialmente, foi calculada a concordância simples entre os juízes para a relação item-faceta, tendo boa concordância para os itens com 80% ou acima (Pasquali, 2010). Após, calculou-se o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) para relevância e clareza para os itens que apresentaram boa concordância. Para isso, o valor encontrado para o IVC deveria ser igual ou superior a 0,83 para que fosse considerado bom (Polit et al., 2007; Yusoff, 2019). Tais análises foram realizadas através do software *Microsoft Excel*® 2016.

3.2.3.5 Resultados

Foram construídos dez novos itens para as duas facetas, que apresentaram quantidade baixa de itens após a primeira rodada de análises de juízes. Dessa forma, a Tabela 10 sintetiza os valores encontrados para os novos itens utilizados na segunda rodada de análise de juízes, em relação a concordância item-faceta, IVC de relevância, clareza e total.

Tabela 10

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na segunda rodada de análise de juízes

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
1	Eu penso que preciso desconfiar das pessoas ao meu redor.	33%	1,00	1,00	1,00
2	Eu penso que posso confiar nas pessoas.	17%	1,00	1,00	1,00
3	Eu expesso minhas opiniões de forma objetiva e respeitosa.	50%	1,00	1,00	1,00
4	Eu tenho facilidade em seguir regras.	0%	0,67	0,67	0,67
5	Eu penso que as pessoas são confiáveis.	50%	1,00	1,00	1,00
6	Eu consigo conversar sobre temas sensíveis sem brigar.	67%	1,00	1,00	1,00
7	Eu compartilho minhas opiniões com cuidado e respeito.	50%	1,00	1,00	1,00
8	Eu considero os sentimentos dos outros ao dizer o que penso.	67%	1,00	0,83	0,92
9	Eu sou agressivo quando falo das minhas opiniões.	50%	1,00	0,83	0,92
10	Eu escuto respeitosamente as opiniões que são diferentes das minhas.	67%	1,00	1,00	1,00

Nota. IVC = Índice de Validade de Conteúdo

Como observado, nenhum dos novos itens construídos para as facetas Confiança e Tolerância as diferenças apresentou concordância de 80% ou acima para a relação item-faceta, que foi avaliada pelos juízes. Por isso, considerou-se que nenhum dos dez itens eram adequados para compor o instrumento, se mostrando necessária uma nova rodada de análise, objetivando alcançar a quantidade adequada de itens por faceta.

3.2.4 Etapa 3 – Terceira rodada de análise de juízes

3.2.4.1 Participantes

Participaram da terceira rodada de análise cinco juízes participantes das etapas anteriores, sendo que um dos juízes que participou anteriormente optou por não participar da

presente etapa. Destaca-se também que no final do formulário aplicado na segunda etapa foi perguntado se o especialista teria disponibilidade de participar de uma terceira rodada de análises, caso necessário, e todos os participantes afirmaram terem disponibilidade para participação.

3.2.4.2 Instrumentos

Foi enviado um formulário para avaliação com vinte e sete novos itens. Destaca-se que os novos itens se referiam a uma reelaboração dos itens construídos anteriormente para as facetas Confiança e Tolerância as diferenças (Etapa 1 e 2), que não se mostraram adequados. A avaliação dos itens consistiu nas mesmas qualidades avaliadas nas etapas anteriores (relevância, clareza e relação item-faceta). Os novos itens se encontram no Anexo 3.

3.2.4.3 Procedimentos

Foi realizado contato com os juízes via e-mail, por meio do qual enviou-se um novo formulário com os vinte e sete novos itens. Tal formulário foi elaborado através da plataforma *Formr*®, onde ficou disponível para avaliação durante 20 dias. Novamente, para a aleatoriedade dos itens utilizou-se a função =ALEATORIOENTRE (1, 27) no *Microsoft Excel*® 2016.

3.2.4.4 Análise dos dados

Para análise das respostas dos juízes foram executadas as seguintes análises estatísticas: inicialmente, foi calculada a concordância simples entre os juízes para a relação item-faceta, sem considerada boa concordância itens com 80% ou acima (Pasquali, 2010). Após isso, foi calculado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC), considerando relevância e clareza para os itens que apresentaram boa concordância. Para que o IVC fosse considerado bom, o valor encontrado deveria ser $\geq 0,83$ (Polit et al., 2007; Yusoff, 2019). Destaca-se que foi realizada também uma análise qualitativa, verificando se houve sugestões pertinentes dos juízes para alterações nos itens (Borsa & Seize, 2017). Tais análises foram realizadas através do software *Microsoft Excel*® 2016.

Após isso, foram realizadas mais duas análises para todos os itens que se mostraram adequados (considerando todas as rodadas). Primeiro, foi calculado o Índice Kappa (k) para a concordância entre o autor e os juízes em relação as dimensões do instrumento, ou seja, buscou-se verificar se a dimensão na qual o autor baseou a criação do item estava concordando com a análise feita por cada um dos juízes. Para tal índice, são considerados os seguintes valores para interpretação: valores menores que 0 são considerados sem concordância; valores entre 0 e 0,19

possuem concordância pobre; entre 0,20 e 0,39 concordância baixa; entre 0,40 e 0,59 concordância moderada; de 0,60 a 0,79 a concordância é substancial e; entre 0,80 e 1,00 a concordância é quase perfeita (Borsa & Seize, 2017). Por fim, foi feita também a correlação entre as respostas dos juízes. Para interpretação do coeficiente foi considerado que valores menores que 0,30 eram considerados correlações fracas, entre 0,30 e 0,50 moderadas, 0,50 e 0,80 fortes e superior a 0,80 muito forte (Valentini & Laros, 2012). Para tais análises, utilizou-se o software *JASP* versão 0.18.1 (JASP Team, 2023).

3.2.4.5 Resultados

Como visto anteriormente, todos os itens criados, que foram baseados nas facetas Confiança e Tolerância as diferenças e não se mostraram adequados anteriormente, foram reformulados e submetidos a nova avaliação de juízes. Assim, a Tabela 11 refere-se aos 27 itens analisados e suas avaliações (concordância item-faceta, relevância e clareza).

Tabela 11

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na terceira rodada de análise de juízes

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
1	Eu acho que preciso desconfiar das pessoas.	60%	0,67	0,83	0,75
2	Eu costumo ser agressivo quando falo das minhas opiniões.	40%	0,83	0,83	0,83
3	Eu escuto outras opiniões de forma respeitosa.	60%	0,83	0,83	0,83
4	Eu sou uma pessoa que os outros podem contar.	20%	0,67	0,67	0,67
5	Eu expresso minhas opiniões com respeito e de forma objetiva.	80%	1,00	1,00	1,00
6	Eu consigo dizer que alguém fez algo errado sem ferir seus sentimentos.	100%	0,80	0,80	0,80

(Continua)

Tabela 11

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na terceira rodada de análise de juízes (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
7	Eu expresso minhas opiniões com respeito e cuidado.	80%	1,00	1,00	1,00
8	Eu costumo ajudar as pessoas.	20%	0,67	0,67	0,67
9	Eu consigo perdoar as pessoas mesmo que elas me chateiem.	20%	0,83	0,83	0,83
10	Eu acredito que posso confiar nas pessoas.	80%	1,00	1,00	1,00
11	Eu acho difícil aceitar sugestões de outras pessoas.	20%	0,83	0,83	0,83
12	Eu considero os sentimentos das pessoas ao me expressar.	60%	0,83	0,83	0,83
13	Eu tenho dificuldade em confiar nas pessoas.	40%	0,83	0,83	0,83
14	Eu costumo desconfiar das intenções de novas pessoas conhecidas.	40%	0,83	0,67	0,75
15	Eu sou uma pessoa que os outros podem confiar.	60%	0,67	0,83	0,75
16	Eu costumo levar os sentimentos dos outros em consideração quando vou falar o que penso.	80%	1,00	1,00	1,00
17	Eu acredito que as pessoas são confiáveis.	40%	0,83	0,83	0,83
18	Eu costumo desconfiar das pessoas.	40%	0,67	0,83	0,75
19	Eu consigo falar o que sinto quando estou chateado.	40%	0,83	0,83	0,83
20	Eu tenho dificuldade em acreditar nas pessoas.	60%	0,83	0,83	0,83

(Continua)

Tabela 11

Concordância simples entre juízes em relação ao quesito item-faceta e IVC para relevância, clareza e total na terceira rodada de análise de juízes (Continuação)

Item	Descrição	Concordância	IVC Relevância	IVC Clareza	IVC Total
21	Eu conheço pessoas que posso confiar.	40%	0,83	0,83	0,83
22	Eu consigo perdoar alguém após uma discussão.	20%	0,83	0,83	0,83
23	Eu tenho facilidade em expressar minhas opiniões.	40%	0,83	0,83	0,83
24	Eu consigo seguir regras facilmente.	20%	0,83	0,83	0,83
25	Eu consigo conversar com as pessoas sobre temas sensíveis sem causar brigas.	100%	1,00	1,00	1,00
26	Eu acredito que as pessoas têm boas intenções quando se aproximam de mim.	40%	0,83	0,83	0,83
27	Eu consigo falar o que penso sem causar problemas.	80%	1,00	1,00	1,00

Nota. IVC = Índice de Validade de Conteúdo

Conforme pode-se observar, 7 itens apresentaram boa concordância ($\geq 80\%$), entretanto, dentre esses itens apenas 6 apresentaram IVC (≥ 0.83) satisfatório. Sendo assim, foram implementados na escala os seis itens que se mostraram adequados, sendo subdivididos em: 5 itens para a faceta Tolerância as Diferenças e um item para a faceta Confiança. Destaca-se que não houve sugestões pertinentes para alteração do item em sua escrita.

Considerando o possível cansaço das colaborações, optou-se por encerrar a análise de juízes. Destaca-se que apenas a faceta Confiança não obteve a quantidade buscada de itens (cinco), contudo, segundo Pasquali (2010), três itens são considerados a quantidade mínima para um fator, portanto, ainda assim, a quantidade de itens ficou satisfatória. Para melhor visualização da quantidade de itens por faceta da escala, após a terceira rodada de análise de juízes, foi elaborada a Tabela 12.

Tabela 12*Quantidade de itens para cada faceta após terceira rodada de análise de juízes*

Fator	Faceta	Itens
Maestria	Otimismo	8
	Autoeficácia	5
	Adaptabilidade	5
	Confiança	3
Pertencimento	Acesso a suporte	8
	Conforto social	5
	Tolerância as diferenças	9
	Sensibilidade	13
Reatividade Emocional	Recuperação	5
	Prejuízo	5
Total		66

Por fim, englobando todos os itens que se mostraram adequados, conforme a Tabela 11, foram executadas mais duas análises visando demonstrar a adequação dos itens. Para isso, calculou-se o Índice kappa (k) e a correlação entre autor e juiz (dimensão). Lembrando que como a amostra não possui normalidade, foi utilizada uma análise não paramétrica, no caso a correlação de Spearman (ρ). Os resultados foram sintetizados na Tabela 13.

Tabela 13*Kappa de Cohen e Correlação de Spearman para a concordância entre autor e juiz para análise de juízes*

Avaliação	kappa	Erro	95% IC		rho*
			Inferior	Superior	
Autor - Juíz1	0,80	0,05	0,69	0,90	0,96
Autor - Juíz2	0,88	0,04	0,80	0,96	0,89
Autor - Juíz3	0,95	0,03	0,89	1,00	0,98
Autor - Juíz4	0,95	0,03	0,89	1,00	1,00
Autor - Juíz5	0,93	0,03	0,87	1,00	1,00

(Continua)

Tabela 13

Kappa de Cohen e Correlação de Spearman para a concordância entre autor e juiz para análise de juízes (Continuação)

Avaliação	kappa	Erro	95% IC		rho*
			Inferior	Superior	
Autor - Juíz6	0,91	0,04	0,83	0,98	0,99
Média kappa	0,90				

Nota. 66 itens analisados.

*Todas as correlações obtiveram valor de $p < 0,001$

Pode-se observar que para todos os juízes foram obtidos valores quase perfeitos para o kappa (0,80 a 1,00). Quanto às correlações, para todos os juízes foram consideradas muito forte, com valores a partir de 0,80. Com isso, para a próxima etapa do estudo, a escala ficou composta por 66 itens, conforme Anexo 4.

3.2.5 Etapa 4 – Análise semântica junto da população-alvo

3.2.5.1 Participantes

Nesse estudo, para a composição do número de participantes, considerou-se o que Borsa e Seize (2017) propõem sobre ser adequado selecionar de 3 a 4 pessoas de cada estrato da população-alvo e fazer um *brainstorm*, isto é, uma conversa livre sobre as impressões a respeito da apresentação, conteúdo e compreensão dos itens do instrumento. Assim sendo, tal estudo foi composto por 10 pessoas, com idades de 12 e 13 anos representando o estrato menor, e 29 e 30 anos compondo o estrato maior. O método de amostragem utilizado foi por conveniência e não-probabilístico (Elfil & Negida, 2017).

Destaca-se que metade da amostra foi composta por metade do estrato menor e a outra metade do maior, isto é, 12 anos ($n = 3$; 30%) e 13 anos ($n = 2$; 20%), assim como, 29 anos ($n = 3$; 30%) e 30 anos ($n = 2$; 20%). Em relação ao gênero, a amostra foi composta por 5 (50%) homens e 5 (50%) mulheres.

A Tabela 14 mostra os resultados da amostra em relação ao nível de escolaridade.

Tabela 14*Frequência e porcentagem da escolaridade dos participantes da análise semântica*

Escolaridade	<i>n</i>	%
6º ano	1	10%
7º ano	1	10%
8º ano	3	30%
Técnico completo	1	10%
Cursando graduação	1	10%
Pós-graduação completa (primeira)	3	30%
Total	10	100%

Considerando a escolaridade dos participantes, foi possível observar que a maioria dos participantes de 12 e 13 anos se encontrava no 8º ano ($n=3$; 30%), enquanto a maioria dos participantes de 29 e 30 anos possuía a primeira pós-graduação completa ($n=3$; 30%).

Por último, foi analisada a frequência e a porcentagem em relação a cidade e Estado do participante, que conforme a Tabela 15, notou-se a distribuição dos dados entre quatro Estados (Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Espírito Santo).

Tabela 15*Frequência e porcentagem da cidade/UF dos participantes da análise semântica*

Cidade/UF	<i>n</i>	%
Belo Horizonte/MG	4	40%
Americana/SP	3	30%
Paranavaí/PR	2	20%
Vitória/ES	1	10%
Total	10	100%

Conforme observado, a maior parte da amostra se encontrava em Belo Horizonte - Minas Gerais ($n = 4$; 40%), seguido de Americana - São Paulo ($n = 3$; 30%), Paranavaí - Paraná ($n = 2$; 20%) e Vitória - Espírito Santo ($n = 1$; 10%).

3.2.5.2 Instrumentos

O instrumento desenvolvido no presente estudo, o IRAJA, foi aplicado, na sua versão após análise dos juízes, com 66 itens, conforme Anexo 4. Além disso, foi realizada a aplicação de um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra, em que se buscou informações como: idade, sexo, escolaridade, Cidade e Estado.

3.2.5.3 Procedimentos

Dado que a amostra do presente estudo foi pequena, optou-se por não fazer o recrutamento em escolas ou instituições. O convite foi realizado via redes sociais, onde foi solicitado que os interessados em colaborar com a pesquisa entrassem em contato com os pesquisadores responsáveis. Em seguida, aqueles que responderam positivamente ao convite, que apresentavam as idades representativas dos estratos extremos, assim como, assentiram suas colaborações por meio do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os adolescentes (Anexo 10), TCLE para pais e responsáveis (Anexo 9) e TCLE para adultos (Anexo 11), foram convidados a participar de pesquisa, respondendo a escala por meio de tecnologia de informação e comunicação (TIC), de forma síncrona. Assim, a pesquisa foi respondida através de um questionário online no *Google Forms*® com a mediação do pesquisador, sendo realizada de forma individual e presencial (para a maioria dos participantes) em um ambiente silencioso e calmo. Para três participantes do estrato maior (12 e 30 anos) a coleta foi realizada através de um ambiente virtual pelo *Microsoft Teams*®, contudo, a realização ainda foi de modo síncrono através da mediação do pesquisador.

Inicialmente, foram lidas para os participantes as instruções para realização do teste: “Abaixo você encontrará algumas frases. Leia atentamente e assinale o quanto você acredita que a afirmação tem a ver com você. As respostas variam de Nunca (0) a Sempre (4). Não há respostas certas ou erradas e o importante é você responder com sinceridade a cada uma das afirmativas”. Tais instruções foram as primeiras informações do formulário, e sendo assim, foi verificado se estavam claras ou se gerou alguma dúvida. Adiante, para cada item do instrumento, foi solicitado aos participantes que respondessem o item e mais duas questões com possibilidade de resposta dicotômica (sim ou não). A primeira pergunta era sobre a compreensão do item, isto é, se a afirmativa estava escrita de forma compreensiva ou se gerou alguma dúvida. Em complemento, caso o participante respondesse “não”, era solicitada uma sugestão de como escrever o mesmo item de forma que ele entendesse melhor, destacando que quando a afirmativa não foi entendida, o pesquisador explicou o que ele estava tentando dizer. A segunda pergunta foi sobre a escala de resposta do instrumento (0 – nunca a 4 – sempre), ou

seja, foi perguntado se tais opções de resposta estavam adequadas ou se de outra forma seria melhor, e caso a resposta fosse “não”, também era solicitada uma sugestão de como o participante acreditava ser melhor. Destaca-se que todos os apontamentos realizados pelos participantes foram anotados para serem analisados posteriormente.

3.2.5.4 Análise dos dados

Para a análise dos dados, foi realizada uma análise qualitativa das respostas dos participantes, visando verificar as sugestões indicadas nos itens e se havia a necessidade de alteração ou exclusão do item. Destaca-se que para as análises foi utilizado o *software Microsoft Excel® 2016*.

3.2.5.5 Resultados

Foi realizada uma análise qualitativa das respostas dos participantes em relação a compreensão e adequação da escala de resposta dos itens do instrumento. Destaca-se que o primeiro passo foi verificar se as instruções do teste foram claras e adequadas, sendo que foi observado que toda a amostra concordou em estar adequadas. Em seguida, foram analisadas as considerações sobre a compreensão do item e sua escala de resposta. A Tabela 16 demonstra as sugestões que foram acatadas.

Tabela 16

Sugestões acatadas para alterações dos itens da análise semântica

Item	Descrição inicial	Descrição sugerida
1	Eu penso que no fim ficará tudo certo, mesmo quando estou com problemas.	Eu penso que no fim ficará tudo bem, mesmo quando estou com problemas.
7	Eu procuro o lado positivo dos problemas.	Eu procuro ver o lado positivo dos problemas.
10	Eu costumo levar os sentimentos dos outros em consideração quando vou falar o que penso.	Eu costumo considerar os sentimentos dos outros quando vou falar o que penso.
14	Eu sinto que preciso que outras pessoas assumam meus desafios.	Eu preciso que outras pessoas assumam meus desafios.
16	Eu sou capaz de resolver meus problemas.	Eu sou capaz de resolver meus problemas sozinho.

(Continua)

Tabela 16*Sugestões acatadas para alterações dos itens da análise semântica (Continuação)*

Item	Descrição inicial	Descrição sugerida
24	Eu acredito que o mundo pode ser um lugar melhor.	Eu acredito que o mundo possa ser melhor.
30	Eu me frustro facilmente.	Eu me decepção facilmente.
66	Eu acredito que todo <i>feedback</i> (positivo ou negativo) é importante para o meu crescimento.	Eu acredito que toda crítica (positiva ou negativa) é importante para o meu crescimento.

Destaca-se que as alterações sugeridas pelos participantes foram, em sua maioria, a mudança de respectivas palavras, ou a exclusão destas na frase. Sobre o formato de resposta, verificou-se que os participantes o consideraram adequado. Destaca-se, ainda, que não foi necessária a exclusão de nenhum item, ficando 66 itens para o estudo posterior.

3.2.6 Discussão

De acordo com as diretrizes da AERA et al. (2014), as evidências de validade de conteúdo são importantes para verificar se o conteúdo mede o construto alvo a que se propõe, com base na escrita, temas e formatos dos itens. Ainda, tal etapa pode ser chamada também de análise teórica dos itens, que consiste em pedir para outras pessoas analisarem os itens em relação as características: escrita, tema e formato. Para isso, a análise pode ser dividida em duas etapas: 1) verificação da relevância, clareza e representatividade dos fenômenos que se espera que o instrumento avalie, chamada de análise de juízes (Pasquali, 2010); e 2) verificação da representatividade dos itens pela população-alvo, também denominada como análise semântica.

Considerando as ações realizadas na análise de juízes, é importante retomar que Pasquali (2010) recomenda que os itens analisados pelos especialistas apresentem uma concordância de $\geq 80\%$ para que sejam retidos no instrumento. Também, seguindo a recomendação de pelo menos três itens por fenômeno avaliado (Pasquali, 2010), o presente instrumento necessitou de três rodadas de análise de juízes para que alcançasse a quantidade mínima desejada. Dessa forma, foi solicitado que os juízes julgassem três qualidades para todos os itens construídos. Primeiramente, foi verificado o quanto o juiz acreditava que o item analisado era relevante para o instrumento. Após isso, foi perguntado o quanto o item tinha clareza em sua escrita. Por último, foi solicitado que o juiz assinalasse a qual faceta o determinado item pertencia, visto

que todos os itens foram criados tendo como base as facetas do modelo teórico de Prince-Embury (2017).

Destaca-se que, de acordo com a quantidade de itens criados para cada faceta e após a primeira rodada de análise de juízes, todas as facetas tiveram redução na quantidade de itens, variando de 20% a 83%, de modo que se observou que a faceta Confiança apresentou quantidade abaixo da mínima necessária, que corresponde a três itens. Era desejável que todas as facetas tivessem pelo menos cinco itens (Borsa & Seize, 2017), entretanto, a faceta Tolerância as diferenças apresentou quantidade inferior a desejável, isto é, de cinco itens. Por esta razão, para essas duas facetas foram realizadas mais duas rodadas de análises de juízes, sendo que somente na terceira foi atingido o objetivo. Sendo assim, a faceta Confiança aumentou em 50,00% a quantidade de itens, passando de dois itens para três, atingindo o mínimo. Já a faceta Tolerância as diferenças teve um aumento de 125%, passando de quatro itens para nove, alcançando o desejável (cinco itens ou mais).

Analisando a definição original da faceta Confiança, que segundo Prince-Embury (2017), corresponde a capacidade de receber e aceitar o que é dado, pode-se refletir que o fato de a definição original não apresentar uma operacionalização explícita da dimensão, pode ter promovido dificuldades para os juízes em classificar os itens de acordo com esta faceta. Contudo, a opção de conduzir três etapas para este momento da pesquisa favoreceu o alcance das quantidades mínimas de itens, portanto, pode-se afirmar que a análise de juízes do referido fator demonstrou-se satisfatória.

Quando se consideram as ações realizadas na etapa de análise semântica com a população-alvo, a literatura indica que as recomendações perpassam sobre a realização de um *brainstorm* com os indivíduos representantes dos estratos da população (Borsa & Seize, 2017; Pasquali, 2010). Tal análise busca verificar se os dois estratos da população (mais baixo e mais alto) conseguem compreender o mesmo item, se tornando crucial para a construção do material, pois o mesmo item deve ser capaz de avaliar os indivíduos de 12 anos e 30 anos sem dificuldades. Entretanto, no presente estudo, foi optado por reuniões individuais, pensando em diminuir as influências dos pares sobre as respostas de cada participante, assim como, evitar o retraimento deste, considerando que o período da adolescência é marcado por atitudes de desajustabilidade social (Zanini et al., 2021). Sendo assim, observou-se que o instrumento se demonstrou adequado para ambos os estratos das faixas etárias. Em função dessas ações, pode-se dizer que a escala apresentou boas evidências iniciais de validade baseadas no conteúdo e pode ser considerada apta para aplicação na população por meio do estudo piloto.

3.3 Estudo 3: Estudo piloto

O estudo piloto é uma importante etapa do processo de construção de um instrumento psicológico, pois é nesse momento que o pesquisador fará a primeira versão do teste, ou como denominada, a versão piloto. Tal etapa tem o objetivo de verificar se o instrumento está adequado a população-alvo quanto a ortografia, semântica, clareza das instruções e formato de resposta (Pasquali, 2010).

3.3.1 Objetivos

- Verificar a adequação dos itens;
- Verificar o tempo de aplicação;
- Verificar a adequação dos padrões de aplicação do teste;

3.3.2 Participantes

Participaram dessa etapa 46 pessoas com idades entre 12 e 30 anos ($M = 19,5$ anos, $DP = 2,97$ anos), sendo que foram convidados alunos de ensino médio e universitários. Tal amostra foi não-probabilística e composta por conveniência (Elfil & Negida, 2017). A amostra foi composta por 47,83% participantes do sexo feminino ($n = 22$) e 50% do sexo masculino ($n = 23$), sendo que um participante preferiu não responder (2,17%). Em relação à idade dos participantes, a Tabela 17 busca sintetizar as informações. Foi realizada análise descritiva para a caracterização da amostra.

Tabela 17*Frequência e porcentagem da idade dos participantes no estudo 3*

Idade	<i>n</i>	%
17	14	30,43%
18	13	28,26%
19	3	6,52%
20	2	4,35%
21	4	8,70%
23	4	8,70%
24	2	4,35%
25	3	6,52%
29	1	2,17%
Total	46	100,00%

Pode-se verificar que os participantes de 17 ($n = 14$; 30,43%) e 18 anos ($n = 13$; 28,26%) formaram a maior parte da amostra. Ainda, na Tabela 19, são demonstradas as informações relativas à escolaridade dos participantes.

Tabela 18*Frequência e porcentagem da escolaridade dos participantes no estudo 3*

Escolaridade	<i>n</i>	%
3º ano do Ensino Médio/Cursando nível técnico	30	65,22%
Cursando graduação	11	23,91%
Cursando pós-graduação (primeira)	4	8,70%
Graduação completa	1	2,17%
Total	46	100,00%

Dessa forma, é possível observar que a maior parte da amostra (65,22%, $n = 30$) foi composta de alunos do 3º ano do Ensino Médio associado ao ensino técnico. Por fim, foi verificada a Cidade e Estado de cada participante, conforme a Tabela 20.

Tabela 19*Frequência e porcentagem da cidade/UF dos participantes no estudo 3*

Cidade/UF	<i>n</i>	%
Belo Horizonte/MG	37	80,43%
Betim/MG	1	2,17%
Contagem/MG	5	10,87%
Lagoa Santa/MG	1	2,17%
Ribeirão das Neves/MG	2	4,35%
Total	46	100,00%

Observa-se que a cidade que teve mais participantes foi Belo Horizonte, em Minas Gerais, com 80,43% da amostra ($n = 37$).

3.3.3 Instrumentos

A versão do instrumento aplicado foi elaborada após a finalização do estudo de evidência de validade de conteúdo, ou seja, após a análise dos juízes e análise semântica. Assim, foi feita uma versão piloto da escala. Trata-se de uma versão lápis e papel, que contém as instruções para o autopreenchimento do instrumento e os itens do instrumento, conforme Anexo 5. Junto com a folha de aplicação, também foi aplicado um questionário sociodemográfico (inserido no cabeçalho do próprio instrumento), visando coletar informações como: idade, sexo, escolaridade, cidade e estado.

3.3.4 Procedimentos

Primeiramente, foi realizado contato com uma escola de ensino médio e conversado com a responsável pela instituição, apresentando a pesquisa, seus objetivos e suas implicações (Anexo 12). Após verificado o interesse na pesquisa pela escola e obtida a autorização, foi encaminhado aos pais dos adolescentes um TCLE para assinatura, autorizando os filhos a participarem da pesquisa (Anexo 13). Após recebidos os termos assinados, foi marcada uma aula em que o pesquisador aplicou a escala nos adolescentes. Antes da aplicação, foi explicada a pesquisa de acordo com o TALE (Anexo 14) e solicitada a assinatura pelos adolescentes, demonstrando o respectivo aceite em participar da pesquisa.

O instrumento foi aplicado coletivamente. O pesquisador solicitou que os participantes preenchessem o questionário sociodemográfico, lessem as instruções da folha de aplicação e respondessem o instrumento. Após o preenchimento dos adolescentes, foi perguntado, na forma

escrita, aos participantes, no final da escala (no próprio instrumento), se eles tiveram alguma dúvida ou dificuldade para entender alguma das afirmativas/ítems, e caso tivessem, foi solicitado que escrevessem no espaço sugerido no teste uma sugestão de como melhorar o item.

Para coletar as respostas dos jovens adultos, foram recrutados alunos universitários e realizada a aplicação de forma coletiva em uma sala disponível de uma universidade. Para tais participantes foi apresentado o TCLE (Anexo 15) e, somente após assinatura e concordância em participar do estudo, o processo foi continuado. A aplicação da escala se deu de forma semelhante a aplicação com os adolescentes, sendo solicitado o preenchimento do questionário sociodemográfico, a leitura das instruções e preenchimento da escala. No fim, foi perguntado se houve alguma dificuldade em algum dos itens, e caso tivesse existido, o participante deveria dar alguma sugestão para melhorar a afirmativa.

3.3.5 Análise dos dados

Realizou-se a análise qualitativa dos dados, verificando a adequação dos itens e as sugestões para mudança nos itens, e caso houvesse a necessidade, foram realizadas as alterações sugeridas. Ainda, através dos dados obtidos, verificou-se o tempo médio de aplicação da escala. Adicionalmente, através dessas ações, buscou-se definir os padrões de aplicação do teste. Para a realização das análises utilizou-se o *software Microsoft Excel® 2016*.

3.3.6 Resultados

Inicialmente, verificou-se o tempo que os participantes levaram para responder o instrumento, de modo que se verificou que os participantes levaram de 15 a 25 minutos para preenchimento de toda a escala. Ainda, de acordo com a amostra-piloto, as instruções do instrumento estavam adequadas. Contudo, foi observado que os participantes, em algumas situações, assinalavam a resposta errada, e dessa forma, perguntavam ao pesquisador o que poderia ser feito para corrigir o erro. Assim, foram incluídas nas instruções de aplicação a informação de que os participantes transformassem o “X” que usaram para escolher a resposta em um círculo pintado, e, dessa forma, seriam consideradas somente as respostas com “X”. Após isso, realizou-se uma análise qualitativa das sugestões dos participantes em relação a existência de dificuldades ou dúvidas sobre os itens da escala. Pensando nisso, foi elaborada a Tabela 20 para demonstrar as sugestões que foram acatadas. Destaca-se que não foi necessária a exclusão de nenhum item.

Tabela 20*Sugestões acatadas para alterações dos itens no estudo 3*

Item	Descrição inicial	Descrição sugerida
11	Eu percebo o apoio dos meus amigos quando tenho um problema.	Eu reconheço o apoio dos meus amigos quando tenho um problema.
14	Eu preciso que outras pessoas assumam meus desafios.	Eu preciso que outras pessoas resolvam meus problemas.

Observa-se que foram realizadas alterações na escrita de dois itens. Ainda, os participantes destacaram que as letras estavam pequenas e com pouco espaço entre as linhas que separavam os itens. Com isso, adequou-se a fonte das palavras, assim como, o tamanho dos espaços entre as linhas que separam os itens.

3.3.7 Discussão

No percurso de desenvolvimento de instrumentos psicológicos, é recomendado que após o estudo de evidências de validade baseadas no conteúdo, seja realizado um estudo piloto, isto é, dever ser elaborada uma versão inicial do instrumento para aplicação em uma amostra-piloto, que seja representativa da população-alvo (Pacico, 2015). Tal aplicação visa verificar se o instrumento necessita de ajustes antes da realização da coleta final, como alteração ou exclusão de itens, alteração do formato de resposta, mudanças nas instruções etc.

A padronização dos instrumentos psicológicos é imprescindível para que o teste seja aplicado de forma adequada por diferentes avaliadores. As instruções de aplicação, forma e tempo necessário são requisitos fundamentais. Por isso, com a aplicação do instrumento em uma amostra-piloto, foi possível definir tais características. Por exemplo, apesar das instruções estarem adequadas, foi vista a necessidade de adicionar informações sobre o que fazer caso queira mudar a resposta de alguma afirmativa. Isso se mostra extremamente necessário quando o instrumento é caracterizado pela aplicação lápis e papel. Ainda, é comum que com muitos itens, os indivíduos esqueçam de responder alguns, pois é possível que a visão se confunda com inúmeras linhas.

O estudo piloto foi uma etapa importante para o desenvolvimento e o refinamento da escala, visto que foi observada, nesse momento, a necessidade de alterar a escrita de alguns itens, assim como, a formatação do instrumento para impressão (fonte e tamanho das linhas). Isso corroborou as recomendações de Pacico (2015), que afirma que a aplicação na amostra-

piloto possibilita tais alterações e a conseqüente melhora do instrumento para a aplicação na coleta de dados final.

3.4 Estudo 4: Evidências de validade baseada na estrutura interna e confiabilidade

Evidências de validade baseada na estrutura interna corresponde a uma das validades obrigatórias para a construção de um instrumento psicométrico (AERA et al., 2014; Pasquali, 2010). Tais evidências buscam verificar as dimensões (fatores) do instrumento, além de possibilitar a verificação da confiabilidade dos fatores através da consistência interna, buscando deixar o instrumento com maior robustez.

3.4.1 Objetivos

- Identificar evidências de validade iniciais quanto a estrutura interna do instrumento;
- Verificar a confiabilidade do instrumento.

3.4.2 Participantes

Seguindo as orientações de Pasquali (2010) de que a amostra deve ser composta de cinco a dez pessoas por item do instrumento, o presente estudo foi composto por 362 pessoas, perfazendo, portanto, a relação de 5,48 participantes por item do instrumento. Ainda, enfatiza-se que a amostra foi composta por conveniência e de forma não-probabilística (Elfil & Negida, 2017). As idades dos participantes variaram entre 12 e 30 anos ($M = 17,2$ anos, $DP = 3,74$ anos), os quais foram divididos em dois grupos para facilitar a visualização, sendo adolescentes (composto pelos indivíduos com idades entre 12 e 17 anos) e jovens adultos (composto por participantes de 18 a 30 anos). Dessa forma, verificou-se que a maior parte da amostra foi composta por adolescentes ($n = 206$, 56, 91%), seguida de jovens adultos ($n = 156$, 43,09%). Em relação ao gênero, a amostra foi composta por 51,93% pessoas do sexo feminino ($n = 188$), 45,58% do sexo masculino ($n = 165$), 1,93% dos participantes preferiram não responder ($n = 7$) e 0,55% ($n = 2$) assinalaram a categoria outros. Para o nível de escolaridade, foi elaborada a Tabela 21, objetivando a síntese dos dados.

Tabela 21*Frequência e porcentagem da amostra por escolaridade no estudo 4*

Escolaridade	<i>n</i>	%
7º ano	66	18,23%
8º ano	11	3,04%
9º ano	51	14,09%
1º ano do Ensino Médio	27	7,46%
2º ano do Ensino Médio/Cursando técnico	44	12,15%
3º ano do Ensino Médio/Cursando técnico	43	11,88%
Cursando graduação	112	30,94%
Graduação completa	5	1,38%
Cursando pós-graduação (primeira)	1	0,28%
Pós-graduação completa (primeira)	2	0,55%
Total	362	100,00%

De acordo com a Tabela 21, foi possível verificar que a maior parte da amostra foi composta por indivíduos que estão cursando graduação ($n = 112$, 30,94%), seguido de alunos do 7º ano ($n = 66$, 18,23%) e 9º ano ($n = 51$, 14,09%). Ainda, tratando-se das cidades dos participantes, destaca-se que a amostra foi dividida em Estados, sendo Minas Gerais (com cidades pertencentes a região metropolitana de Belo Horizonte) e São Paulo (com cidades das regiões metropolitanas de Campinas e Piracicaba), com a maior parte dos participantes de Minas Gerais ($n = 193$, 53,91%), seguido de São Paulo ($n = 169$, 46,69%). Destaca-se que em Minas Gerais a aplicação ocorreu em uma escola de ensino fundamental, uma escola de ensino médio com técnico e uma universidade. Já em São Paulo, a aplicação ocorreu em uma escola de ensino fundamental e ensino médio e em uma universidade.

3.4.3 Instrumentos

A versão do instrumento utilizada foi a obtida após o estudo piloto e a verificação da validade de conteúdo. Além da escala, foi aplicado um questionário sociodemográfico (inserido no cabeçalho do próprio instrumento), que visa coletar informações como: idade, sexo, escolaridade, cidade e estado. Além das alterações referidas até o estudo 3 e visando facilitar a visualização do respondente, foram alteradas as cores das linhas, de forma intercalada (branco e cinza claro). A nova versão do instrumento se encontra no Anexo 6.

3.4.4 Procedimentos

Inicialmente, foram contatadas escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. O contato foi realizado com as responsáveis pelas instituições, apresentando a pesquisa (Anexo 16), seus objetivos e suas implicações. Após demonstrado o interesse em participar da pesquisa e a realização dos tramites éticos e administrativos envolvidos, enviou-se aos pais dos adolescentes o TCLE para assinatura, autorizando os filhos a participarem do estudo (Anexo 17). A partir do recebimento dos termos assinados, foram agendadas as visitas para a realização das aplicações coletivas.

Antes da aplicação, explicou-se sobre a pesquisa de acordo com o TALE (Anexo 18) e foi solicitada a assinatura deste documento pelos adolescentes, demonstrando o respectivo aceite em participar. Primeiramente, foram lidas as instruções em voz alta. Após isso, foi perguntado se houve alguma dúvida, e não havendo, foi solicitado para que comesçassem o preenchimento do instrumento, enfatizando que se houvesse dúvidas poderiam levantar a mão que o pesquisador iria até a pessoa para tirá-la. Destaca-se que o processo de aplicação com o grupo de jovens adultos se deu de forma semelhante, com exceção da exclusão do TALE, dado o fato de serem maiores de 18 anos, portanto, foram solicitados a assinar o TCLE (Anexo 19). Tanto para os adolescentes quanto para os jovens adultos, o tempo de aplicação durou de 15 a 25 minutos.

3.4.5 Análise dos dados

Inicialmente, foram verificados todos os itens que necessitavam ter suas pontuações invertidas, já que foram elaborados de forma oposta (itens 2, 5, 6, 9, 14, 17, 18, 22, 23, 25, 30, 31, 35, 36, 43 e 63) através do *Microsoft Excel® 2016*. Posteriormente, para lidar com os dados faltantes encontrados e buscar adequar o banco de dados para melhorar o desempenho das técnicas estatísticas que foram utilizadas, realizou-se a técnica chamada de Imputação múltipla de dados. Para a realização da referida análise, foi utilizado o *software R* versão 4.3.2 (R Core Team, 2023), através do pacote *mice* (*Multivariate Imputation by Chained Equations*) versão 3.16.0 (van Buuren & Groothuis-Oudshoorn, 2011), utilizando as metodologias *pmm* (*predictive mean metric*) e *MCAR* (*Missing Completely At Random*). Na sequência, encontram-se os *scripts* utilizados para a execução da Imputação Múltipla.

```
init = mice(x, maxit=0)
meth = init$method
predM = init$predictorMatrix
```

```
set.seed(103)
x = mice(x, method="meth", predictorMatrix=predM, m=5)
x=complete(x)
```

Após estas ações, foi realizada a Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial da escala IRAJA. O primeiro passo foi verificar a fatorabilidade dos dados. Para isso, foram utilizadas duas técnicas estatísticas para confirmação, sendo o critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o Teste de Esfericidade de Bartlett (Damásio, 2012). O índice KMO busca medir a proporção da variância dos itens, que pode ser explicada pela variável latente, sendo que para a sua interpretação considera-se que valores menores que 0,5 são inaceitáveis, entre 0,5 e 0,7 medíocres, entre 0,7 e 0,8 são considerados bons e de 0,8 a 0,9 são excelentes. Já o teste de esfericidade de Bartlett busca verificar se a matriz de covariância se diferencia de uma matriz-identidade (não existência de correlação entre os itens). Sua interpretação se baseia principalmente no valor p , que deve ser significativo ($p < 0,05$) para que os dados sejam considerados fatoráveis. Observando-se que os dados eram passíveis de fatoraçoão, foi analisada a distribuição de normalidade multivariada dos dados, através do teste de Mardia, sendo que resultados com $p < 0,05$ implica em não normalidade multivariada dos dados. Destaca-se que para pesquisas com instrumentos de avaliação de atitudes é esperado que tal pressuposto seja violado. Ainda, para a pesquisa com dados ordinais, como é o caso de escalas *Likert*, é importante que seja utilizada uma matriz de correlação policórica, visto que é mais adequada para esses tipos de dados (Rogers, 2022).

Através do resultado encontrado no teste de Mardia, foi definido o método de estimação de fatores a ser utilizado. Para dados que violem o princípio da normalidade multivariada e que são baseados em matriz policórica é recomendado que sejam utilizados métodos da família OLS (*ordinary least squared*), que são metodologias baseadas em mínimos quadrados (Rogers, 2022). Por esta razão, optou-se pela utilização do método de estimação WLS (*weighted least squares*). Já a retenção dos fatores se deu por meio da análise paralela (AP), pois corresponde a um dos melhores métodos de extração que existe atualmente (Rogers, 2022). Ainda, como método de rotação de fatores optou-se pela rotação oblíqua *oblimin*. Destaca-se que foram realizadas diversas análises fatoriais até alcançar a estabilidade dos fatores.

Após escolhidos os métodos e com a realização da AFE, foram observados, primeiramente, os valores referentes a cargas fatoriais padronizadas dos itens. O item, para que seja considerado minimamente adequado, deve apresentar carga fatorial mínima de 0,3 (Costello & Osborne, 2005; Pasquali, 2010; Ruivo et al., 2023). Contudo, visando tornar o

instrumento mais robusto, foi considerada a carga fatorial de 0,5 ou superior, conforme orientação de Ruivo et al. (2023). Ainda, tais autores afirmam que as comunalidades encontradas pelos itens, isto é, a variância explicada pelos traços latentes sobre os indicadores (itens), devem ser no mínimo 0,40, destacando que quanto mais próximo de 1 melhor. Também se espera que ao empregar critérios mais rígidos para a seleção dos itens, a versão final do instrumento apresente porcentagem de variância explicada em torno de 50 a 60%, conforme costuma-se encontrar em ciências sociais (Ruivo et al., 2023; Taherdoost et al., 2014).

Verificou-se, também, a correlação entre os fatores encontrados, na qual espera-se que sejam encontradas correlações fracas a moderadas entre os fatores. Segundo Valentini e Laros (2012), valores menores que 0,30 são considerados correlações fracas, entre 0,30 e 0,50 moderadas, 0,50 e 0,80 fortes, e superior a 0,80 muito forte. Por fim, foi analisada a confiabilidade da estrutura fatorial através da consistência interna, utilizando-se o ômega de McDonald, alfa de Cronbach e lambda 6 de Gutman, sendo que resultados acima de 0,70 para ambos os coeficientes são considerados aceitáveis (Damásio, 2012; França & Dias, 2021). Destaca-se que foram realizadas diversas análises fatoriais exploratórias, objetivando encontrar o melhor modelo. A análise foi executada pelo *software* R versão 4.3.2 (R Core Team, 2023), com auxílio do pacote *psych* (*Procedures for Psychological, Psychometric, and Personality Research*) versão 2.3.9 (Revelle, 2023). Na sequência, encontram-se os *scripts* utilizados para execução da AFE.

```
x <- polychoric(x)
cortest.bartlett(x, n=362, diag = TRUE)
KMO(x)
mardia(x)
x <- fa.parallel(x, cor="poly", fa="fa", fm = "wls", show.legend = TRUE)
x <- fa(x,nfactors = x, cor="poly",fm="wls", rotate = "oblimin")
print(x, sort = TRUE)
omega(x, fm = "minres", poly = TRUE, nfactors = x)
```

3.4.6 Resultados

Dos 362 participantes, foram encontradas 112 ocorrências de dados ausentes, representando 0,48% dos dados, portanto, optou-se pela realização da Imputação Múltipla para que o banco não apresentasse dados ausentes e não mudasse a variabilidade dos seus dados.

Posteriormente, objetivando encontrar o modelo mais adequado para o instrumento, foram realizadas quatro análises fatoriais exploratórias.

Para a primeira análise, foi inicialmente verificada a possibilidade de fatoração dos dados, sendo identificado índice KMO = 0,85 e Teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(2145; n = 362) = 19.889,29$, $p < 0,001$. Após verificar que os itens eram passíveis de fatoração, foi executado o Teste de Mardia = $p < 0,001$. Verificando a violação da normalidade multivariada, foi utilizado o método de estimação WLS, que é baseado em mínimos quadrados. Ainda, a análise paralela sugeriu a extração de doze fatores. Com isso, foi realizada a AFE para 12 fatores com rotação *oblimin*, baseada na matriz de correlação policórica.

Os resultados da primeira análise fatorial exploratória realizada demonstraram que os autovalores dos fatores variaram de 1,21 a 4,43, assim como as cargas fatoriais padronizadas dos itens variaram de -0,32 a 0,90 e comunalidades de 0,17 a 0,86, com variância total explicada pelos fatores de 58%. Ainda, foram analisadas todas as cargas fatoriais, de modo a identificar e proceder a exclusão dos itens com carga fatorial menor que 0,50. Sendo assim, identificou-se a estrutura fatorial de 11 fatores sem cargas cruzadas compostos por 43 itens. Destaca-se que informações como a confiabilidade do modelo e a correlação entre fatores foram analisadas na AFE referente ao modelo final.

Posteriormente, foi executada uma segunda análise fatorial exploratória com a estrutura encontrada ao fim da primeira (11 fatores com 43 itens). A fatorabilidade foi verificada através do índice KMO = 0,87 e Teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(903; N = 362) = 12.884,41$, $p < 0,001$. Ainda, através do Teste de Mardia verificou-se que os itens não possuíam normalidade multivariada. A análise paralela sugeriu 9 fatores. Com isso, executou-se nova AFE para nove fatores com método de estimação WLS, com rotação *oblimin* e baseada em matriz policórica. Os resultados apontaram para fatores com autovalores entre 4,41 e 1,73, assim como cargas fatoriais padronizadas de -0,42 a 0,91 e comunalidades de 0,30 a 0,84 para os itens, com total de variância explicada de 66%. Observando todos os indicadores e aplicando o critério de carga fatorial maior ou igual a 0,50, identificou-se que a estrutura fatorial se manteve com nove fatores sem cargas cruzadas, contudo, o número total de itens foi reduzido para 38.

Buscando verificar se o modelo se manteria estável para esta estrutura encontrada, foi executada outra análise fatorial exploratória. O índice KMO = 0,88 e o Teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(703; N = 362) = 11.457,49$, $p < 0,001$ sugeriram que os dados eram passíveis de fatoração. Ainda, foi verificada a violação da normalidade através do teste de Mardia. A análise paralela indicou uma estrutura com 9 fatores a serem retidos. Sendo assim, executou-se uma AFE para 9 fatores com estimação WLS e rotação *oblimin* com matriz policórica.

Os resultados apontaram para uma variação de 4,17 a 1.62 dos autovalores dos fatores encontrados, assim como variação de -0,19 a 0,90 de cargas fatoriais padronizadas e comunalidades de 0,42 a 0,88 para os itens, com variação explicada de 69% pelos fatores. Foi verificado que não houve itens com carga fatorial menor que 0,50, ficando com a estrutura anteriormente encontrada de nove fatores sem cargas cruzadas e 38 itens. Contudo, dois fatores foram compostos por apenas dois itens cada. Por isso, e de acordo com as orientações de Pasquali (2010), optou-se por excluir tais itens. Sendo assim, foram excluídos quatro itens, constituindo-se uma estrutura de sete fatores e 34 itens.

Por fim, foi realizada outra AFE para verificar a estrutura final do instrumento. Verificou-se que os dados eram passíveis de fatoração através do índice KMO = 0,88 e Teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(703; N = 362) = 11.457,49, p < 0,001$. O Teste de Mardia mostrou que os dados não possuíam normalidade. Ainda, através da análise paralela, foi sugerida uma estrutura fatorial de sete fatores. Sendo assim, foi executada a AFE para sete fatores com estimação WLS e rotação *oblmin* com matriz policórica. A Tabela 22 demonstra as cargas fatoriais padronizadas do modelo final do instrumento.

Tabela 22

Cargas fatoriais padronizadas da AFE do modelo final do instrumento IRAJA

Item	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	h ²
Q18I	0,86							0,82
Q2I	0,84							0,75
Q19I	0,80							0,78
Q8I	0,74							0,76
Q15I	0,70							0,62
Q20	0,55							0,43
Q14		0,78						0,75
Q29		0,78						0,75
Q10		0,73						0,60
Q1		0,73						0,55
Q26		0,73						0,76
Q13		0,73						0,57
Q3		0,54						0,41

(Continua)

Tabela 22*Cargas fatoriais padronizadas AFE do modelo final do instrumento IRAJA (Continuação)*

Item	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	h ²
Q4			0,89					0,74
Q24			0,82					0,75
Q6			0,74					0,52
Q21			0,69					0,64
Q25			0,67					0,48
Q31			0,59					0,79
Q9				0,87				0,78
Q32				0,86				0,83
Q30				0,79				0,80
Q28				0,79				0,73
Q22					0,86			0,71
Q34					0,79			0,71
Q11I					0,78			0,66
Q12I					0,71			0,74
Q23					0,65			0,54
Q27						0,82		0,77
Q33						0,78		0,72
Q17						0,67		0,47
Q7I							0,79	0,65
Q5I							0,72	0,64
Q16I							0,71	0,73
Autovalores	4,20	4,18	3,62	3,45	3,26	2,15	2,08	-
Variância	0,12	0,12	0,11	0,10	0,10	0,06	0,06	-
Var. Total	0,12	0,25	0,35	0,45	0,55	0,61	0,67	-

Nota. Itens com letra "I" ao fim significa que o item tem sua pontuação invertida. h² = comunalidades.

Como observados na Tabela 22, foram encontrados sete fatores sem cargas cruzadas. O primeiro fator agrupou seis itens (2I, 8I, 15I, 18I, 19I e 20) com temas referentes a tendência a tristeza. Já o segundo fator agrupou sete itens (1, 3, 10, 13, 14, 26 e 29), com o tema pensamentos sobre o futuro. O fator três teve agrupamento de seis itens (4, 6, 21, 24, 25 e 31)

sobre acolhimento de amigos. O quarto fator foi composto por quatro itens (9, 28, 30 e 32) referentes ao apoio familiar. Ainda, o fator cinco foi composto por cinco itens (11I, 12I, 22, 23 e 34) sobre o tema irritação/raiva. O sexto fator se agrupou com três itens (17, 27 e 33) que falam sobre equilíbrio emocional. Por fim, o fator sete foi composto por três itens (5I, 7I e 16I) que tratam sobre os prejuízos funcionais baseados em emoções. Dessa forma, observou-se que todos os fatores tiveram agrupamento de pelo menos três itens. Ainda, a comunalidade encontrada variou de 0,41 a 0,83, assim como os autovalores, que variaram de 4,20 a 0,83. Também foi identificado que a variância explicada pelo modelo foi de 67%. Além disso, foi verificada a confiabilidade total do instrumento e para cada um dos fatores através da consistência interna. Tal verificação se deu por meio do ômega de McDonald (ω), alfa de Cronbach (α) e lambda 6 de Gutman (λ_6). A Tabela 23 descreve os valores encontrados.

Tabela 23

Confiabilidade do instrumento e fatores por consistência interna do IRAJA

Fator	ω	α	λ_6
F1	0,90	0,90	0,89
F2	0,91	0,88	0,89
F3	0,86	0,87	0,86
F4	0,92	0,90	0,87
F5	0,88	0,87	0,86
F6	0,84	0,87	0,76
F7	0,77	0,80	0,77
Total	0,97	0,93	0,97

Nota. ω = ômega de McDonald. α = alfa de Cronbach. λ_6 = lambda 6 de Gutman

Com isso, foi observado que o instrumento e seus fatores apresentaram valores entre 0,76 e 0,97, sendo que, valores maiores que 0,70 indicam boa confiabilidade (Damásio, 2012; França & Dias, 2021), demonstrando assim, boa confiabilidade tanto para o instrumento quanto para todos os fatores. No que diz respeito a correlação entre os fatores encontrados, foram observadas correlações fracas e moderadas. Os resultados se encontram na Tabela 24.

Tabela 24*Correlação entre os fatores do instrumento IRAJA*

	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7
F1	-						
F2	0,27	-					
F3	0,10	0,30	-				
F4	0,26	0,43	0,46	-			
F5	0,44	0,23	0,03	0,12	-		
F6	0,32	0,25	0,07	0,16	0,29	-	
F7	0,41	0,28	-0,02	0,16	0,06	0,09	-

Nota. Em negrito se encontram valores de correlação acima de 0,30

*Todas as correlações obtiveram valor de $p < 0,001$

Pode-se observar correlações moderadas (0,3 a 0,5) entre o fator 1 – tristeza e os fatores 5 – irritação/raiva ($r = 0,44$), 6 – equilíbrio emocional ($r = 0,32$) e 7 – prejuízo funcionais baseados em emoções; entre o fator 2 – pensamentos sobre o futuro e os fatores 3 – acolhimento de amigos ($r = 0,30$) e 4 – apoio familiar ($r = 0,43$); e entre o fator 3 – acolhimento de amigos e 4 – apoio familiar ($r = 0,46$). Finalmente, com os resultados encontrados, pode-se afirmar que o modelo final se mostrou robusto e adequado.

3.4.7 Discussão

Os dados ausentes em pesquisa tendem a ser comuns de acordo com o aumento do tamanho amostral (Vinha & Laros, 2018). Existe na literatura científica diversas classificações de dados ausentes, contudo, a mais utilizada entre elas se refere a três categorias distintas, sendo valores faltantes completamente aleatórios (*missing completely at random*, MCAR), isto é, a ausência do dado não está relacionada com as variáveis observadas e sim com fatores externos, como o esquecimento. Ainda, os dados podem ser ausentes ao acaso (*missing at random*, MAR), quando a ausência do valor está relacionada com covariáveis e não com a própria variável produto do dado faltante, como a falta de compreensão das instruções. Além destes, a ausência pode ser não aleatória (*missing not at random*, MNAR), ou seja, os dados estão ausentes de forma intencional, como a não intenção em responder (Miot, 2019; Vinha & Laros, 2018).

Assim, existem diversas formas de analisar os dados faltantes e tomar uma decisão. O pesquisador pode optar por excluir o sujeito que possui um dado ausente da pesquisa, contudo,

reduzirá o número de participantes e poderá prejudicar os resultados de suas análises. Existe também formas de imputar dados através de medidas de tendência central (média, mediana ou moda), contudo, apesar de ser um método relativamente preciso, tende a reduzir a variabilidade dos dados. Ainda, pode ser utilizada regressão múltipla para definir o valor do dado falante, porém, apesar de ser muito precisa, também tende a reduzir a variabilidade dos dados (Miot, 2018). Portanto, a técnica mais adequada para tal procedimento é chamada de imputação múltipla, que tem ótima precisão e não reduz a variabilidade dos dados, não prejudicando as análises. Por esse motivo, tal técnica foi utilizada, visando não prejudicar os resultados encontrados nas análises fatoriais exploratórias.

Com a execução da AFE, verificou-se que o instrumento pode ser compreendido através de sete fatores. Também foi verificado que o primeiro modelo encontrado (12 fatores) já mostrava uma boa variância explicada de 58%, já que se espera que construtos pesquisados em ciências sociais tenham variância explicada em torno de 50 a 60% (Ruivo et al., 2023; Taherdoost et al., 2014). Entretanto, no modelo final, a variância explicada encontrada foi de 67%, considerada acima do comumente encontrado. Sobre esta questão, Smedslund et al. (2022) realizaram uma revisão sobre a variância explicada encontrada em artigos, entre os anos de 1956 e 2022, sendo que identificaram tendência média de 40%. Dessa forma, nota-se que o modelo final do presente estudo se mostrou muito superior à média encontrada. Na prática, pode-se dizer que o instrumento IRAJA consegue explicar 67% do que é resiliência.

Inicialmente, e a caráter de identificação, os fatores foram apresentados com nomes simples (p.e. tristeza), com a intenção de auxiliar na interpretação das análises. Entretanto, neste momento, deseja-se ampliar a reflexão sobre a identificação dos fatores, a fim de que suas identificações sejam mais elaboradas e com maior aprofundamento. Primeiramente, é importante destacar que se evitou empregar títulos que indicassem construtos já estabelecidos e consolidados tais como otimismo, esperança, estresse, neuroticismo, por exemplo. Considerando as compreensões atuais sobre a resiliência (Castillo et al., 2016; Deep & Pereira, 2012; Masten et al., 2021; Prince-Embury, 2010; Yunes, 2011), optou-se por identificar os fatores através de classes de comportamentos que estão associados ao repertório resiliente (Oliveira, 2021; 2022). Ainda, torna-se importante enfatizar que parte dos itens de alguns fatores são invertidos, isto é, quanto mais o indivíduo se identifica com a afirmativa, menor é sua resposta resiliente no item e, conseqüentemente, no fator. Posto isso, os fatores foram definidos de acordo com sua ordem, de um a sete, de acordo com Tabela 23. Na sequência, são apresentadas as definições dos fatores do instrumento:

Regulação emocional (F1). A regulação emocional foi definida como a capacidade de regular as respostas emocionais. Pessoas com alta estabilidade emocional tendem a não se abalar emocionalmente com facilidade diante das situações, isto é, não ficam magoadas ou tristes facilmente. Em contraponto, pessoas com baixa estabilidade emocional tendem a ficar tristes e magoadas facilmente. Castillo et al. (2016) integram tal capacidade como parte do fator inteligência emocional. Gartland et al. (2019) destacam em sua pesquisa, realizada com crianças, que a regulação emocional é um fator importante para a promoção da resiliência. Já Fontes (2010) pesquisou fatores de resiliência em idosos e verificou que a regulação emocional também era um fator importante, assim como para adolescentes e jovens adultos, o que foi verificado através do presente estudo e em Llistosella et al. (2022). Sendo assim, esse fator parece perpassar todas as etapas do desenvolvimento.

Expectativa positiva de futuro (F2). Tal fator diz respeito a capacidade de pensar que o futuro pode ser bom. Indivíduos com alta expectativa positiva de futuro tendem a pensar que seu futuro será bom, de acordo com suas expectativas. Entretanto, pessoas com baixa expectativa positiva de futuro podem ser indiferentes ou tendem a pensar que seu futuro não será bom. Masten et al. (2021) destacam que a confiança em um futuro é um dos fatores cruciais para se alcançar respostas resilientes.

Acolhimento social (F3). O respectivo fator refere-se à existência de pessoas que o indivíduo acredita que pode confiar e conversar (como amigos, tutores, professores etc.), além de se sentir apoiado. Indivíduos com alto acolhimento social tendem a ter e reconhecer pessoas nas quais podem confiar e com quem podem conversar, e ainda, tendem a sentir que elas os apoiam. Já pessoas com baixo acolhimento social não tem ou não acreditam ter pessoas nas quais confiar e com as quais conversar, além de não se sentirem apoiadas. Destaca-se que tal característica vai depender de como o indivíduo enxerga as outras pessoas, isto é, o acolhimento pode ser real ou não, contanto que exista a crença. O acolhimento social tem se mostrado um fator importante para a promoção da resiliência (Llistosella et al., 2022, Masten et al., 2021, Rambod et al., 2023, Vanderley et al., 2020).

Suporte familiar (F4). Trata-se da existência de familiares que apoiem o indivíduo, nos quais este acredite que possa confiar e com os quais possa conversar. Pessoas com alto suporte familiar possuem pessoas de seu núcleo familiar que o apoiam e que são confiáveis. Em contraponto, baixo suporte familiar refere-se a indivíduos que não possuem familiares que o apoiam e que são confiáveis. Como no fator anterior, tal característica vai depender da interpretação do indivíduo sobre o suporte. Inúmeros pesquisadores postulam que o apoio de familiares é um fator crucial para o desenvolvimento da resiliência, contudo, se diferenciando

de apoio recebido por pessoas que não são do núcleo familiar (Deep & Pereira, 2012; Llistosella, 2022; Masten et al., 2021; Nordström et al., 2023; Rambod et al., 2023; Vanderley et al. 2020).

Tolerância a frustração (F5). Refere-se a capacidade da pessoa em ser tolerante a situações que não saíram conforme planejado. Pessoas com alta tolerância a frustração conseguem regular sentimentos como a raiva e a irritação, mantendo com maior frequência a tranquilidade. Já pessoas com baixa pontuação trata-se de indivíduos com dificuldade em controlar sentimentos de raiva e irritação, sendo difícil para elas manterem a tranquilidade. Segundo o Instituto Ayrton Senna (2020), que é uma instituição que busca contribuir para a melhoria da educação brasileira, a tolerância a frustração é um fator importante para a resiliência e está ligada a formulação de estratégias para lidar com a raiva ou irritação.

Equilíbrio e recuperação emocional (F6). Diz respeito a capacidade de manter o equilíbrio emocional, portanto as emoções não ditam a forma de pensar do indivíduo. Pessoas com alto equilíbrio e recuperação emocional tendem a se recuperar rapidamente após ter uma resposta emocional negativa, como raiva, tristeza e mágoa, de forma que rapidamente a pessoa esquece os motivos pelos quais sentiu tal emoção. Pessoas com baixo equilíbrio e recuperação emocional tendem a ter dificuldade em deixar de focar nas emoções sentidas, sentindo-as por muito tempo. O respectivo fator pode ser pensado, de acordo com modelos que postulam a regulação emocional, como um fator importante para o desenvolvimento da resiliência, como uma etapa necessária para alcançar a regulação emocional (Fontes, 2010; Gartland et al., 2019; Instituto Ayrton Senna, 2020)

Enfrentamento a resposta emocional (F7). O fator trata da capacidade de sentir emoções negativas e não deixá-las prejudicar a realização de atividade cotidianas. Pessoas com alto enfrentamento a resposta emocional tendem a não ter dificuldades de realizar suas atividades cotidianas, mesmo sentindo emoções negativas, como frustração e tristeza. Indivíduos com baixo enfrentamento a resposta emocional tendem a apresentar dificuldades para executar suas atividades cotidianas após sentirem emoções negativas. Tal fator parece estar relacionado com consequências práticas pela falta de regulação emocional (Gartland et al., 2019).

Ainda, cabe destacar que segundo Oliveira (2021, 2022) e Oliveira et al. (2023), os sete fatores identificados para a estrutura interna do IRAJA são listados como características referidas na literatura sobre comportamentos e repertórios resilientes. Sobre as relações encontradas entre os fatores, foi verificado que estabilidade emocional está relacionada com os fatores tolerância a frustração, equilíbrio e recuperação emocional e enfrentamento a resposta emocional. Tais relações fazem sentido teórico, pois pessoas estáveis emocionalmente

apresentam maior facilidade em lidar com as emoções, sendo que todos os fatores perpassam por esse tema. Ainda, o fator inteligência emocional de Castillo et al. (2016) engloba partes de todos os fatores encontrados nesse estudo.

Ainda, verificou-se que a expectativa positiva de futuro está relacionada com o acolhimento social e o suporte familiar. Com isso, verifica-se que possuir suportes externos (outras pessoas) facilita a visão positiva de futuro. Conforme Masten et al. (2021) destacam, fatores sociais e visão positiva do futuro contribuem para respostas resilientes. Por fim, também foi encontrada relação entre acolhimento social e suporte familiar, que apesar de se tratar do suporte oferecido por outras pessoas, diferenciam-se entre si, pois diversos estudos mostram que suporte encontrado no âmbito familiar é bem diferente quando comparado ao suporte de amigos e colegas (Llistosella et al., 2022).

Destaca-se que o modelo de Prince-Embury (2017) serviu como base da construção do presente instrumento. Dito de outra maneira, tal modelo fundamentou a criação dos itens do instrumento desenvolvido nesse estudo, porém, considerando que os itens buscaram descrever e representar as vivências, os comportamentos e as experiências resilientes de adolescentes e jovens brasileiros, houve a expectativa de que os agrupamentos observados pudessem se apresentar de forma distinta do modelo original. Conforme foi observado por esse estudo, os fatores, de fato, se agruparam de maneira diferente dos fatores postulados pela autora. Assim, emergiu um novo modelo de resiliência, com base em dados empíricos nacionais, e construído a partir das características e realidades brasileiras.

Considerando a fase da adolescência, que é uma etapa do desenvolvimento bastante complexa e caracterizada por transformações biopsicossociais (Assis et al., 2020), os fatores estabilidade emocional, tolerância a frustração, equilíbrio e recuperação emocional e enfrentamento a resposta emocional realçam que essa fase é marcada por desafios emocionais, de modo que estas características parecem ser bastante relevantes para esta faixa etária. Tal achado pode ser justificado pela característica de instabilidade e conflito emocional que esta fase promove (Schoen-Ferreira et al., 2010). Gonçalves et al. (2021) destacam a necessidade de auxiliar este público para identificar, reconhecer e entender as emoções, visando promover as suas competências socioemocionais. Ainda, Zappe e Dell'Aglio (2016) indicam que a regulação emocional é moderadora quanto a emissão de comportamentos de risco na adolescência.

Além disso, destaca-se que os fatores acolhimento social e suporte familiar se mostraram essenciais para auxiliar na resposta resiliente pelos indivíduos (Llistosella et al., 2022, Masten et al., 2021, Rambod et al., 2023, Vanderley et al., 2020). Ainda, de acordo com

o fator expectativas positivas de futuro, é importante desenvolver com os adolescente e jovens adultos crenças e visões de futuro satisfatórias (Masten et al., 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resiliência é um fenômeno que tem gerado maior interesse nos últimos anos na comunidade científica (Oliveira & Nakano, 2019). A resiliência refere-se à adaptação bem-sucedida frente a uma adversidade (Rutter, 2012; Masten et al., 2021), sendo considerada um sistema dinâmico, complexo e de multiníveis sociais (Masten et al., 2021), resultado de uma interação de diversos fatores (Ungar, 2018), podendo ser apresentada por qualquer pessoa e em qualquer momento da vida (Masten, 2001). Ainda, tal fenômeno tem se mostrado importante para o desenvolvimento ótimo das pessoas.

Com base nisso e no crescimento do interesse pelo tema, são necessárias metodologias adequadas para a avaliação da resiliência, considerando diferentes faixas etárias. No Brasil, a avaliação da resiliência tem se dado principalmente por técnicas qualitativas (Oliveira & Nakano, 2018). A escassez de instrumentos pode ser considerada um dos fatores responsáveis por tal utilização. Atualmente, existe apenas um instrumento apto para o uso em contextos profissionais, que é o MRI (Oliveira & Nakano, 2022). Já para utilização restrita a pesquisas, existem alguns instrumentos disponíveis, porém, todos que apresentam boas evidências de validade são versões adaptadas de outros países. Dessa forma, observa-se a escassez de instrumentos psicométricos construídos no contexto brasileiro.

Visando preencher estas lacunas, o presente estudo se propôs a construir uma escala de resiliência para adolescentes e jovens adultos e investigar as suas propriedades psicométricas iniciais. A criação e o processo de refinamento do instrumento passaram por diversas etapas, iniciando em sua definição conceitual, escolha de modelo teórico base e operacionalização do comportamento resiliente (estudo 1). Posteriormente, foram investigadas as evidências de validade baseadas no conteúdo, que contou com análise de juízes e análise semântica pela população-alvo (estudo 2). Observando os itens que se mostraram adequados, foi criada uma versão piloto da escala para aplicação (estudo 3). Por fim, o último estudo foi responsável por investigar as evidências de validade baseadas na estrutura interna e a confiabilidade através de análise fatorial exploratória (estudo 4).

Dessa forma, foi desenvolvido o instrumento IRAJA, que em sua fase inicial de construção chegou a 143 itens, contudo, ao fim desse trabalho, apresentou uma versão robusta de 34 itens, divididos em sete fatores (estabilidade emocional, expectativa positiva de futuro,

acolhimento social, suporte familiar, tolerância a frustração, equilíbrio e recuperação emocional e enfrentamento a resposta emocional).

Entretanto, destaca-se que o presente estudo possui limitações, como a amostra, no qual foi composta por conveniência. Além disso, não foram realizadas análises complexas em relação aos dados sociodemográficos, como análises de diferenças de média. Ainda, tais investigações correspondem a evidências psicométricas iniciais do IRAJA. Dessa forma, sugere-se que mais estudos sejam conduzidos, buscando maior refinamento do presente instrumento e, futuramente, se considerado adequado e forem realizados todos os trâmites necessários, como a avaliação no SATEPSI, poderá ser considerado apto para uso profissional por psicólogos, auxiliando no processo de avaliação psicológica e no desenvolvimento de intervenções para adolescentes e jovens adultos.

REFERÊNCIAS

- Acosta, J., Chandra, A., & Madrigano, J. (2017). An agenda to advance integrative resilience research and practice: key themes from a Resilience Roundtable. *RAND Corp.*, ii–61. https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR1683.html
- Alonso-Tapia, J., Rodriguez-Rey, R., Garrido- Hernansaiz, H., Ruiz, M., & Nieto, C. (2019). Coping, personality, and resilience: prediction of subjective resilience from coping strategies and protective personality factors. *Behavioral Psychology / Psicologia Conductal*, 27(3), 375–389. <http://hdl.handle.net/11531/44592>
- Alves, G. A. S., Souza, M. S., & Baptista, M. N. (2011). Validade e precisão de testes psicológicos. In R. A. M. Ambiel, I. S. Rabelo, S. V. Pacanaro, G. A. S. Alves, & I. F. A. S. L. Leme (Eds.), *Avaliação psicológica: guia de consulta para estudantes e profissionais de psicologia*. Casa do Psicólogo.
- American Educational Research Association (AERA), American Psychological Association (APA), & National Council on Measurement in Education (NCME). (2014). *Standards: for Educational and Psychological Testing*. American Educational Research Association.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). Validade: Conceitos Básicos. In A. Anastasi & S. Urbina (Eds.), *Testagem Psicológica* (pp. 107–127). Artmed.
- Andrade, J. M. de, & Valentini, F. (2018). Diretrizes para a Construção de Testes Psicológicos: a Resolução CFP nº 009/2018 em Destaque. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(spe), 28–39. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208890>
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., & Serpeloni, F. (2020). O tema da adolescência na saúde coletiva - revisitando 25 anos de publicações. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(12), 4831–4842. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.18322020>
- Block, J., & Kremen, A. M. (1996). IQ and ego-resiliency: conceptual and empirical connections and separateness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(2), 349–361. <https://doi.org/https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.2.349>
- Borsa, J. C., & Seize, M. de M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: dois caminhos possíveis. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (1st ed., pp. 15–38). Vetor.
- Brandão, J., M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, 21(49), 263–271. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>

- Campos, D. C., & Zanini, D. S. (2022). Impacto de fatores individuais e sociais na vitimização de jovens da cidade de Goiânia-Goiás. *Fragmentos de Cultura*, 30(2), 239–250. <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/8257/4995>
- Carey, S. A., Roden-Foreman, J. W., Felius, J., Tecson, K. M., Shelley, J., Hall, S. A., & Warren, A. M. (2019). Secondary traumatic stress in multi-disciplinary teams caring for heart and lung transplant patients. *Traumatology*, 25(4), 275–281. <https://doi.org/10.1037/trm0000188>
- Carvalho, I. A., Mendes, A. C. M. C. de S., Monteiro, A., Grossi, R. M., & Yamaguchi, M. U. (2021). Estudo cienciométrico sobre instrumentos para avaliação da resiliência. *International Journal of Development Research*, 11(1), 43549–43555. <https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/20868.pdf>
- Carvalho, L. F., & Ambiel, R. A. M. (2017). Construção de instrumentos psicológicos. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (1st ed., pp. 39–56). Vetor.
- Castillo, J. A. G., Castillo-López, A. G., López-Sánchez, C., & Dias, P. C. (2016). Conceptualización teórica de la resiliencia psicosocial y su relación com la salud. *Salud y Drogas*, 16(1), 59–68. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83943611006>
- Cicchetti, D. (2012). Annual Research Review: Resilient functioning in maltreated children - past, present, and future perspectives. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54(4), 402–422. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2012.02608.x>
- Conner, D. R. (1995). *Managing at the Speed of Change: How resilient Managers succeed and prosper where others fail*. Villard Books.
- Connor, K. M., & Davidson, J. R. T. (2003). Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and Anxiety*, 18(2), 76–82. <https://doi.org/10.1002/da.10113>
- Conselho Federal de Psicologia. (2014). *Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI*. [Http://Satepsi.Cfp.Org.Br](http://Satepsi.Cfp.Org.Br).
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). *Cartilha Avaliação Psicológica*. Conselho Federal de Psicologia.
- Costello, A. B., & Osborne, J. W. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 10, 1–9. <https://doi.org/https://doi.org/10.7275/jyj1-4868>
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Aval. Psicol.* [Online], 11(2), 213–228.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-04712012000200007

- Deep, C. A. F. de C. N., & Pereira, I. (2012). Adaptação da “The Resilience Scale” para a população adulta portuguesa. *Psicologia USP*, 23(2), 417–433. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012005000008>
- Elfil, M., & Negida, A. (2017). Sampling methods in Clinical Research: an Educational Review. *Emergency*, 5(1: e52). <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5325924/>
- Elliott, T. R., Hsiao, Y.-Y., Kimbrel, N. A., DeBeer, B. B., Gulliver, S. B., Kwok, O.-M., Morissette, S. B., & Meyer, E. C. (2019). Resilience facilitates adjustment through greater psychological flexibility among Iraq/Afghanistan war veterans with and without mild traumatic brain injury. *Rehabilitation Psychology*, 64(4), 383–397. <https://doi.org/10.1037/rep0000282>
- Faria, M. R. G. V. de, Zanini, D. S., & Pasian, S. R. (2020). Apoio Social Como Fator de Proteção para Vitimizações e Desempenho Escolar. *Revista Avaliação Psicológica*, 19(02). <https://doi.org/10.15689/ap.2020.1902.05>
- Feder, A., Fred-Torres, S., Southwick, S. M., & Charney, D. S. (2019). The Biology of Human Resilience: Opportunities for Enhancing Resilience Across the Life Span. *Biological Psychiatry*, 86(6), 443–453. <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2019.07.012>
- Fernández-Lansac, V., & Crespo, M. L. (2011). Resiliencia, Personalidad Resistente y Crecimiento en Cuidadores de Personas con Demencia en el Entorno Familiar: Una Revisión. *Clínica y Salud*, 22(1), 21–40. <https://doi.org/10.5093/cl2011v22n1a2>
- Ferraz, R. B., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Felicidade: uma revisão. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34(5), 234–242. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000500005>
- Folke, C. (2016). Resilience (Republished). *Ecology and Society*, 21(4), art44. <https://doi.org/10.5751/ES-09088-210444>
- Fontes, A. P. (2010). Resiliência, segundo o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida (life-span). *Revista Kairós*, 7, 8–20. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/3917>
- França, F. D. P., & Dias, T. L. (2021). Evidências de validade e confiabilidade do The Perceptions of Academic Stress Scale. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(1), 1–22. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-36872021000100003

- Freitas, D. F., Coimbra, S., Fontaine, A. M., & Marturano, E. M. (2017). Mecanismos de proteção perante a vitimização por pares e a discriminação. *PSICOLOGIA*, 31(2), 25–46. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v31i2.1152>
- Garnezy, N., Masten, A. S., & Tellegen, A. (1984). The Study of Stress and Competence in Children: A Building Block for Developmental Psychopathology. *Child Development*, 55(1), 97. <https://doi.org/10.2307/1129837>
- Gartland, D., Riggs, E., Muyeen, S., Giallo, R., Afifi, T. O., MacMillan, H., Herrman, H., Bulford, E., & Brown, S. J. (2019). What factors are associated with resilient outcomes in children exposed to social adversity? A systematic review. *BMJ Open*, 9(4), e024870. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2018-024870>
- Gonçalves, I. A. C., Alves, J., Faria, H. R. de, Faria, M. R. G. V., Zanini, D. S., & Campos, D. C. (2021). Promoção do Sentido de Vida como Fator Autoprotetivo em Adolescentes: uma abordagem da Psicologia Positiva. *Psicologia Em Processo*, 1(1), 57–65. <http://www.psiemprocesso.periodikos.com.br/article/6091a81ca953950cda0aad62>
- Grau-Valdés, Y., Oliva-Hernández, I., Rojas-Ricardo, L., Grau-Abalo, J. A., & Martínez-Rodríguez, L. (2020). Propiedades psicométricas del Cuestionario de Personalidad Resistente (versión no laboral) en la población cubana. *Terapia Psicológica*, 38(2), 153–167. <https://doi.org/10.4067/S0718-48082020000200153>
- Gurgel, L. G., Plentz, R. D. M., Joly, M. C. R. A., & Reppold, C. T. (2013). Avaliação da resiliência em adultos e idosos: revisão de instrumentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(4), 487–496. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000400002>
- Herênio, A. C. B., & Zanini, D. S. (2020). Ideação e tentativa de suicídio em adolescentes. *Psicol. Am. Lat.*, 34, 233–243. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2020000200013
- Hoinski, R. B., Carrascoso, M. C., Bordin, E. F., Aznar-Blefari, C., Zibetti, M., & Priolo Filho, S. R. (2022). Revisão integrativa sobre resiliência psicológica em publicações brasileiras. *Psicologia Argumento*, 40(109), 1872–1894. <https://doi.org/https://doi.org/10.7213/psicolargum.40.109.AO11>
- Holbrook, A. (2008). Self-Reported Measure. In P. J. Lavrakas (Ed.). *Encyclopedia of Survey Research Methods* (vols. 1 & 2, pp. 804-805). Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781412963947>
- Infante, F. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In A. Melillo & E. N. S. Ojeda (Eds.), *Resiliência: Descobrimo as Próprias Fortalezas* (pp. 23–38). Artmed.

- Instituto Ayrton Senna. (2020). *Resiliência emocional: ideias para o desenvolvimento de competências socioemocionais*. Instituto Ayrton Senna.
- JASP Team (2023). *JASP* (Version 0.18.1). [Computer software].
- Junior, J. A. S. H., & Medeiros, A. G. A. P. de. (2017). Escalas de Resiliência: uma revisão narrativa. *Revista Meta: Avaliação*, 9(27), 561. <https://doi.org/10.22347/2175-2753v9i27.1322>
- Junqueira, M. de F. P. da S., & Deslandes, S. F. (2003). Resiliência e maus-tratos à criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(1), 227–235. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000100025>
- Kessler, E.-M., & Staudinger, U. M. (2009). Affective experience in adulthood and old age: The role of affective arousal and perceived affect regulation. *Psychology and Aging*, 24(2), 349–362. <https://doi.org/10.1037/a0015352>
- Lilienfeld, S. O., Smith, S. F., Sauvigné, K. C., Patrick, C. J., Drislane, L. E., Latzman, R. D., & Krueger, R. F. (2016). Is boldness relevant to psychopathic personality? Meta-analytic relations with non-Psychopathy Checklist-based measures of psychopathy. *Psychological Assessment*, 28(10), 1172–1185. <https://doi.org/10.1037/pas0000244>
- Livingston, N. A., Heck, N. C., Flentje, A., Gleason, H., Oost, K. M., & Cochran, B. N. (2015). Sexual minority stress and suicide risk: Identifying resilience through personality profile analysis. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 321–328. <https://doi.org/10.1037/sgd0000116>
- Llistosella, M., Castellvi, P., Limonero, J. T., Pérez-Ventana Ortiz, C., Baeza-Velasco, C., & Gutiérrez-Rosado, T. (2022). Development of the Individual and Environmental Resilience Model among children, adolescents and young adults using the empirical evidence: An integrative systematic review. *Health & Social Care in the Community*, 30(6). <https://doi.org/10.1111/hsc.13899>
- Luthar, S. S., Crossman, E. J., & Small, P. J. (2015). *Resilience and Adversity*. In *Handbook of Child Psychology and Developmental Science* (pp. 1–40). John Wiley & Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/9781118963418.childpsy307>
- Major, B., Richards, C., Cooper, M. L., Cozzarelli, C., & Zubek, J. (1998). Personal resilience, cognitive appraisals, and coping: An integrative model of adjustment to abortion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(3), 735–752. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.3.735>
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56(3), 227–238. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.227>

- Masten, A. S. (2007). Resilience in developing systems: Progress and promise as the fourth wave rises. *Development and Psychopathology*, 19(3), 921–930. <https://doi.org/10.1017/S0954579407000442>
- Masten, A. S. (2021). Resilience of children in disasters: A multisystem perspective. *International Journal of Psychology*, 56(1), 1–11. <https://doi.org/10.1002/ijop.12737>
- Masten, A. S., Lucke, C. M., Nelson, K. M., & Stallworthy, I. C. (2021). Resilience in Development and Psychopathology: Multisystem Perspectives. *Annual Review of Clinical Psychology*, 17(1), 521–549. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-081219-120307>
- Masten, A., & Barnes, A. (2018). Resilience in Children: Developmental Perspectives. *Children*, 5(7), 98. <https://doi.org/10.3390/children5070098>
- Miot, H. A. (2019). Valores anômalos e dados faltantes em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro*, 18. <https://doi.org/10.1590/1677-5449.190004>
- Montpetit, M. A., Bergeman, C. S., Deboeck, P. R., Tiberio, S. S., & Boker, S. M. (2010). Resilience-as-process: Negative affect, stress, and coupled dynamical systems. *Psychology and Aging*, 25(3), 631–640. <https://doi.org/10.1037/a0019268>
- Muniz, M., & Freitas, C. P. P. de. (2017). Padronização e normatização de instrumentos psicológicos. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (1st ed., pp. 57–84). Vetor.
- Nordström, M., Carlsson, P., Ericson, D., Hedenbjörk-Lager, A., & Hänsel Petersson, G. (2023). Common resilience factors among healthy individuals exposed to chronic adversity: a systematic review. *Acta Odontologica Scandinavica*, 81(3), 176–185. <https://doi.org/10.1080/00016357.2022.2095021>
- O’Leary, V. E. (1998). Strength in the Face of Adversity: Individual and Social Thriving. *Journal of Social Issues*, 54(2), 425–446. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.751998075>
- Oliveira, K. S., & Nakano, T. C. (2019). Avaliação da resiliência: uma revisão internacional. *Psicologia Em Revista*, 25(3), 1021–1043. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n3p1021-1043>
- Oliveira, K. S. (2021). Resiliência: definição, modelos teóricos e compreensão histórica. In K. S. Oliveira, T. C. Nakano, & K. I. Paludo (Eds.), *Resiliência: teoria, avaliação e prática em psicologia*. Editora Hogrefe.
- Oliveira, K. S., & Nakano, T. C. (2018). Avaliação da resiliência em Psicologia: revisão do cenário científico brasileiro. *Revista Psicologia Em Pesquisa*, 12(1), 1–11. <https://doi.org/10.24879/2018001200100283>

- Oliveira, K. S., & Nakano, T. C. (2022). *Marcadores de Resiliência - MRI: manual* (1st ed.). Hogrefe.
- Oliveira, K. S., Campos, C. R., & Peixoto, E. M. (2021). Avaliação de multitraços e por multimétodos em crianças e adolescentes. In M. Mansur-Alves, M. Muniz, D. S. Zanini, & M. N. Baptista (Eds.), *Avaliação Psicológica na Infância e Adolescência* (pp. 131–150). Editora Vozes.
- Oliveira, K. S., Costa, F. B., Vasconcellos, F. C. M., & Azevedo, R. L. (2023). Resiliência e infância: uma perspectiva desenvolvimento. In L. Santos-Vitti, T. C. Nakano, J. Chnaider, & I. C. C., Abreu. (Eds.). *Psicologia positiva e desenvolvimento humano* (Ed. 1, pp 33-52). Vetor.
- Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste?: produção de itens. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 55–70). Artmed.
- Panter-Brick, C., & Leckman, J. F. (2013). Editorial Commentary: Resilience in child development - interconnected pathways to wellbeing. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54(4), 333–336. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12057>
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Artmed.
- Pasquali, L. (2011). *Técnicas do exame psicológico - TEP: manual*. Casa do Psicólogo/Conselho Federal de Psicologia.
- Paulhus, D. L., & Vazire, S. (2007). The Self-Report Method. In R. W. Robins, R. C. Fraley, & R. F. Krueger (Eds.), *Handbook Reserch Methods in Personality Psychology* (pp. 224–239). THE GUILFORD PRESS.
- Pereira, M., Cardoso, M., Albuquerque, S., Janeiro, C., & Alves, S. (2016). Escala de Resiliência para Adultos (ERA). In A. P. Relvas, & S. Major (Eds.). *Avaliação familiar: vulnerabilidade, stress e adaptação vol. II* (pp. 37–62). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-1268-3_2
- Peres, J. F. P., Mercante, J. P. P., & Nasello, A. G. (2005). Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. *Revista de Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, 27(2), 131–138. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082005000200003>
- Pizzo, B. (2015). Problematizing resilience: Implications for planning theory and practice. *Cities*, 43, 133–140. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2014.11.015>
- Pole, N., Kulkarni, M., Bernstein, A., & Kaufmann, G. (2006). Resilience in retired police officers. *Traumatology*, 12(3), 207–216. <https://doi.org/10.1177/1534765606294993>

- Polit, D. F., Beck, C. T., & Owen, S. V. (2007). Is the CVI an acceptable indicator of content validity? Appraisal and recommendations. *Research in Nursing & Health*, 30(4), 459–467. <https://doi.org/10.1002/nur.20199>
- Prince-Embury, S. (2010). Psychometric Properties of the Resiliency Scales for Children and Adolescents and Use for Youth With Psychiatric Disorders. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 28(4), 291–302. <https://doi.org/10.1177/0734282910366832>
- Prince-Embury, S. (2013). Translating Resilience Theory for Assessment and Application with Children, Adolescents, and Adults: Conceptual Issues. In S. Prince-Embury & D. H. Saklofske (Eds.), *Resilience in children, adolescents, and adults: Translating research into practice* (pp. 9–16). Springer.
- Prince-Embury, S., & Courville, T. (2008). Comparison of One-, Two-, and Three-Factor Models of Personal Resiliency Using the Resiliency Scales for Children and Adolescents. *Canadian Journal of School Psychology*, 23(1), 11–25. <https://doi.org/10.1177/0829573508316589>
- Prince-Embury, S., Saklofske, D. H., & Nordstokke, D. W. (2017). The Resiliency Scale for Young Adults. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 35(3), 276–290. <https://doi.org/10.1177/0734282916641866>
- R Core Team (2023). *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing. <https://www.R-project.org/>
- Rambod, M., Hamidizadeh, S., Bazrafshan, M.-R., & Parviniannasab, A. M. (2023). Risk and protective factors for resilience among adolescents and young adults with beta-thalassemia major. *BMC Psychology*, 11(1), 231. <https://doi.org/10.1186/s40359-023-01268-2>
- Reppold, C. T., Mayer, J. C., Almeida, L. S., & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da resiliência: controvérsia em torno do uso das escalas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 248–255. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000200006>
- Resolução N° 009, de 25 de abril de 2018. *Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções n° 002/2003, n° 006/2004 e n° 005/2012 e Notas Técnicas n° 01/2017 e 02/2017*. Recuperado de <https://satepsi.cfp.org.br/docs/ResolucaoCFP009-18.pdf>
- Revelle, W. (2023). *_psych: Procedures for Psychological, Psychometric, and Personality Research_*. Northwestern University, Evanston, Illinois. R package version 2.3.9, <<https://CRAN.R-project.org/package=psych>>.

- Rogers, P. (2022). Melhores Práticas para sua Análise Fatorial Exploratória: Tutorial no Factor. *Revista de Administração Contemporânea*, 26(6). <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022210085.por>
- Rueda, F. J. M., & Zanini, D. S. (2018). O que Muda com a Resolução CFP nº 09/2018? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(spe), 16–27. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208893>
- Ruivo, É. D. G., Rocha, L. P., Tomaszewski-Barlem, J. G., Dalmolin, G. de L., Juliano, L. F., & Yasin, J. C. M. (2023). Validity study of the Three-Dimensional Work Fatigue Inventory among higher education nursing faculty. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 76(4). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0020>
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316–331. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x>
- Rutter, M. (2006). The Promotion of Resilience in the Face of Adversity. In *Families Count* (pp. 26–52). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511616259.003>
- Rutter, M. (2012). Resilience as a dynamic concept. *Development and Psychopathology*, 24(2), 335–344. <https://doi.org/10.1017/S0954579412000028>
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silveiras, E. F. de M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227–234. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>
- Smedslund, G., Arnulf, J. K., & Smedslund, J. (2022). Is psychological science progressing? Explained variance in PsycINFO articles during the period 1956 to 2022. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1089089>
- Solano, J. P. C., Bracher, E. S. B., Faisal-Cury, A., Ashmawi, H. A., Carmona, M. J. C., Lotufo Neto, F., & Vieira, J. E. (2016). Factor structure and psychometric properties of the Dispositional Resilience Scale among Brazilian adult patients. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 74(12), 1014–1020. <https://doi.org/10.1590/0004-282x20160148>
- Souza, A. C. de, Alexandre, N. M. C., Guirardello, E. de B., Souza, A. C. de, Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. de B. (2017). Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), 649–659. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300022>
- Taboada, N. G., Legal, E. J., & Machado, N. (2006). RESILIÊNCIA: EM BUSCA DE UM CONCEITO. *Rev Bras Crescimento Desenvol Hum.*, 16(3), 104–113. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012

- Taherdoost, H., Sahibuddin, S., & Jalaliyoon, N. (2022). Exploratory Factor Analysis; Concepts and Theory. *Advances in Applied and Pure Mathematics*, 27, 375–382. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02557344/document>
- Ungar, M. (2018). Systemic resilience: principles and processes for a science of change in contexts of adversity. *Ecology and Society*, 23(4), art34. <https://doi.org/10.5751/ES-10385-230434>
- Valentini, F., & Laros, J. A. (2012). Métodos atuais de estatística aplicada a psicometria. In C. S. Hutz (Ed.), *Avanços em avaliação psicológica e neuropsicológica de crianças e adolescentes II* (pp. 7–40). Casa do Psicólogo.
- van Breda, A. (2018). A critical review of resilience theory and its relevance for social work. *Social Work*, 54(1). <https://doi.org/10.15270/54-1-611>
- van Buuren, S., Groothuis-Oudshoorn, K. (2011). mice: Multivariate Imputation by Chained Equations in R. *Journal of Statistical Software*, 45(3), 1-67. doi 10.18637/jss.v045.i03
- Vanderley, I. C. S., Vanderley, M. de A. S., Santana, A. D. D. S., Scorsolini-Comin, F., Brandão Neto, W., & Monteiro, E. M. L. M. (2020). Fatores relacionados à resiliência de adolescentes em contextos de vulnerabilidade social: revisão integrativa. *Enfermería Global*, 19(3), 582–625. <https://doi.org/10.6018/eglobal.411311>
- Vinha, L. G. do A., & Laros, J. A. (2018). Dados ausentes em avaliações educacionais: comparação de métodos de tratamento. *Estudos Em Avaliação Educacional*, 29(70), 156-187. <https://doi.org/10.18222/dae.v0ix.3916>
- Wagnild, G. M., & Young, H. M. (1993). Development and Psychometric Evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1(2), 165–178. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012
- Williams, B., Onsmann, A., & Brown, T. (2010). Exploratory factor analysis: A five-step guide for novices. *Australasian Journal of Paramedicine*, 8(3). <https://doi.org/10.33151/ajp.8.3.93>
- Windle, G., Bennett, K. M., & Noyes, J. (2011). A methodological review of resilience measurement scales. *Health and Quality of Life Outcomes*, 9(1), 8. <https://doi.org/10.1186/1477-7525-9-8>
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia Em Estudo*, 8(spe), 75–84. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300010>
- Yunes, M. A. M. (2011). Psicologia positiva e resiliência: Foco no indivíduo e na família. In D. D. Dell’Aglío, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Eds.), *Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco a proteção* (pp. 45–68). Casa do Psicólogo.

- Yusoff, M. S. B. (2019). ABC of Content Validation and Content Validity Index Calculation. *Education in Medicine Journal*, 11(2), 49–54. <https://doi.org/10.21315/eimj2019.11.2.6>
- Zanini, D. S., Baptista, M. N., Faria, A. C. G. M., Santos, Y. D. S., & Araújo, D. M. A. (2021). Suicídio e problemas comportamentais em adolescentes do interior de Goiás. *Arq. Bras. Psicol.* [Online], 73(1), 104–120. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672021000100008
- Zappe, J. G., & Dell’Aglia, D. D. (2016). Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico*, 47(2), 99. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494>
- Zimmerman, M. A. (2013). *Resiliency Theory*. *Health Education & Behavior*, 40(4), 381–383. <https://doi.org/10.1177/1090198113493782>
- Zlatkina, N. E. (2021). Methods for Measuring the Resilience of Adults. *Nat. Volatiles & Essent. Oils*, 8(5), 9116–9126. <https://www.nveo.org/index.php/journal/article/view/2413>

ANEXOS

Anexo 1 – Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos, versão juízes rodada 1 (itens construídos)

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
1	Eu posso pedir ajuda para alguém se eu precisar.					
2	Fico confortável quando estou entre conhecidos.					
3	Se eu não consigo fazer algo, peço ajuda.					
4	Eu tenho amigos que pensam diferente de mim.					
5	Eu sou uma pessoa com quem os outros podem contar.					
6	Eu tenho dificuldades em estudar/trabalhar quando estou triste.					
7	Eu acho difícil ouvir que errei.					
8	Eu gosto quando outras pessoas me ajudam em algo que não sei fazer.					
9	Eu consigo olhar uma mesma situação de várias maneiras.					
10	Eu sei que consigo controlar minhas emoções.					
11	Eu tenho familiares que posso conversar se eu precisar.					
12	Eu penso que no fim ficará tudo certo, mesmo quando estou com problemas.					
13	Eu gosto de estar perto de pessoas.					
14	Eu fico com raiva por muito tempo quando algo acontece.					
15	Eu me sinto sozinho quando tenho um problema.					
16	Eu fico triste por pouco tempo após uma coisa ruim acontecer.					
17	Eu acredito que o mundo pode ser um lugar melhor.					
18	Eu entendo facilmente as coisas.					
19	Eu sinto raiva na maior parte do dia.					
20	Eu me sinto confortável em conversar sobre minha intimidade com amigos.					
21	Eu entendo que tem pessoas que não pensam igual a mim.					
22	Eu penso no meu futuro com felicidade.					
23	Eu acredito que posso contar com meus amigos se algo der errado.					

24	Eu sinto o apoio da minha família quando tenho um problema.					
25	Eu sinto que a tristeza me impede de fazer minhas atividades diárias.					
26	Eu posso falar sobre assuntos íntimos com amigos.					
27	Eu posso falar sobre assuntos íntimos com familiares.					
28	Eu me sinto confortável quando estou com pessoas que têm os mesmos interesses que eu.					
29	Eu tenho dificuldade em parar de se sentir triste.					
30	Se eu erro em alguma coisa, aprendo com o erro para não repeti-lo.					
31	Eu fico magoado com coisas pequenas.					
32	Eu tenho pessoas no qual posso confiar.					
33	Eu consigo expressar meus pensamentos quando não concordo com algo.					
34	Eu acredito que sinto mais tristeza à alegria.					
35	Eu me sinto desconfortável quando estou com pessoas que não têm os mesmos interesses que eu.					
36	Eu me sinto confortável em conversar sobre minha intimidade com familiares.					
37	Eu sei dizer que alguém errou sem ferir seus sentimentos.					
38	Eu gosto de ficar junto dos meus amigos.					
39	Eu sinto raiva a ponto de não conseguir estudar/trabalhar.					
40	Eu consigo resolver os problemas.					
41	Eu percebo o apoio dos meus amigos quando tenho um problema.					
42	Eu não consigo controlar meu comportamento quando fico triste.					
43	Eu acredito facilmente nas pessoas.					
44	Eu sei que mesmo diante de desafios, as coisas ficarão bem.					
45	Eu fico facilmente com raiva quando sou frustrado.					
46	Eu demoro a ficar bravo.					

47	Eu levo em consideração os sentimentos dos outros quando dou minha opinião.					
48	Eu sinto que preciso de ajuda para resolver meus problemas.					
49	Eu posso perdoar uma pessoa mesmo se ela me chatear.					
50	Eu tenho dificuldade em aceitar sugestões de outras pessoas.					
51	Eu tenho amigos com quem conversar se eu precisar.					
52	Eu consigo lidar com os problemas sozinho, se precisar.					
53	Eu penso que o futuro será melhor.					
54	Eu só fico bravo com coisas muito graves.					
55	Eu sinto que preciso que outras pessoas assumam meus desafios.					
56	Eu me sinto ansioso quando estou com pessoas que não conheço.					
57	Eu desconfio das intenções das pessoas que se aproximam de mim.					
58	Eu consigo dizer o que sinto quando alguém me magoa.					
59	Eu sinto que as pessoas me acolhem quando preciso.					
60	Eu fico magoado facilmente.					
61	Eu acredito que todo feedback (positivo ou negativo) é importante para o meu crescimento.					
62	Eu confio facilmente nas pessoas.					
63	Eu gosto de ajudar as pessoas.					
64	Se eu estou triste, costumo ficar ainda mais triste com facilidade.					
65	Eu demoro muito para ficar bem após ter ficado chateado com algo.					
66	Eu gosto de sentir-me desafiado.					
67	Eu me frustro facilmente.					
68	Eu me sinto frustrado a maior parte do tempo.					
69	Eu acredito que posso superar os desafios da vida.					
70	Eu sou capaz de compartilhar minhas opiniões sem causar problemas.					
71	Eu acho difícil parar de me sentir triste após alguém fazer algo que não gostei.					

72	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram magoado.					
73	Eu demoro a ficar magoado.					
74	Eu sou capaz de resolver meus problemas.					
75	Eu não consigo controlar meu comportamento quando fico bravo.					
76	Eu tenho boas expectativas sobre o meu futuro.					
77	Eu consigo perdoar alguém depois de uma discussão.					
78	Eu demoro a ficar chateado.					
79	Eu desconfio facilmente das pessoas.					
80	Eu demoro a ficar triste.					
81	Eu consigo aprender com os meus erros.					
82	Eu fico triste por muito tempo após uma coisa ruim acontecer.					
83	Eu fico bravo facilmente.					
84	Eu acredito que posso contar com minha família se algo der errado.					
85	Eu já fiz coisas que me arrependi quando estava com raiva.					
86	Eu acredito que coisas boas irão acontecer comigo.					
87	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas que não conheço.					
88	Se eu fico chateado não consigo fazer nada direito.					
89	Eu entendo que tem pessoas que não concordam comigo.					
90	Eu sei que quando alguém aponta um erro meu é porque quer o meu bem.					
91	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas conhecidas.					
92	Eu sinto que as pessoas não entendem as minhas angústias.					
93	Eu acredito que as pessoas gostam de mim.					
94	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou triste.					
95	Eu acredito que sinto mais raiva à calma.					
96	Eu acho difícil acreditar nas pessoas.					
97	Eu não tenho controle das minhas emoções.					
98	Eu fico triste com coisas pequenas.					

99	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou chateado com algo.					
100	Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo.					
101	Eu rapidamente esqueço os motivos que deixaram com raiva.					
102	Eu procuro o lado positivo dos problemas.					
103	Eu costumo ficar triste facilmente.					
104	Eu perco o controle quando sinto raiva.					
105	Eu sou capaz de lidar com situações desafiadoras.					
106	Eu sinto que demoro a perdoar alguém que me fez mal.					
107	Eu sinto que fico tão magoado que não consigo pensar em outras coisas.					
108	Quando eu fico triste, fico muito triste.					
109	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram triste.					
110	Eu faço bem as atividades que me preciso fazer.					
111	Eu gosto de ficar junto da minha família.					
112	Eu tenho facilidade em lidar com problemas.					
113	Eu acho fácil ouvir que errei.					
114	Eu tenho dificuldade de fazer as minhas atividades quando estou frustrado.					
115	Eu fico com raiva por pouco tempo quando algo acontece.					
116	Eu sei que quando estou com raiva não consigo estudar/trabalhar.					
117	Eu consigo expressar minha opinião com facilidade.					
118	Eu não consigo controlar meu comportamento quando estou magoado.					
119	Eu gosto de ouvir dos outros o que posso melhorar em uma situação.					
120	Eu demoro a ficar com raiva.					
121	Eu acho difícil confiar em alguém.					
122	Eu gosto de ouvir a opinião de outras pessoas quando tomo decisões.					
123	Eu tenho facilidade em pedir ajuda quando preciso.					

124	Eu sinto que tenho pessoas para me ajudar no que eu precisar.					
125	Eu fico com raiva com coisas pequenas.					
126	Eu sinto tristeza na maior parte do dia.					
127	Eu vejo o lado engraçado dos problemas.					
128	Eu me sinto triste quando uma pessoa não concorda comigo.					
129	Eu sou uma pessoa que os outros podem confiar.					
130	Eu acredito que me sinto mais frustrado à realizado.					
131	Eu prefiro resolver meus problemas com o apoio de alguém.					
132	Eu acredito que as pessoas têm boas intenções ao se aproximar de mim.					
133	Eu me sinto calmo perto de outras pessoas.					

Anexo 2 – Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos, versão juízes rodada 2 (itens construídos)

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
1	Eu penso que preciso desconfiar das pessoas ao meu redor.					
2	Eu penso que posso confiar nas pessoas.					
3	Eu expesso minhas opiniões de forma objetiva e respeitosa.					
4	Eu tenho facilidade em seguir regras.					
5	Eu penso que as pessoas são confiáveis.					
6	Eu consigo conversar sobre temas sensíveis sem brigar.					
7	Eu compartilho minhas opiniões com cuidado e respeito.					
8	Eu considero os sentimentos dos outros ao dizer o que penso.					
9	Eu sou agressivo quando falo das minhas opiniões.					
10	Eu escuto respeitosamente as opiniões que são diferentes das minhas.					

Anexo 3 – Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos, versão juízes rodada 3 (itens construídos)

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
1	Eu acho que preciso desconfiar das pessoas.					
2	Eu costumo ser agressivo quando falo das minhas opiniões.					
3	Eu escuto outras opiniões de forma respeitosa.					
4	Eu sou uma pessoa que os outros podem contar.					
5	Eu expesso minhas opiniões com respeito e de forma objetiva.					
6	Eu consigo dizer que alguém fez algo errado sem ferir seus sentimentos.					
7	Eu expesso minhas opiniões com respeito e cuidado.					
8	Eu costumo ajudar as pessoas.					
9	Eu consigo perdoar as pessoas mesmo que elas me chateiem.					
10	Eu acredito que posso confiar nas pessoas.					
11	Eu acho difícil aceitar sugestões de outras pessoas.					
12	Eu considero os sentimentos das pessoas ao me expressar.					
13	Eu tenho dificuldade em confiar nas pessoas.					
14	Eu costumo desconfiar das intenções de novas pessoas conhecidas.					
15	Eu sou uma pessoa que os outros podem confiar.					
16	Eu costumo levar os sentimentos dos outros em consideração quando vou falar o que penso.					
17	Eu acredito que as pessoas são confiáveis.					
18	Eu costumo desconfiar das pessoas.					
19	Eu consigo falar o que sinto quando estou chateado.					
20	Eu tenho dificuldade em acreditar nas pessoas.					
21	Eu conheço pessoas que posso confiar.					
22	Eu consigo perdoar alguém após uma discussão.					

23	Eu tenho facilidade em expressar minhas opiniões.					
24	Eu consigo seguir regras facilmente.					
25	Eu consigo conversar com as pessoas sobre temas sensíveis sem causar brigas.					
26	Eu acredito que as pessoas têm boas intenções quando se aproximam de mim.					
27	Eu consigo falar o que penso sem causar problemas.					

Anexo 4 – Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos, versão análise semântica

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
1	Eu penso que no fim ficará tudo certo, mesmo quando estou com problemas.					
2	Eu demoro muito para ficar bem após ter ficado chateado com algo.					
3	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas conhecidas.					
4	Eu acredito que posso confiar nas pessoas.					
5	Eu fico magoado com coisas pequenas.					
6	Quando eu fico triste, fico muito triste.					
7	Eu procuro o lado positivo dos problemas.					
8	Eu tenho amigos com quem conversar se eu precisar.					
9	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou triste.					
10	Eu costumo levar os sentimentos dos outros em consideração quando vou falar o que penso.					
11	Eu percebo o apoio dos meus amigos quando tenho um problema.					
12	Eu entendo que tem pessoas que não concordam comigo.					
13	Eu fico com raiva por pouco tempo quando algo acontece.					
14	Eu sinto que preciso que outras pessoas assumam meus desafios.					
15	Eu entendo que tem pessoas que não pensam igual a mim.					
16	Eu sou capaz de resolver meus problemas.					
17	Eu tenho dificuldade de fazer as minhas atividades quando estou frustrado.					
18	Eu costumo ficar triste facilmente.					
19	Eu sinto o apoio da minha família quando tenho um problema.					
20	Eu consigo aprender com os meus erros.					

21	Eu sei que mesmo diante de desafios, as coisas ficarão bem.					
22	Eu fico bravo facilmente.					
23	Eu fico com raiva com coisas pequenas.					
24	Eu acredito que o mundo pode ser um lugar melhor.					
25	Eu perco o controle quando sinto raiva.					
26	Eu consigo lidar com os problemas sozinho, se precisar.					
27	Se eu erro em alguma coisa, aprendo com o erro para não repeti-lo.					
28	Eu penso que o futuro será melhor.					
29	Eu tenho boas expectativas sobre o meu futuro.					
30	Eu me frustro facilmente.					
31	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou chateado com algo.					
32	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram com raiva.					
33	Eu consigo falar o que penso sem causar problemas.					
34	Eu consigo expressar meus pensamentos quando não concordo com algo.					
35	Eu fico magoado facilmente.					
36	Eu fico triste com coisas pequenas.					
37	Eu expresso minhas opiniões com respeito e de forma objetiva.					
38	Eu acho fácil ouvir que errei.					
39	Eu demoro a ficar triste.					
40	Eu sinto que as pessoas me acolhem quando preciso.					
41	Eu demoro a ficar com raiva.					
42	Eu só fico bravo com coisas muito graves.					
43	Eu acho difícil ouvir que errei.					
44	Eu tenho amigos que pensam diferente de mim.					
45	Eu acredito que posso contar com meus amigos se algo der errado.					
46	Eu consigo conversar com as pessoas sobre temas sensíveis sem causar brigas.					
47	Eu gosto de ficar junto dos meus amigos.					

48	Eu acredito que coisas boas irão acontecer comigo.					
49	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram triste.					
50	Eu gosto de ficar junto da minha família.					
51	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas que não conheço.					
52	Eu penso no meu futuro com felicidade.					
53	Eu demoro a ficar magoado.					
54	Eu acredito facilmente nas pessoas.					
55	Eu me sinto calmo perto de outras pessoas.					
56	Eu tenho familiares que posso conversar se eu precisar.					
57	Eu sinto que tenho pessoas para me ajudar no que eu precisar.					
58	Eu acredito que posso contar com minha família se algo der errado.					
59	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram magoado.					
60	Eu entendo facilmente as coisas.					
61	Eu confio facilmente nas pessoas.					
62	Eu expresso minhas opiniões com respeito e cuidado.					
63	Eu sinto raiva a ponto de não conseguir estudar/trabalhar.					
64	Eu faço bem as atividades que preciso fazer.					
65	Eu demoro a ficar bravo.					
66	Eu acredito que todo feedback (positivo ou negativo) é importante para o meu crescimento.					

Anexo 5 – Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos, versão estudo piloto

Nº _____

Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos (IRAJA)

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: () 1º ano () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano () 6º ano () 7º ano
 () 8º ano () 9º ano () 1º ano do Ensino Médio () 2º ano do Ensino Médio
 () 3º ano do Ensino Médio () Cursando técnico () Técnico completo () Cursando graduação
 () Graduação completa () Cursando pós-graduação (primeira) () Pós-graduação completa (primeira)

() Masculino
 () Feminino
 Gênero: () Outros
 () Prefiro não responder
 Cidade/UF: _____

Instruções: Abaixo você encontrará algumas frases. Leia atentamente e assinale o quanto você acredita que a afirmação tem a ver com você. As respostas variam de Nunca (0) a Sempre (4). Não há respostas certas ou erradas, o importante é você responder com sinceridade a cada uma das afirmativas.

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
1	Eu penso que no fim ficará tudo bem, mesmo quando estou com problemas.					
2	Eu demoro muito para ficar bem após ter ficado chateado com algo.					
3	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas conhecidas.					
4	Eu acredito que posso confiar nas pessoas.					
5	Eu fico magoado com coisas pequenas.					
6	Quando eu fico triste, fico muito triste.					
7	Eu procuro ver o lado positivo dos problemas.					
8	Eu tenho amigos com quem conversar se eu precisar.					
9	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou triste.					
10	Eu costumo considerar os sentimentos dos outros quando vou falar o que penso.					
11	Eu percebo o apoio dos meus amigos quando tenho um problema.					
12	Eu entendo que tem pessoas que não concordam comigo.					
13	Eu fico com raiva por pouco tempo quando algo acontece.					
14	Eu preciso que outras pessoas assumam meus desafios.					
15	Eu entendo que tem pessoas que não pensam igual a mim.					
16	Eu sou capaz de resolver meus problemas sozinho.					
17	Eu tenho dificuldade de fazer as minhas atividades quando estou frustrado.					
18	Eu costumo ficar triste facilmente.					
19	Eu sinto o apoio da minha família quando tenho um problema.					
20	Eu consigo aprender com os meus erros.					
21	Eu sei que mesmo diante de desafios, as coisas ficarão bem.					
22	Eu fico bravo facilmente.					
23	Eu fico com raiva com coisas pequenas.					
24	Eu acredito que o mundo possa ser melhor.					
25	Eu perco o controle quando sinto raiva.					
26	Eu consigo lidar com os problemas sozinho, se precisar.					
27	Se eu erro em alguma coisa, aprendo com o erro para não repeti-lo.					
28	Eu penso que o futuro será melhor.					
29	Eu tenho boas expectativas sobre o meu futuro.					
30	Eu me deceptio facilmente.					
31	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou chateado com algo.					
32	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram com raiva.					
33	Eu consigo falar o que penso sem causar problemas.					
34	Eu consigo expressar meus pensamentos quando não concordo com algo.					
35	Eu fico magoado facilmente.					
36	Eu fico triste com coisas pequenas.					
37	Eu expreso minhas opiniões com respeito e de forma objetiva.					
38	Eu acho fácil ouvir que errei.					
39	Eu demoro a ficar triste.					
40	Eu sinto que as pessoas me acolhem quando preciso.					
41	Eu demoro a ficar com raiva.					
42	Eu só fico bravo com coisas muito graves.					
43	Eu acho difícil ouvir que errei.					
44	Eu tenho amigos que pensam diferente de mim.					
45	Eu acredito que posso contar com meus amigos se algo der errado.					

Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos (IRAJA)

Instruções: Abaixo você encontrará algumas frases. Leia atentamente e assinale o quanto você acredita que a afirmação tem a ver com você. As respostas variam de Nunca (0) a Sempre (4). Não há respostas certas ou erradas, o importante é você responder com sinceridade a cada uma das afirmativas.

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
46	Eu consigo conversar com as pessoas sobre temas sensíveis sem causar brigas.					
47	Eu gosto de ficar junto dos meus amigos.					
48	Eu acredito que coisas boas irão acontecer comigo.					
49	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram triste.					
50	Eu gosto de ficar junto da minha família.					
51	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas que não conheço.					
52	Eu penso no meu futuro com felicidade.					
53	Eu demoro a ficar magoado.					
54	Eu acredito facilmente nas pessoas.					
55	Eu me sinto calmo perto de outras pessoas.					
56	Eu tenho familiares que posso conversar se eu precisar.					
57	Eu sinto que tenho pessoas para me ajudar no que eu precisar.					
58	Eu acredito que posso contar com minha família se algo der errado.					
59	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram magoado.					
60	Eu entendo facilmente as coisas.					
61	Eu confio facilmente nas pessoas.					
62	Eu expresso minhas opiniões com respeito e cuidado.					
63	Eu sinto raiva a ponto de não conseguir estudar/trabalhar.					
64	Eu faço bem as atividades que preciso fazer.					
65	Eu demoro a ficar bravo.					
66	Eu acredito que toda crítica (positiva ou negativa) é importante para o meu crescimento.					

Você teve alguma dúvida ou dificuldade para entender alguma das afirmativas? Sim
 Não

Se sim, você pode compartilhar alguma sugestão para melhorarmos o instrumento? Use a caixa abaixo

Obrigado pela sua participação!

Anexo 6 – Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos, versão estudo estrutura interna

Nº _____

Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos (IRAJA)

Nome: _____ Idade: _____ Cidade/UF: _____
 Escolaridade: () 1º ano () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano () 6º ano () 7º ano () Masculino
 () 8º ano () 9º ano () 1º ano do Ensino Médio () 2º ano do Ensino Médio Gênero: () Feminino
 () 3º ano do Ensino Médio () Cursando técnico () Técnico completo () Cursando graduação () Outros
 () Graduação completa () Cursando pós-graduação (primeira) () Pós-graduação completa (primeira) () Prefiro não responder

Instruções: Abaixo você encontrará algumas frases. Leia atentamente e assinale o quanto você acredita que a afirmação tem a ver com você. As respostas variam de Nunca (0) a Sempre (4). Não há respostas certas ou erradas, o importante é você responder com sinceridade a cada uma das afirmativas. Para responder utilize uma caneta, marcando um X na categoria de resposta no qual escolher. Caso erre a resposta, transforme o X em uma ● e marque um X na resposta correta.

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
1	Eu penso que no fim ficará tudo bem, mesmo quando estou com problemas.					
2	Eu demoro muito para ficar bem após ter ficado chateado com algo.					
3	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas conhecidas.					
4	Eu acredito que posso confiar nas pessoas.					
5	Eu fico magoado com coisas pequenas.					
6	Quando eu fico triste, fico muito triste.					
7	Eu procuro ver o lado positivo dos problemas.					
8	Eu tenho amigos com quem conversar se eu precisar.					
9	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou triste.					
10	Eu costumo considerar os sentimentos dos outros quando vou falar o que penso.					
11	Eu reconheço o apoio dos meus amigos quando tenho um problema.					
12	Eu entendo que tem pessoas que não concordam comigo.					
13	Eu fico com raiva por pouco tempo quando algo acontece.					
14	Eu preciso que outras pessoas resolvam meus problemas.					
15	Eu entendo que tem pessoas que não pensam igual a mim.					
16	Eu sou capaz de resolver meus problemas sozinho.					
17	Eu tenho dificuldade de fazer as minhas atividades quando estou frustrado.					
18	Eu costumo ficar triste facilmente.					
19	Eu sinto o apoio da minha família quando tenho um problema.					

Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos (IRAJA)

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
20	Eu consigo aprender com os meus erros.					
21	Eu sei que mesmo diante de desafios, as coisas ficarão bem.					
22	Eu fico bravo facilmente.					
23	Eu fico com raiva com coisas pequenas.					
24	Eu acredito que o mundo possa ser melhor.					
25	Eu perco o controle quando sinto raiva.					
26	Eu consigo lidar com os problemas sozinho, se precisar.					
27	Se eu erro em alguma coisa, aprendo com o erro para não repeti-lo.					
28	Eu penso que o futuro será melhor.					
29	Eu tenho boas expectativas sobre o meu futuro.					
30	Eu me deceptio facilmente.					
31	Eu tenho dificuldade em fazer as coisas se estou chateado com algo.					
32	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram com raiva.					
33	Eu consigo falar o que penso sem causar problemas.					
34	Eu consigo expressar meus pensamentos quando não concordo com algo.					
35	Eu fico magoado facilmente.					
36	Eu fico triste com coisas pequenas.					
37	Eu expresso minhas opiniões com respeito e de forma objetiva.					
38	Eu acho fácil ouvir que errei.					
39	Eu demoro a ficar triste.					
40	Eu sinto que as pessoas me acolhem quando preciso.					
41	Eu demoro a ficar com raiva.					
42	Eu só fico bravo com coisas muito graves.					
43	Eu acho difícil ouvir que errei.					

Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos (IRAJA)

Item	Descrição	Nunca (0)	Quase nunca (1)	Às vezes (2)	Frequentemente (3)	Sempre (4)
44	Eu tenho amigos que pensam diferente de mim.					
45	Eu acredito que posso contar com meus amigos se algo der errado.					
46	Eu consigo conversar com as pessoas sobre temas sensíveis sem causar brigas.					
47	Eu gosto de ficar junto dos meus amigos.					
48	Eu acredito que coisas boas irão acontecer comigo.					
49	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram triste.					
50	Eu gosto de ficar junto da minha família.					
51	Eu fico tranquilo quando estou com pessoas que não conheço.					
52	Eu penso no meu futuro com felicidade.					
53	Eu demoro a ficar magoado.					
54	Eu acredito facilmente nas pessoas.					
55	Eu me sinto calmo perto de outras pessoas.					
56	Eu tenho familiares que posso conversar se eu precisar.					
57	Eu sinto que tenho pessoas para me ajudar no que eu precisar.					
58	Eu acredito que posso contar com minha família se algo der errado.					
59	Eu rapidamente esqueço os motivos que me deixaram magoado.					
60	Eu entendo facilmente as coisas.					
61	Eu confio facilmente nas pessoas.					
62	Eu expresso minhas opiniões com respeito e cuidado.					
63	Eu sinto raiva a ponto de não conseguir estudar/trabalhar.					
64	Eu faço bem as atividades que preciso fazer.					
65	Eu demoro a ficar bravo.					
66	Eu acredito que toda crítica (positiva ou negativa) é importante para o meu crescimento.					

Obrigado pela sua participação!

Anexo 7 – Aprovação projeto no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos

Pesquisador: Karina da Silva Oliveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67494423.4.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.084.190

Apresentação do Projeto:

Segundo as informações do resumo do projeto, a pesquisa é apresentada da seguinte forma: “A resiliência pode ser entendida como um construto psicológico que se refere a capacidade de adaptação positiva frente a uma adversidade, percebida ou real, composta por diversos sistemas e que pode ser apresentada por qualquer pessoa em qualquer momento da vida. Indiferente a sua relevância, observa-se a escassez de instrumentos para mensurar a resiliência, notadamente materiais que sejam brasileiros. Dessa forma, o objetivo desse estudo é construir uma escala de resiliência para adolescentes e jovens adultos, e investigar as propriedades psicométricas iniciais através de quatro estudos. No estudo 1 apresenta-se a teoria psicológica que fundamenta o instrumento, assim como os 133 itens iniciais, em formato Likert de autorrelato para o material intitulado, por hora, de “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”. O segundo estudo buscará evidências de validade de conteúdo, sendo previstas duas etapas. Para a primeira, 5 especialistas serão convidados a avaliarem os itens quanto a sua clareza, relevância e pertinência através de um formulário online, que contará com questões sociodemográficas dos profissionais. As análises envolverão a concordância entre os juízes, através do Índice Kappa (k), o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) e a correlação simples entre as respostas dos juízes. Na segunda etapa, participarão oito indivíduos (quatro de cada extremo da faixa de avaliação). Será utilizada a versão do instrumento após a análise dos juízes e um questionário sociodemográfico. Os participantes serão agrupados por suas idades, e convidados a responderem ao instrumento a

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.084.190

fim de verificar a adequação e compreensão dos itens junto a população-alvo. Os dados serão analisados de forma qualitativa. No estudo 3, verificar-se-á as adequações das instruções e das formas de aplicação junto a população-alvo. Para isso, serão convidados 50 participantes (possivelmente 50% adolescentes e 50% jovens adultos). Serão aplicadas a versão do instrumento após análise dos juízes e semântica, assim como um questionário sociodemográfico. Os dados serão analisados de forma qualitativa. Por fim, o estudo 4, voltar-se-á para as evidências de validade baseadas na estrutura interna e confiabilidade. O número de participantes se dará pela proporção de 10 pessoas por item do instrumento, portanto, o tamanho da amostra será definido após a condução dos estudos 2 e 3. Dessa forma, serão aplicados a respectiva versão do teste e um questionário sociodemográfico. Para analisar os dados será feita uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) e uma análise multivariada baseada na Teoria de Resposta ao Item (TRI). Espera-se encontrar evidências psicométricas iniciais do instrumento desenvolvido, fundamentando estudos futuros que visem o refinamento do material e consequente dis-ponibilização para uso profissional.”

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o pesquisador, o objetivo principal da pesquisa é: “Construir uma escala de resiliência para adolescentes e jovens adultos e investigar as propriedades psicométricas iniciais.”

Os objetivos secundários do projeto são “i) operacionalizar o comportamento resiliente; ii) investigar evidências de validade baseada no conteúdo; iii) adequar instrumento junto a população alvo com estudo piloto; iv) investigar evidências de validade baseada na estrutura interna com análise fatorial exploratória; e v) verificar confiabilidade do instrumento analisando a consistência interna.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos apontados no projeto são descritos da seguinte forma do resumo do projeto: “O instrumento Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos foi desenvolvido com finalidade de auxiliar em processos de avaliação de potenciais resilientes na adolescência e no início da vida adulta. É apresentado em formato de perguntas que o próprio participante responde com base em si mesmo (autorrelato). O instrumento visa avaliar indivíduos com idade entre 12 a 30 anos. As perguntas são sobre seus os comportamentos, crenças, atitudes e intenções do participante. Portanto, não são esperados riscos, entretanto, o possível risco é o desconforto

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS

Continuação do Parecer: 6.084.190

psicológico, pois o participante pode se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins, se isso acontecer, ele poderá pausar o preenchimento, não responder questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade. Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. Ressalta-se, no entanto, que tal resultado não é esperado e se ocorrer, provavelmente deve envolver apenas uma reduzida parcela da amostra." Estes mesmos riscos ao participante estão detalhados nos TCLEs e TALEs apresentados.

Segundo o resumo da pesquisa os benefícios do projeto são descritos da seguinte forma: Como a pesquisa se dará principalmente através de instituições educacionais (ensino fundamental anos finais, ensino médio e ensino superior), será oferecido a todas as instituições participantes, ao final da pesquisa, um relatório final, contendo um breve resumo teórico acerca da temática, delineamentos metodológicos utilizados, resultados, bem como materiais teóricos para futuras consultas. Cabe esclarecer que não serão realizadas devolutivas individuais. Por sua vez, para os participantes, entende-se que há benefícios decorrentes da colaboração uma vez que ao serem apresentados aos itens dos diferentes instrumentos, é possível que os participantes ampliem seus repertórios comportamentais, aprofundem compreensões sobre suas estratégias de enfrentamento e adaptação. Do ponto de vista científico, o presente trabalho poderá contribuir para a identificação do potencial resiliente em indivíduos a partir de doze anos. Cabe destacar que este é um ganho importante para a área da Avaliação Psicológica no país, tendo em vista a lacuna existente quanto aos instrumentos que avaliem a resiliência na adolescência e início da vida adulta, na faixa etária selecionada. Caso os resultados da investigação das qualidades psicométricas do teste em construção se mostrem positivos, novos estudos serão planejados até sua disponibilização para uso profissional. Outro benefício envolve o uso, futuro, do instrumental como uma ferramenta de rastreio e identificação de situações adversas na adolescência e início da vida adulta, assim como fatores de risco e proteção. Tais informações poderão ser usadas como guia para a elaboração de programas e planejamento de intervenções individualizadas, que considerem os fatores ambientais e pessoais de cada sujeito. Importante dizer que no Brasil a identificação destas características na adolescência e início da vida adulta, ainda é realizada de forma prioritariamente qualitativa, e cada pesquisador ou profissional da Psicologia assume perspectivas teóricas diferentes acerca da resiliência, o que por sua vez tende a dificultar o

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.084.190

diálogo e a compreensão acerca das potencialidades e dificuldades do indivíduo. Assim, espera-se que o instrumento possa auxiliar a prática profissional no desenvolvimento, e no aprimoramento de habilidades relacionadas ao enfrentamento de situações adversas.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área de Psicologia com previsão de término em 01/07/2023.

As solicitações do COEP foram atendidas: 1) Foi detalhado no projeto completo o procedimento de recrutamento para os participantes no Estudo 2; e 2) Foram feitas as seguintes alterações ao TCLE:

- a) Incluído espaço de assinatura do pesquisador responsável em cada termo
- b) Incluídos dados de contato do pesquisador responsável (não somente o orientando) nos termos

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos: folha de rosto assinada, parecer consubstanciado do Departamento de Psicologia, documento de aprovação do parecer consubstanciado, informações básicas do projeto, projeto completo, instrumento a ser avaliado, TCLE para os juízes no Estudo 1, modelos de cartas de anuência para a escola onde terá recrutamento e aplicação do instrumento no Estudo 3 e Estudo 4. TCLE, TALE e TCLE dos responsáveis para os participantes no Estudo 2, Estudo 3 e Estudo 4, respectivamente.

Os TCLEs e TALEs estão escritos com linguagem adequada com as informações necessárias.

Recomendações:

Recomenda-se a aprovação do projeto de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Somos favoráveis à aprovação do projeto “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” da pesquisadora responsável Profa. Dra. Karina da Silva Oliveira.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.084.190

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2086555.pdf	26/04/2023 18:30:23		Aceito
Outros	cartaRespostaCEP.pdf	26/04/2023 18:29:11	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo13TCLEadultosEstudo4_ATT.pdf	26/04/2023 18:28:35	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo12TCALEadolescenteEstudo4_ATT.pdf	26/04/2023 18:28:24	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo11TCLEpaisEstudo4_ATT.pdf	26/04/2023 18:28:14	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo10CARTAINstituicaoEstudo4_ATT.pdf	26/04/2023 18:28:01	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo9TCLEadultosEstudo3_ATT.pdf	26/04/2023 18:27:50	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo8TCALEadolescenteEstudo3_ATT.pdf	26/04/2023 18:27:36	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo7TCLEpaisEstudo3_ATT.pdf	26/04/2023 18:27:26	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo6CARTAINstituicaoEstudo3_ATT.pdf	26/04/2023 18:27:19	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo5TCLEadultosEstudo2_ATT.pdf	26/04/2023 18:27:05	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo4TCALEadolescenteEstudo2_ATT.pdf	26/04/2023 18:26:54	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.084.190

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo3TCLEpaisEstudo2_ATT.pdf	26/04/2023 18:26:46	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo2TCLEjuizesEstudo2_ATT.pdf	26/04/2023 18:26:38	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoCompleto_ATT.pdf	26/04/2023 17:45:37	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
Parecer Anterior	ParecerADreferendum.pdf	24/02/2023 17:29:32	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	17/02/2023 13:20:43	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
Outros	anexo1INSTRUMENTO.pdf	10/02/2023 13:13:12	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito
Parecer Anterior	Parecer.pdf	10/02/2023 13:12:12	FELIPE BIGOTO DA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 26 de Maio de 2023

Assinado por:
Corinne Davis Rodrigues
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Anexo 8 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para juízes, para realização do Estudo 2 – validade de conteúdo (análise de juízes)

Prezado,

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais de uma escala de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvida pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa. **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos ao participante. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidade. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que ninguém será identificado em qualquer circunstância.**

Ao aceitar este convite, você **avaliará os itens do teste psicológico intitulado inicialmente como “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”** a partir de um formulário do Google Forms. O instrumento foi elaborado a partir do modelo teórico de Prince-Embury (2010), que pensa a resiliência em 3 grandes fatores, sendo dois fatores protetivos (maestria e pertencimento) e um fator de vulnerabilidade (reatividade emocional). Além disso, os fatores são divididos em subfatores: otimismo, autoeficácia e adaptabilidade (maestria), confiança, acesso a suporte, conforto social e tolerância as diferenças (pertencimento) e sensibilidade, recuperação e prejuízo (reatividade emocional). Para realizar tal análise, solicito duas tarefas. Primeiramente é de identificar a qual faceta o item pertence, e segundo, informar o quão acha que o item é claro, relevante e pertinente em uma escala tipo Likert de 4 pontos. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 90 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A sua participação na pesquisa se dá analisando os itens que podem representar comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder o questionário poderá ser a tensão de realizar atividades desse tipo, podendo interromper o processo a qualquer momento, sem prejuízo pessoal ou profissional.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **Você está amparado pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Caso autorize sua participação nessa pesquisa por favor, assine a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a escola uma cópia assinada.** Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE XXXXXX. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa

Mestrando de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento

Orientadora: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais

felipebigoto@ufmg.br

Eu, _____, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo minha participação.

Data: ____/____/202____,

Assinatura: _____

Anexo 9 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para pais e/ou responsáveis para a realização do Estudo 2 – validade de conteúdo (análise semântica)

Prezados pais e/ou responsáveis,

Gostaríamos de solicitar sua autorização para que seu(a) filho(a) da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvida pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa. **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

A participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos ao participante. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização de seu(a) filho(a) a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidades. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que nem a família, nem o adolescente, nem a escola será identificada em qualquer circunstância.**

Ao aceitarem este convite, seu(a) filho(a) **responderá ao teste psicológico intitulado inicialmente como “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”**. As respostas aos itens do teste serão dadas individualmente, porém a criança estará acompanhada dos demais colegas de turma no momento da aplicação do teste. Desta forma, a aplicação do teste se dará na sala de aula, durante o horário escolar, em momento previamente agendado com a escola, a fim de que a participação na pesquisa que não traga prejuízos ao aprendizado curricular dos adolescentes. O pesquisador (ou outro membro da equipe) será responsável por apresentar o teste em formato de lápis e papel, e estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Todos os protocolos sanitários serão assegurados. Caso algum adolescente não queira participar da pesquisa, poderá fazê-lo. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 30 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A participação do adolescente na pesquisa se dá dizendo se entendeu o que uma pergunta quer dizer, com base na forma como foi escrita, são perguntas sobre seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder tais questões são mínimos, porém pode ocorrer o desconforto, pois o adolescente poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins. Caso isso aconteça, o adolescente poderá interromper a participação livremente.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **Vocês estão amparados pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Caso autorize que seu(a) filho(a) participe desta pesquisa por favor, assine a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a escola uma cópia assinada.** Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE 67494423.4.0000.5149. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo a participação de meu(a) filho(a) na mesma.

Nome do adolescente: _____

Data: ____/____/202____,

Assinatura dos pais e/ou responsáveis: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 

Anexo 10 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para adolescentes para a realização do Estudo 2 – validade de conteúdo (análise semântica)

Olá,

Gostaria de te convidar para participar de uma pesquisa. **Nesta pesquisa queremos construir um teste psicológico chamado “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”, esse teste se destina a pessoas entre 12 e 30 anos.** Se a sua idade estiver entre essa faixa, se seus pais ou responsáveis autorizarem a sua participação e se você quiser e aceitar participar desse estudo, você será convidado a dizer sobre seu entendimento sobre as perguntas do teste, são questões sobre seus próprios comportamentos, sentimentos e crenças. **Nos encontraremos em uma sala de aula da sua escola providenciada pelos responsáveis pela escola, no horário de aula, em um dia e horário combinado com antecedência para você não ter nenhum prejuízo com as suas atividades.** Nesta sala, estará você, seus colegas de turma, o pesquisador (ou outro membro da equipe) que estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. **Nós seguiremos todos os protocolos sanitários. Caso não queira participar da pesquisa, você poderá fazê-lo, sem nenhuma penalidade. Todas as respostas serão guardadas em um banco de dados digital em sigilo.**

Os seus pais/responsáveis receberam um documento com os detalhes desse projeto, lá está escrito que você pode deixar de participar no momento que achar melhor. Por isso, caso se sinta cansado(a) ou sinta qualquer outro desconforto, você poderá parar de participar no momento que quiser. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que nem a sua família, nem seu nome e suas informações, nem a sua escola será identificada em qualquer circunstância.**

Esperamos contar com sua colaboração, e nos colocamos à disposição para oferecer todo e qualquer esclarecimento necessário, antes, durante e após a realização da pesquisa, por isso se tiver qualquer dúvida, você e a sua família, podem nos procurar. Esses são os nossos contatos: Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através CAAE 67494423.4.0000.5149 do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira
(karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, quero participar desta e autorizo minha participação.

Data: ____/____/202__.

Assinatura: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 

Anexo 11 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para adultos para realização do Estudo 2 – validade de conteúdo (análise semântica)

Prezados participante,

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvida pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa. **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos ao participante. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidades. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que ninguém será identificado em qualquer circunstância.**

Ao aceitar este convite, **você responderá ao** As respostas aos itens do teste serão dadas individualmente, porém a aplicação será realizada coletivamente, junto com seus colegas de classe. Desta forma, a aplicação do teste se dará na sala de aula, durante o horário da universidade, em momento previamente agendado com a instituição, a fim de que a participação na pesquisa que não traga prejuízos ao seu aprendizado curricular. O pesquisador (ou outro membro da equipe) será responsável por apresentar o teste em formato de lápis e papel, e estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Todos os protocolos sanitários serão assegurados. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 30 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A sua participação na pesquisa se dá dizendo se entendeu o que uma pergunta quer dizer, com base na forma como foi escrita, são perguntas sobre seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder tais questões poderá ser o desconforto, pois você poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins, se isso acontecer, você poderá pausar o preenchimento, não responder à questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **Você está amparado pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Caso autorize sua participação nessa pesquisa por favor, assine a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a escola uma cópia assinada.** Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE 67494423.4.0000.5149. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)


Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo minha participação.

Data: ____/____/202____,

Assinatura: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 

Anexo 12 – Carta de apresentação para a realização do Estudo 3 – estudo piloto

Prezado(a) Senhor(a) Diretor(a)/Responsável, esperamos que esteja bem.

Gostaríamos de solicitar sua autorização para que os estudantes da sua instituição participem da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvido pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa, que é membro do Laboratório de Avaliação e Intervenção na Saúde (LAVIS). **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

A participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos aos participantes. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização de realização da pesquisa na instituição a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidades. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que nem a família, nem o estudante, nem a instituição será identificada em qualquer circunstância.**

Ao aceitar este convite, os estudantes serão solicitados a **responder ao teste psicológico intitulado inicialmente como “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”**. As respostas aos itens do teste serão dadas individualmente, porém a aplicação será realizada coletivamente, junto com seus colegas de classe. Desta forma, a aplicação do teste se dará na sala de aula, durante o horário de aula, em momento previamente agendado com a instituição, a fim de que a participação na pesquisa que não traga prejuízos ao aprendizado curricular dos estudantes. O pesquisador (ou outro membro da equipe) será responsável por apresentar o teste em formato de lápis e papel, e estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Todos os protocolos sanitários serão assegurados. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 20 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A participação dos estudantes na pesquisa se dá respondendo perguntas sobre seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder o questionário poderá ser o desconforto, pois você poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins, se isso acontecer, você poderá pausar o preenchimento, não responder à questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **A instituição, os estudantes e as famílias estão amparadas pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Como forma de agradecimento, será oferecido à instituição um relatório final, contendo um breve resumo teórico acerca da temática, delineamentos metodológicos utilizados, resultados, bem como materiais teóricos para futuras consultas. Esperamos contar com sua colaboração, e nos colocamos à disposição para oferecer todo e qualquer esclarecimento necessário, antes, durante e após a realização da pesquisa. Caso autorize que os estudantes dessa instituição participem desta pesquisa por favor, assinie a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a pesquisador uma cópia assinada.**

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE 67494423.4.0000.5149. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, na função de _____ da instituição _____, autorizo a execução da pesquisa acima citada, após ter sido esclarecido(a) sobre os objetivos da mesma.

Data ____/____/202____,

Assinatura (e carimbo): _____

Assinatura pesquisador responsável: _____

Anexo 13 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para pais e/ou responsáveis dos estudantes para a realização do Estudo 3 – estudo piloto

Prezados pais e/ou responsáveis,

Gostaríamos de solicitar sua autorização para que seu(a) filho(a) da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvida pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa. **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

A participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos ao participante. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização de seu(a) filho(a) a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidades. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que nem a família, nem o adolescente, nem a escola será identificada em qualquer circunstância.**

Ao aceitarem este convite, seu(a) filho(a) responderá ao teste psicológico intitulado inicialmente como “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”. As respostas aos itens do teste serão dadas individualmente, porém a criança estará acompanhada dos demais colegas de turma no momento da aplicação do teste. Desta forma, a aplicação do teste se dará na sala de aula, durante o horário escolar, em momento previamente agendado com a escola, a fim de que a participação na pesquisa que não traga prejuízos ao aprendizado curricular dos adolescentes. O pesquisador (ou outro membro da equipe) será responsável por apresentar o teste em formato de lápis e papel, e estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Todos os protocolos sanitários serão assegurados. Caso algum adolescente não queira participar da pesquisa, poderá fazê-lo. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 20 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A participação do adolescente na pesquisa se dá respondendo perguntas sobre seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder o questionário são mínimos, porém pode ocorrer o desconforto, pois o adolescente poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins. Caso isso aconteça, o adolescente poderá interromper a participação livremente.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **Vocês estão amparados pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Caso autorize que seu(a) filho(a) participe desta pesquisa por favor, assine a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a escola uma cópia assinada.** Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE 67494423.4.0000.5149. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo a participação de meu(a) filho(a) na mesma.

Nome do adolescente: _____

Data: ____/____/202____,

Assinatura dos pais e/ou responsáveis: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 

Anexo 14 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para adolescentes para a realização do Estudo 3 – estudo piloto

Olá,

Gostaria de te convidar para participar de uma pesquisa. **Nesta pesquisa queremos construir um teste psicológico chamado “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”, esse teste se destina a pessoas entre 12 e 30 anos.** Se a sua idade estiver entre essa faixa, se seus pais ou responsáveis autorizarem a sua participação e se você quiser e aceitar participar desse estudo, você será convidado a responder ao teste, respondendo perguntas sobre seus próprios comportamentos, sentimentos e crenças. **Nos encontraremos em uma sala de aula da sua escola providenciada pelos responsáveis pela escola, no horário de aula, em um dia e horário combinado com antecedência para você não ter nenhum prejuízo com as suas atividades.** Nesta sala, estará você, seus colegas de turma, o pesquisador (ou outro membro da equipe) que estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. **Nós seguiremos todos os protocolos sanitários. Caso não queira participar da pesquisa, você poderá fazê-lo, sem nenhuma penalidade. Todas as respostas serão guardadas em um banco de dados digital em sigilo.**

Os seus pais/responsáveis receberam um documento com os detalhes desse projeto, lá está escrito que você pode deixar de participar no momento que achar melhor. Por isso, caso se sinta cansado(a) ou sinta qualquer outro desconforto, você poderá parar de participar no momento que quiser. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que nem a sua família, nem seu nome e suas informações, nem a sua escola será identificada em qualquer circunstância.**

Esperamos contar com sua colaboração, e nos colocamos à disposição para oferecer todo e qualquer esclarecimento necessário, antes, durante e após a realização da pesquisa, por isso se tiver qualquer dúvida, você e a sua família, podem nos procurar. Esses são os nossos contatos: Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através CAAE 67494423.4.0000.5149 do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira
(karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, quero participar desta e autorizo minha participação.

Data: ___/___/202__.

Assinatura: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____



Anexo 15 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para adultos, para realização do Estudo 3 – estudo piloto

Prezados participante,

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvida pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa. **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos ao participante. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidades. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que ninguém será identificado em qualquer circunstância.**

Ao aceitar este convite, **você responderá ao teste psicológico intitulado inicialmente como “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”**. As respostas aos itens do teste serão dadas individualmente, porém a aplicação será realizada coletivamente, junto com seus colegas de classe. Desta forma, a aplicação do teste se dará na sala de aula, durante o horário da universidade, em momento previamente agendado com a instituição, a fim de que a participação na pesquisa que não traga prejuízos ao seu aprendizado curricular. O pesquisador (ou outro membro da equipe) será responsável por apresentar o teste em formato de lápis e papel, e estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Todos os protocolos sanitários serão assegurados. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 20 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A sua participação na pesquisa se dá respondendo perguntas sobre seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder o questionário poderá ser o desconforto, pois você poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins, se isso acontecer, você poderá pausar o preenchimento, não responder à questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **Você está amparado pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Caso autorize sua participação nessa pesquisa por favor, assine a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a escola uma cópia assinada.** Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE 67494423.4.0000.5149. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo minha participação.

Data: ____/____/202____,

Assinatura: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 

Anexo 16 – Carta de apresentação para a realização do Estudo 4 – validade de estrutura interna

Prezado(a) Senhor(a) Diretor(a)/Responsável, esperamos que esteja bem.

Gostaríamos de solicitar sua autorização para que os estudantes da sua instituição participem da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvido pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa, que é membro do Laboratório de Avaliação e Intervenção na Saúde (LAVIS). **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

A participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos aos participantes. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização de realização da pesquisa na instituição a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidades. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que nem a família, nem o estudante, nem a instituição será identificada em qualquer circunstância.**

Ao aceitar este convite, os estudantes serão solicitados a **responder ao teste psicológico intitulado inicialmente como “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”**. As respostas aos itens do teste serão dadas individualmente, porém a aplicação será realizada coletivamente, junto com seus colegas de classe. Desta forma, a aplicação do teste se dará na sala de aula, durante o horário de aula, em momento previamente agendado com a instituição, a fim de que a participação na pesquisa que não traga prejuízos ao aprendizado curricular dos estudantes. O pesquisador (ou outro membro da equipe) será responsável por apresentar o teste em formato de lápis e papel, e estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Todos os protocolos sanitários serão assegurados. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 20 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A participação dos estudantes na pesquisa ser se dá respondendo perguntas sobre seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder o questionário poderá ser o desconforto, pois você poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins, se isso acontecer, você poderá pausar o preenchimento, não responder à questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **A instituição, os estudantes e as famílias estão amparadas pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Como forma de agradecimento, será oferecido à instituição um relatório final, contendo um breve resumo teórico acerca da temática, delineamentos metodológicos utilizados, resultados, bem como materiais teóricos para futuras consultas. Esperamos contar com sua colaboração, e nos colocamos à disposição para oferecer todo e qualquer esclarecimento necessário, antes, durante e após a realização da pesquisa. Caso autorize que os estudantes dessa instituição participem desta pesquisa por favor, assinie a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a pesquisadora uma cópia assinada.**

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE 67494423.4.0000.5149. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognition e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, na função de _____ da instituição _____, autorizo a execução da pesquisa acima citada, após ter sido esclarecido(a) sobre os objetivos da mesma.

Data ____/____/202__.

Assinatura (e carimbo): _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 

Anexo 17 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para pais e/ou responsáveis dos estudantes para a realização do Estudo 4 – validade de estrutura interna

Prezados pais e/ou responsáveis,

Gostaríamos de solicitar sua autorização para que seu(a) filho(a) da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvida pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa. **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

A participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos ao participante. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização de seu(a) filho(a) a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidades. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que nem a família, nem o adolescente, nem a escola será identificada em qualquer circunstância.**

Ao aceitarem este convite, seu(a) filho(a) responderá ao teste psicológico intitulado inicialmente como “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”. As respostas aos itens do teste serão dadas individualmente, porém a criança estará acompanhada dos demais colegas de turma no momento da aplicação do teste. Desta forma, a aplicação do teste se dará na sala de aula, durante o horário escolar, em momento previamente agendado com a escola, a fim de que a participação na pesquisa que não traga prejuízos ao aprendizado curricular dos adolescentes. O pesquisador (ou outro membro da equipe) será responsável por apresentar o teste em formato de lápis e papel, e estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Todos os protocolos sanitários serão assegurados. Caso algum adolescente não queira participar da pesquisa, poderá fazê-lo. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 20 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A participação do adolescente na pesquisa se dá respondendo perguntas sobre seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder o questionário são mínimos, porém pode ocorrer o desconforto, pois o adolescente poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins. Caso isso aconteça, o adolescente poderá interromper a participação livremente.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **Vocês estão amparados pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Caso autorize que seu(a) filho(a) participe desta pesquisa por favor, assine a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a escola uma cópia assinada.** Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE 67494423.4.0000.5149. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais


Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo a participação de meu(a) filho(a) na mesma.

Nome do adolescente: _____

Data: ____/____/202____,

Assinatura dos pais e/ou responsáveis: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 

Anexo 18 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para adolescentes para a realização do Estudo 4 – validade de estrutura interna

Olá,

Gostaria de te convidar para participar de uma pesquisa. **Nesta pesquisa queremos construir um teste psicológico chamado “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”, esse teste se destina a pessoas entre 12 e 30 anos.** Se a sua idade estiver entre essa faixa, se seus pais ou responsáveis autorizarem a sua participação e se você quiser e aceitar participar desse estudo, você será convidado a responder ao teste, respondendo perguntas sobre seus próprios comportamentos, sentimentos e crenças. **Nos encontraremos em uma sala de aula da sua escola providenciada pelos responsáveis pela escola, no horário de aula, em um dia e horário combinado com antecedência para você não ter nenhum prejuízo com as suas atividades. Nesta sala, estará você, seus colegas de turma, o pesquisador (ou outro membro da equipe) que estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Nós seguiremos todos os protocolos sanitários. Caso não queira participar da pesquisa, você poderá fazê-lo, sem nenhuma penalidade. Todas as respostas serão guardadas em um banco de dados digital em sigilo.**

Os seus pais/responsáveis receberam um documento com os detalhes desse projeto, lá está escrito que você pode deixar de participar no momento que achar melhor. Por isso, caso se sinta cansado(a) ou sinta qualquer outro desconforto, você poderá parar de participar no momento que quiser. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que nem a sua família, nem seu nome e suas informações, nem a sua escola será identificada em qualquer circunstância.**

Esperamos contar com sua colaboração, e nos colocamos à disposição para oferecer todo e qualquer esclarecimento necessário, antes, durante e após a realização da pesquisa, por isso se tiver qualquer dúvida, você e a sua família, podem nos procurar. Esses são os nossos contatos: Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através CAAE 67494423.4.0000.5149 do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)


Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, quero participar desta e autorizo minha participação.

Data: ____/____/202__.

Assinatura: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 

Anexo 19 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para adultos para realização do Estudo 4 – validade de estrutura interna

Prezados participante,

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa “Construção e investigação das qualidades psicométricas iniciais do instrumento indicadores de resiliência para adolescentes e jovens adultos” desenvolvida pelo pesquisador Felipe Bigoto da Costa. **Os objetivos desta pesquisa são construir um instrumento que visa medir a resiliência em adolescentes e jovens adultos, onde a faixa etária é entre 12 e 30 anos.**

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não são previstas vantagens financeiras, ou custos ao participante. Assim, **você poderá autorizar e/ou retirar a autorização a qualquer momento**, sem qualquer prejuízo ou penalidades. **Todas as informações coletadas serão sigilosas, de modo que ninguém será identificado em qualquer circunstância.**

Ao aceitar este convite, **você responderá ao teste psicológico intitulado inicialmente como “Indicadores de Resiliência para Adolescentes e Jovens Adultos”**. As respostas aos itens do teste serão dadas individualmente, porém a aplicação será realizada coletivamente, junto com seus colegas de classe. Desta forma, a aplicação do teste se dará na sala de aula, durante o horário da universidade, em momento previamente agendado com a instituição, a fim de que a participação na pesquisa que não traga prejuízos ao seu aprendizado curricular. O pesquisador (ou outro membro da equipe) será responsável por apresentar o teste em formato de lápis e papel, e estará acompanhado do(a) professor(a) responsável pela turma. Todos os protocolos sanitários serão assegurados. Espera-se que a participação na pesquisa tenha duração de até 20 minutos. **Os dados das respostas serão organizados em um banco de dados digital sigiloso.**

A sua participação na pesquisa se dá respondendo perguntas sobre seus próprios comportamentos, crenças, atitudes e intenções. **Por isso os riscos de participação ao responder o questionário poderá ser o desconforto, pois você poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins, se isso acontecer, você poderá pausar o preenchimento, não responder à questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade.** Ainda, se qualquer outro desconforto for experimentado durante a participação, será oferecido acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como será feito o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. **Você está amparado pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, podendo solicitar suporte nos termos descritos na referida resolução.**

Caso autorize sua participação nessa pesquisa por favor, assine a ficha abaixo. **É importante que você guarde uma cópia deste termo com você e encaminhe para a escola uma cópia assinada.** Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, com o número CAAE 67494423.4.0000.5149. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com o pesquisador Felipe Bigoto da Costa, pelo e-mail felipebigoto@ufmg.br. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (31) 3409-4592, e/ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

Agradecemos a colaboração.

Felipe Bigoto da Costa (felipebigoto@ufmg.br)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Cognição e Comportamento da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador e pesquisador responsável: Prof. Dra. Karina da Silva Oliveira (karinaoliveira@ufmg.br)

Eu, _____, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo minha participação.

Data: ____/____/202____,

Assinatura: _____

Assinatura pesquisador responsável: _____ 